

RESULTADOS ORNITOLÓGICOS DE QUATRO RECENTES EXPEDIÇÕES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA AO NORDESTE DO BRASIL, COM A DESCRIÇÃO DE SEIS NOVAS SUBESPECIES

OLIVERIO M. DE O. PINTO
EURICO A. DE CAMARGO

Tem o presente estudo por objeto apresentar uma sumula dos resultados ornitológicos de quatro expedições de coleta empreendidas no nordeste brasileiro pelo Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, valendo-se não só dos recursos postos à sua disposição pelo Conselho Nacional de Pesquisas, benemerita organização cujo papel no desenvolvimento da pesquisa científica entre nós é desnecessário encarecer, como também do auxílio financeiro advindo de uma bem-vinda colaboração com o Los Angeles County Museum, conhecida instituição congenera, com sede nos Estados Unidos (California).

Enquadram-se essas excursões no programa inaugurado por um de nós há cerca de vinte anos atrás (dez. de 1938-jan. de 1939), sob os auspícios do Museu Paulista, quando o Estado de Pernambuco foi escolhido por Pinto (135) como ponto de partida da exploração metódica de uma vasta região do território nacional, das menos conhecidas zoológicamente até então. Esta viagem foi complementada por uma segunda visita à mesma região (setembro de 1950), muito breve aliás. Também concorreram para o melhor conhecimento da avifauna do referido Estado observações ali levadas a cabo no transcurso de quatro anos (1943-47) por D. W. Lamm (83:261-83), das forças aéreas norte-americanas estacionadas entre nós durante a última guerra, e a excursão ornitológica de H. Berla (6), patrocinada pelo Museu Nacional, de modo que o Estado em questão pode ter-se como

dos mais bem explorados do ponto de vista da avifauna.

Já o mesmo não acontecia com o de Alagoas, que do ponto de vista ornitológico era terra praticamente ignota antes das excursões ali realizadas pelo Departamento de Zoologia nos anos de 1951-52, com resultados que não ficaram abaixo da expectativa e foram dados à publicidade em tempo próprio por Pinto (144:1-97).

No mesmo espírito é que se empreenderam as viagens de coleta de que se ocupa o presente trabalho, uma no decorrer de 1957 e outra no seguinte ano de 1958.

A primeira destas expedições (1957) iniciou os seus trabalhos por uma terceira visita ao Estado de Alagoas, onde foram feitas duas estações, uma, durante os meses de fevereiro e março, na Usina Sinumbu, e outra, entre fins de março e meados de abril, na localidade interiorana conhecida pelo nome de Engenho Riachão, a pouca distância de Quebrangulo. Tratando-se de pontos já anteriormente explorados (nos anos, respectivamente, de 1952 e 1951) teve-se aqui em vista suplementar o obtido nas visitas anteriores, sem grandes resultados aliás, dado que a primeira estação de coleta só concorreu com 40 e a segunda com 24 espécies diferentes. Em seguida, rumaram os excursionistas para o Estado da Paraíba, só ornitológicamente conhecido através dos escassos espécimes colecionados no século passado por W. A. Forbes (40) e das recentes observações consignadas por Lamm (83).

Na Paraíba o primeiro ponto visitado foi o povoado de Curema, localizado no sertão, não longe de Piancó; os trabalhos prolongaram-se ali de abril a junho, propiciando a coleta de varias formas das mais representativas da avifauna das zonas secas do interior nordestino, entre as quais *Columba picazuro marginalis*, belo columbida que de há muito se punha grande empenho em conseguir, sem resultado. Passando-se para o litoral, escolheram os colecionadores a região de Mamanguape, onde se detiveram quase todo o mês de julho, parte despendido nas matas circunjacentes do vilarejo conhecido pelo nome de Uruba, e parte nos mangues e capueiras de Camaratuba. A viagem à Paraíba rendeu 230 especies ornitologicas, sendo 112 de Curema e 118 de Mamanguape.

A expedição de 1958 realizou-se igualmente em duas etapas, a primeira das quais realizada na região oeste-setentrional do Estado da Bahia banhada pelo Rio Grande e seu afluente Rio Preto. Chegando à cidade da Barra no dia 5 de março, após 6 dias de viagem Rio São Francisco abaixo, desde Pirapora, conta o Sr. E. Dente em seu relatório ter no dia 8 seguido para Buritirama, miserimo povoado situado a 18 leguas de distancia, em territorio alagadiço, cercado de carrascais e caatingas semideserticas. O movel principal dessa visita era, antes de tudo, verificar a possível existência ali de duas raras especies de araras, umas das quais, *Cyanopsitta spixii*, sabidamente peculiar à zona, e a outra, *Anodorhynchus leari*, com patria presumivel na mesma região. Ambos os objetivos se viram porem frustrados, não sendo possível sequer obter dos nativos qualquer informação util a respeito do assunto. Como, alem disso, a permanencia no local não se mostrasse promissora sob quaisquer pontos de vista, já nos dias 24 levantavam os colecionadores o acampamento, regressando a Barra, com 375 peças preparadas, inclusive mamiferos (datados de 10 a 22 de março). No dia 25, dando prosseguimento aos trabalhos, deixaram novamente a cidade da Barra, rumando desta vez para oeste, ao longo da margem esquerda (setentrional) do Rio Grande e seu afluente Rio Preto, até Santa-Rita-de-Cassia, onde estiveram

instalados até o dia 12 de abril. Em Maracujá, lugarejo distante 6 leguas de Santa-Rita-de-Cassia e agora escolhido como centro de operações, em face do malogro constante das tentativas para conseguir os alvos principais que tinham em mira, resolveram os colecionadores, após breve permanencia de dois dias (23 a 25 de abril), aventurar uma excursão pela zona lindeira do vizinho Estado do Piaui, até a cidade de Corrente, a que chegaram margeando pelo lado direito o rio do mesmo nome, depois de atravessar, no percurso, o Rio Paraim (18 de abril). No dia seguinte, marchando ao longo do Rio Corrente, até as suas brejosas cabeceiras, onde abundam buritizais, foram vistas as primeiras araras; mas, como o provaram os dois exemplares abatidos então, tratava-se da grande arara azul, *Anodorhynchus hyacinthinus*, e da arara canindé, *Ara ararauna* (especime remetido ao Los Angeles Museum). Sabendo-se que a proxima lagoa Parnaguá, onde vão ter as aguas do Rio Corrente, foi o unico ponto em que o O. Reiser (155: 114) conseguiu ver em liberdade *Cyanopsitta spixii*, podia se ter desde então a certeza de que ainda desta vez seriam frustrados os esforços para consegui-la. Decidiu-se portanto retornar à cidade da Barra, com escala novamente por Maracujá (23 a 25 de abril) e Santa-Rita-de-Cassia. Uma semana de permanencia em Barra (26 de abril a 4 de maio) permitiu a coleta de alguns exemplares que fizeram ascender a 1.059 o total das peças preparadas.

A segunda etapa, bem mais produtiva qualitativamente, por isso que rendeu 250 especies ornitologicas (as da Bahia somam 143), teve como palco o Estado do Ceará, aliás, no que se refere à avifauna, um dos mais bem explorados do nordeste brasileiro; por isso que, pondo mesmo de parte as atividades do antigo Museu Rocha, de Fortaleza, ali estiveram varios colecionadores habéis, entre os quais Emilia Snethlage, Robert Becker e Heinrich Snethlage, citados por Hellmayr (67: 238-40) em seu clasico trabalho sobre a avifauna de toda a região. Infelizmente, à falta de relatório circunstanciado, pouco é possível referir a respeito dos episodios da jornada e da fisionomia dos lugares per-

corridos, sabendo-se todavia que os trabalhos de coleta iniciaram-se na região da Serra de Baturité, em terras do município de Pacoti, onde perduram ainda hoje apreciáveis reservas de mata, restos de certo de uma antiga vestimenta vegetal muito mais extensa e compacta. Alteando-se no meio da grande planura de que principalmente se constitui a terra cearense, goza a Serra de Baturité de clima tradicionalmente ameno, a contrastar com as altas temperaturas e a sequeidão que normalmente caracterizam o sertão nordestino. Isso condiciona a existencia de uma fauna particular, rica em formas endêmicas, quase todas já conhecidas dos zoólogos graças às explorações ali feitas nestes últimos cinquenta anos, e geralmente representadas na coleção agora estudada. Quase todas, porque apenas iremos descrever como novidade uma subespecie de araçari, por nós denominada *Selenidera gouldii baturitensis* n. subesp. Os expedicionários estiveram na Serra de 16 a 29 de julho, quando se transferiram para Açudinho, ponto não muito distante da primeira sede, mas já na baixada, naquilo a que chamam de bocado-sertão, dado que a vegetação florestal cede ali lugar aos cerrados de vegetação tolhiça conhecidos localmente pelo nome de carrascos. As outras estações de coleta feitas no Estado do Ceará,

foram no norte extremo do Estado, próximo do oceano, despendendo-se a princípio cerca de uma semana (17 a 25 de agosto) nas proximidades de Itapipoca, localidade situada 6 horas de viagem (de caminhão) a oeste de Fortaleza, entre cerrados e matas de tipo xerófilo. Em seguida, estiveram os colecionadores acampados perto de uma quinzena (26 de agosto a 8 de setembro) no lugarejo de nome Mosquito, município de Icarai, já na orla marítima, junto a grandes extensões de mangue.

A expedição de 1958 coincidiu com uma das grandes estiagens que flagelam periodicamente o nordeste brasileiro, criando ao desenvolvimento econômico da região obstáculos que até hoje vêm zombando dos ingêntes esforços desenvolvidos pelos poderes públicos para combatê-los. Essa circunstância, como nos foi informado pelos Srs. Camargo Andrade e E. Dente, respectivamente chefe e taxidermista da expedição, além de reduzir enormemente o rendimento do trabalho dos colecionadores, fê-los cancelar os seus projetos de maior internamento pelo sertão, já porque se tivesse a certeza de que provariam inúteis, já pelos riscos oferecidos pelo estado de ânimo da população interiorana, reduzida à situação de penúria e crescente desespero.

ELENCO DAS ESPÉCIES CONFORME A PROCEDÊNCIA

ESTADO DO CEARÁ

Crypturellus parvirostris
Crypturellus tataupa lepidotus
Nothura boraquira
Podiceps dominicus speciosus
Podilymbus podiceps antarcticus
Butorides striatus striatus
Florida caerulea
Casmerodius albus egretta
Leucophoyx thula thula
Hydranassa tricolor tricolor
Nyctanassa violacea cayennensis
Tigrisoma lineatum marmoratum
Dendrocygna viduata
Nettion brasiliense
Aythya erythrophthalma
Cathartes aura ruficollis
Buteo magnirostris nattereri

Buteo brachyurus
Buteogallus aequinoctialis
Milvago chimachima chimachima
Caracara plancus plancus
Falco fusco-caerulescens femoralis
Falco sparverius cearae
Aramus guarauna guarauna
Rallus longirostris crassirostris
Aramides cajanea cajanea
Laterallus melanophaius melanophaius
Porphyriops melanops melanops
Gallinula chloropus galeata
Porphyryula martinica
Jacana spinosa jacana
Belonopterus chilensis lampronotus
Squatarola squatarola
Charadrius hiaticula semipalmatus
Charadrius collaris

- Charadrius wilsonia wilsonia*
Numenius phaeopus hudsonicus
Tringa flavipes
Tringa melanoleuca
Tringa solitaria solitaria
Actites macularia
Arenaria interpres morinella
Capella paraguayiae paraguayiae
Ereunetes pusillus
Erolia minutilla
Himantopus himantopus mexicanus
Gelochelidon anglica grönvoldi
Zenaidura auriculata chrysauchenia
Scardafella squammata squammata
Columbina picui strepitans
Columbigallina minuta minuta
Columbigallina talpacoti talpacoti
Leptotila verreauxi approximans
Coccyzus melacoryphus
Piaya cayana ceareae
Tapera naevia naevia
Crotophaga ani
Guira guira
Aratinga jandaya
Aratinga cactorum caixana
Aratinga aurea aurea
Pyrrhura leucotis griseipectus
Forpus xanthopterygius flavissimus
Brotogeris versicolurus chiriri
Pionus maximiliani maximiliani
Tyto alba tuidara
Otus choliba decussatus
Glaucidium brasilianum brasilianum
Nyctibius griseus griseus
Nyctidromus albicollis albicollis
Reinarda squamata orientalis subsp. nova
Glacis hirsuta hirsuta
Amazilia leucogaster leucogaster
Chlorestes notatus notatus
Chlorostilbon aureoventris pucherani
Thalurania furcata baeri
Chrysolampis mosquitus
Trogon curucui curucui
Ceryle torquata torquata
Chloroceryle amazona amazona
Chloroceryle americana americana
Galbula ruficauda rufoviridis
Bucco maculatus maculatus
Selenidera gouldii baturitensis subsp. nova
Chrysoptilus melanochloros nattereri
Celeus flavescens ochraceus
Phloeocastes melanoleucos cearae
Veniliornis passerinus taenionotus
Picumnus limae limae
Dendrocolaptes platyrostris intermedius
Xiphocolaptes falcirostris falcirostris
Xiphorhynchus picus bahiae
Xiphorhynchus eytoni gracilirostris
Lepidocolaptes fuscus atlanticus
Lepidocolaptes angustirostris bahiae
Campylorhamphus trochilirostris major
Sittasomus griseicapillus reiseri
Furnarius leucopus assimilis
Synallaxis frontalis frontalis
Synallaxis scutata scutata
Certhiaxis cinnamomea cearensis
Cranioleuca semicinerea semicinerea
Sclerurus scansor cearensis
Taraba major stagurus
Thamnophilus doliatus capistratus
Thamnophilus punctatus pelzelni
Thamnophilus caerulescens cearensis
Dysithamnus mentalis emiliae
Herpsilochmus pileatus pileatus
Formicivora melanogaster bahiae
Conopophaga lineata cearae
Casiornis fusca
Pachyrhamphus polychopterus polychopterus
Platyphaps rufus rufus
Pipra fasciicauda scarlatina
Fluvicola pica albiventer
Fluvicola nengeta nengeta
Arundinicola leucocephala
Machetornis rixosa rixosa
Tyrannus melancholicus despotes
Myiodynastes solitarius
Megarynchus pitangua pitangua
Myiozetetes similis pallidiventris
Pitangus sulphuratus maximiliani
Myiarchus tyrannulus bahiae
Myiarchus swainsoni pelzelni
Myiarchus ferox ferox
Cnemotriccus fuscatus bimaculatus
Hirundinea bellicosa bellicosa
Platyrinchus mystaceus mystaceus
Tolmomyias flaviventris flaviventris
Todirostrum cinereum cearae
Idioptilon mirandae
Idioptilon margaritaceiventer wuchereri
Xenopsaris albinucha albinucha
Elaenia albiceps chilensis
Myiopagis caniceps caniceps
Phaeomyias murina murina
Camptostoma obsoletum cinerascens
Phyllomyias fasciatus cearae
Tyranniscus acer
Stelgidopteryx ruficollis ruficollis
Iridoprocne albiventer
Cyanocorax chrysops cyanopogon
Thryothorus longirostris bahiae
Thryothorus genibarbis genibarbis
Troglodytes musculus musculus
Mimus gilvus antelius

Turdus amaurochalinus
Turdus leucomelas albiventer
Turdus rufiventris juensis
Polioptila plumbea atricapilla
Anthus lutescens lutescens
Cyclarhis gujanensis cearensis
Vireo virescens chivi
Hylophilus poicilotis amaurocephalus
Dacnis cayana paraguayensis
Coereba flaveola chloropyga
Conirostrum speciosum speciosum
Basileuterus flaveolus
Basileuterus auricapillus auricapillus
Tanager chlorotica chlorotica
Tangara cyanocephala cearensis
Tangara cayana flava
Thraupis sayaca sayaca
Cypsnagra hirundinacea pallidigula
Nemosia pileata caerulea
Hemithraupis guira guira
Schistochlamys melanopsis melanopsis
Archiplanus solitarius
Molothrus badius fringillarius
Icterus cayanensis tibialis
Icterus jamacaii
Agelaius ruficapillus frontalis
Gnorimopsar chopi sulcirostris
Leistes militaris superciliaris
Paroaria dominicana
Cyanocompsa cyanea cyanea
Sporophila nigricollis nigricollis
Sporophila bouvreuil bouvreuil
Volatinia jacarina jacarina
Spinus yarrellii
Sicalis flaveola brasiliensis
Coryphospingus pileatus pileatus
Arremon taciturnus taciturnus
Myospiza humeralis humeralis

ESTADO DA PARAIBA

Nothura boraquira
Podiceps dominicus speciosus
Butorides striatus striatus
Dendrocygna autumnalis discolor
Dendrocygna viduata
Nettion brasiliense
Cathartes aura ruficollis
Accipiter bicolor pileatus
Heterospizias meridionalis meridionalis
Buteo magnirostris nattereri
Buteo brachyurus
Geranospiza caerulescens gracilis
Micrastur ruficollis ruficollis
Penelope superciliaris jacupemba
Penelope jacu-caca
Aramides cajanea cajanea

Porzana albicollis albicollis
Porphyryla martinica
Cariama cristata
Jacana spinosa jacana
Belonopterus chilensis lampronotus
Hoploxypterus cayanus
Columba picazuro marginalis
Zenaidura auriculata chrysauchenia
Scardafella squammata squammata
Columbina picui strepitans
Columbigallina minuta minuta
Columbigallina talpacoti talpacoti
Claravis pretiosa
Leptotila verreauxi approximans
Coccyzus melacoryphus
Coccyzus euleri
Piaya cayana cearae
Tapera naevia naevia
Crotophaga ani
Crotophaga major
Aratinga cactorum caixana
Aratinga aurea aurea
Forpus xanthopterygius flavissimus
Amazona amazonica amazonica
Touit surda
Tyto alba tuidara
Pulsatrix perspicillata perspicillata
Otus choliba decussatus
Chordeiles pusillus pusillus
Hydropsalis brasiliiana brasiliiana
Caprimulgus hirundinaceus cearae
Glaucis hirsuta hirsuta
Phaethornis pretrei
Phaethornis ruber ruber
Eupetomena macroura simoni
Melanotrochilus fuscus
Chlorestes notatus notatus
Chlorostilbon aureoventris pucherani
Polytmus guainumbi thamantias
Trogon curucui curucui
Chloroceryle amazona amazona
Chloroceryle americana americana
Momotus momota marcgraviana subsp. nova
Galbula ruficauda rufoviridis
Bucco maculatus
Chelidoptera tenebrosa tenebrosa
Picus chrysochloros chrysochloros
Chrysoptilus melanochloros nattereri
Celeus flavescens intercedens
Dryocopus lineatus improcerus
Phloeoceastes melanoleucos cearae
Veniliornis passerinus taenionotus
Picumnus limae saturatus subesp. nova
Xiphocolaptes falcirostris falcirostris
Xiphorhynchus picus bahiae
Xiphorhynchus guttatus guttatus
Lepidocolaptes fuscus atlanticus

- Lepidocolaptes angustirostris bahiae*
Sittasomus griseicapillus reiseri
Furnarius leucopus assimilis
Furnarius figulus figulus
Synallaxis frontalis frontalis
Synallaxis scutata scutata
Certhiaxis cinnamomea cearensis
Pseudoseisura cristata cristata
Automolus leucophthalmus lammi
Xenops minutus alagoanus
Xenops rutilans rutilans
Taraba major stagurus
Thamnophilus doliatus capistratus
Thamnophilus palliatus palliatus
Thamnophilus punctatus pelzelni
Dysithamnus mentalis emiliae
Myrmotherula axillaris luctuosa
Myrmorchilus strigilatus strigilatus
Herpsilochmus pileatus pileatus
Herpsilochmus rufimarginatus scapularis
Formicivora grisea grisea
Formicivora melanogaster bahiae
Formicivora rufa rufa
Myrmeciza ruficauda soror
Conopophaga melanops nigrifrons
Xipholena atro-purpurea
Casiornis fusca
Pachyramphus viridis viridis
Pachyramphus polychopterus polychopterus
Platypsaris rufus rufus
Chiroxiphia pareola pareola
Schiffornis turdinus intermedius
Neopelma pallescens
Xolmis irupero nivea
Arundinicola leucocephala
Machetornis rixosa rixosa
Tyrannus melancholicus despotes
Empidonomus varius rufinus
Myiodynastes solitarius
Megarynchus pintagua pitangua
Myiozetetes similis pallidiventris
Pitangus sulphuratus maximiliani
Pitangus lictor lictor
Myiarchus tyrannulus bahiae
Myiarchus swainsoni pelzelni
Myiarchus ferox ferox
Myiobius barbatus mastacalis
Myiophobus fasciatus flammiceps
Platyrinchus mystaceus niveigularis
Tolmomyias sulphurescens pallescens
Tolmomyias flaviventris flaviventris
Todirostrum cinereum cearae
Todirostrum fumifrons fumifrons
Idioptilon striaticolle striaticolle
Idioptilon zosterops naumburgae
Idioptilon margaritaceiventris wuchereri
Capsiempis flaveola flaveola
Elaenia flavogaster flavogaster
Elaenia albiceps chilensis
Elaenia cristata
Myiopagis viridicata viridicata
Suiriri affinis bahiae
Sublegatus modestus modestus
Camptostoma obsoletum cinerascens
Phyllomyias fasciatus cearae
Progne chalybea domestica
Phaeoprogne tapera tapera
Stelgidopteryx ruficollis ruficollis
Iridoprocne albiventer
Cyanocorax chrysops cyanopogon
Thryothorus genibarbis genibarbis
Troglodytes muculus musculus
Mimus saturninus arenaceus
Donacobius atricapillus atricapillus
Turdus amaurochalinus
Turdus leucomelas albiventer
Turdus rufiventris juensis
Platycichla flavipes flavipes
Polioptila plumbea atricapilla
Ramphocaenus melanurus melanurus
Anthus lutescens lutescens
Cyclarhis gujanensis cearensis
Vireo virescens chivi
Hylophilus poicilotis amaurocephalus
Cyanerpes cyaneus cyaneus
Dacnis cayana paraguayensis
Coereba flaveola chloropyga
Conirostrum speciosum speciosum
Basileuterus flaveolus
Basileuterus auricapillus auricapillus
Tanagra violacea aurantiicollis
Tangara cayana flava
Thraupis prelatus prelatus
Thraupis sayaca sayaca
Ramphocelus bresilius bresilius
Tachyphonus rufus
Tachyphonus cristatus brunneus
Nemosia pileata caerulea
Hemithraupis guira guira
Cacicus cela cela
Archiplanus solitarius
Molothrus bonariensis bonariensis
Molothrus badius fringillarius
Icterus cayanensis tibialis
Icterus jamacaii
Agelaius ruficapillus frontalis
Gnorimopsar chopi sulcirostris
Saltator maximus maximus
Paroaria dominicana
Sporophila albogularis
Sporophila leucoptera cinereola
Sporophila nigricollis
Sporophila lineola
Sporophila bouvreuil bouvreuil

Oryzoborus angolensis angolensis
Volatinia jacarina jacarina
Spinus yarrellii
Sicalis flaveola brasiliensis
Coryphospingus pileatus pileatus
Arremon taciturnus taciturnus
Myospiza humeralis humeralis
Zonotrichia capensis matutina
Emberizoides herbicola herbicola

ESTADO DE ALAGOAS

Ictinia plumbea
Leucopternis lacermulata
Falco fusco-caerulescens femoralis
Odontophorus capueira plumbeicollis
Aramus guarauna guarauna
Pardirallus maculatus maculatus
Oreopeleia violacea violacea
Tapera naevia naevia
Caprimulgus parvulus parvulus
Phaethornis pretrei
Polytmus guainumbi thaumantias
Chelidoptera tenebrosa tenebrosa
Chrysoptilus melanochloros nattereri
Celeus flavescens intercedens
Dryocopus lineatus improcerus
Picumnus exilis pernambucensis
Sittasomus griseicapillus reiseri
Automolus leucophthalmus lammi
Xenops rutilans rutilans
Sclerurus mexicanus bahiae
Thamnophilus palliatus palliatus
Herpsilochmus rufimarginatus scapularis
Cercomacra tyrannina sabinoi
Conopophaga lineata cearae
Conopophaga melanops nigrifrons
Schiffornis turdinus intermedius
Arundinicola leucocephala
Machetornis rixosa rixosa
Tyrannus melancholicus despotes
Legatus leucophaius leucophaius
Myiodynastes solitarius
Megarynchus pitangua pitangua
Myiarchus ferox ferox
Empidonax euleri euleri
Platyrinchus mystaceus niveigularis
Tolmomyias sulphurescens pallescens
Todirostrum fumifrons fumifrons
Myiopagis viridicata viridicata
Pipromorpha oleaginea oleaginea
Iridoprocne albiventer
Cyanocorax chrysops interpositus
Thryothorus longirostris bahiae
Thryothorus genibarbis genibarbis

Troglodytes musculus musculus
Turdus albicollis crotopezus
Turdus amaurochalinus
Polioptila plumbea atricapilla
Hylophilus pectoralis
Basileuterus auricapillus auricapillus
Tangara fastuosa

ESTADO DA BAHIA

Crypturellus tataupa lepidotus
Butorides striatus striatus
Phimosus infuscatus nudifrons
Dendrocygna autumnalis discolor
Nettion brasiliense
Gampsonyx swainsonii swainsonii
Accipiter erythronemius erythronemius
Milvago chimachima chimachima
Falco rufigularis ophryophanes
Falco fusco-caerulescens femoralis
Falco sparverius cearae
Penelope superciliaris ochromitra
Penelope jacu-caca
Aramides ypecaha
Porphyryula martinica
Jacana spinosa jacana
Belonopterus chilensis lampronotus
Hoploxypterus cayanus
Tringa flavipes
Tringa solitaria solitaria
Phaetusa simplex simplex
Columba picazuro marginalis
Scardafella squammata squammata
Columbina picui strepitans
Columbigallina minuta minuta
Columbigallina talpacoti talpacoti
Uropelia campestris
Claravis pretiosa
Leptotila verreauxi approximans
Coccyzus melacoryphus
Coccyzus euleri
Piaya cayana pallescens
Crotophaga ani
Guira guira
Ara nobilis cumanensis
Aratinga acuticaudata haemorrhous
Aratinga cactorum cactorum
Aratinga aurea aurea
Forpus xanthopterygius xanthopterygius
Brotogeris versicolurus chiriri
Pionus maximiliani maximiliani
Glaucidium brasilianum brasilianum
Podager nacunda nacunda
Nyctidromus albicollis albicollis
Eupetomena macroura simoni

- Amazilia fimbriata nigricauda*
Chlorostilbon aureoventris pucherani
Anthracothorax nigricollis
Chrysolampis mosquitus
Polytmus guainumbi thaumantias
Trogon curucui curucui
Chloroceryle amazona amazona
Chloroceryle americana americana
Galbula ruficauda rufoviridis
Bucco maculatus maculatus
Chelidoptera tenebrosa tenebrosa
Colaptes campestris chrysosternus
Leuconerpes candidus
Chrysoptilus melanochloros nattereri
Celeus flavescens ochraceus
Dryocopus lineatus improcerus
Scapanus melanoleucos cearae
Picumnus pygmaeus pygmaeus
Dendrocolaptes platyrostris intermedius
Xiphocolaptes falcirostris falcirostris
Lepidocolaptes angustirostris coronatus
Sittasomus griseicapillus reiseri
Furnarius rufus albogularis
Furnarius leucopus assimilis
Furnarius figulus figulus
Schoeniophylax phryganophila petersi
Synallaxis frontalis frontalis
Certhiaxis cinnamomea cearensis
Cranioleuca vulpina reiseri
Gyalophylax hellmayri
Phacellodomus rufifrons rufifrons
Pseudoseisura cristata cristata
Taraba major stagurus
Sakesphorus cristatus
Thamnophilus doliatus capistratus
Thamnophilus punctatus pelzelni
Myrmorchilus strigilatus strigilatus
Formicivora melanogaster bahiae
Casiornis fusca
Pachyramphus viridis viridis
Pachyramphus polychopterus polychopterus
Tityra cayana braziliensis
Tityra inquisitor inquisitor
Xolmis irupero nivea
Fluvicola pica albiventer
Fluvicola nengeta nengeta
Arundinicola leucocephala
Machetornis rixosa rixosa
Tyrannus melancholicus despotes
Myiodynastes solitarius
Megarynchus pitangua pitangua
- Myiozetetes similis pallidiventer*
Pitangus sulphuratus maximiliani
Myiarchus tyrannulus bahiae
Tolmomyias flaviventris flaviventris
Todirostrum cinereum cearae
Idioptilon striaticolle obscuriceps
Stigmatura budytoides bahiae
Myiopagis viridicata viridicata
Suiriri affinis affinis
Sublegatus modestus modestus
Phaeomyias murina murina
Camptostoma obsoletum cinerascens
Phaeoprogne tapera tapera
Stelgidopteryx ruficollis ruficollis
Iridoprocne albiventer
Cyanocorax chrysops cyanopogon
Troglodytes musculus musculus
Mimus saturninus frater
Turdus amaurochalinus
Turdus leucomelas albiventer
Turdus rufiventris juensis
Anthus lutescens lutescens
Cyclarhis gujanensis cearensis
Coereba flaveola chloropyga
Conirostrum speciosum speciosum
Basileuterus flaveolus
Tangara cayana flava
Nemosia pileata caerulea
Hemithraupis guira guira
Compsothraupis loricata
Molothrus bonariensis bonariensis
Molothrus badius fringillarius
Icterus cayanensis tibialis
Icterus jamacaii
Gnorimopsar chopi sulcirostris
Leistes militaris superciliaris
Saltator coerulescens superciliaris
Paroaria dominicana
Sporophila albogularis
Sporophila nigricollis nigricollis
Sporophila lineola
Volatinia jacarina jacarina
Sicalis columbiana leopoldinae
Sicalis flaveola brasiliensis
Coryphospingus pileatus pileatus
Myospiza humeralis humeralis
Zonotrichia capensis matutina
- ESTADO DO PIAUI
- Anodorhynchus hyacinthinus hyacinthinus*

LISTA CRITICO-SISTEMATICA DAS AVES COLIGIDAS

FAMILIA TINAMIDAE

Crypturellus parvirostris (Wagler)

Crypturus parvirostris Wagler, 1827, Syst. Av., 1, fol. 19, genus *Crypturus*, sp. 13.

Localidade tipica: Brasil (Bahia, por sugestão de Hellmayr, 1929).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 2 e 5); 1 ♂ juv. (ago. 9).

Itapipoca: 1 ♀ (ago. 18).

Icaraí: 1 ♀ (set. 3).

Excetuados os tres estados mais meridionais, de que não conhecemos material comprobatorio, pode-se dizer que o inhambu-chororó ocorre nas zonas descampadas de todo o Brasil situadas ao sul do rio Amazonas. Como teve Pinto (140: 316) a oportunidade de demonstrar, a partir do mencionado rio, onde um casal de Santarem assinala as medidas minimas (108 mm) encontradas, há uma franca tendencia ao aumento de tamanho, cujo maximo (122-124 mm) corresponde a duas ♀ do sul do Estado de São Paulo. Divergencias na tonalidade da plumagem observam-se em todas as populações, valendo por exemplo ressaltar a ocorrencia, numa mesma zona, de individuos que pela cor arruivada do pileo, fazem contraste com outros cujo pileo é intensamente plumbeo. Tambem é de observação corrente individuos de coloração carregada ao lado de outros muito mais palidos. Sob este particular merece destaque a ♀ de Icaraí, em que tanto o dorso, chocolate claro, como as partes inferiores são muito mais claras do que de costume, a garganta e o abdome sendo quase brancos. Carece pois de fundamento a divisão em tres raças proposta por Miranda-Ribeiro (108: 773-6) com base em material manifestamente insuficiente.

Crypturellus tataupa lepidotus (Swainson)

Crypturus lepidotus Swainson, 1837, Nat. Hist. Classif. Bds., 2: 345 — baseado em *Tinamus tataupa* var. Swainson, Zool. Illust., 1: 19, 1821.

Localidade tipica: interior da Bahia, Brasil.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (jul. 31).

Icaraí: 1 ♂ (ago. 29).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 17).

Comparados com a serie do Brasil meridional atestam a validade das diferenças que levaram a Sra. Naumburg (114: 6) a separar as populações nordestinas da especie como subespecie particular, a que dera o nome de *C. t. septentrionalis* (tipo de Corrente, no sul do Piauí). Todavia, com Hellmayr & Conover (71: 77), força é reconhecer um nome mais antigo para ela em *Crypturus lepidotus* Swainson, 1837 (tipo do interior da Bahia). Na ave nordestina, afora a tonalidade mais clara, tanto do pileo, como das costas, é traço constante e de facil reconhecimento o menor comprimento do bico, que nos presentes exemplares mede cerca de 21 mm (em vez de 25, em media).

Um ♂ de Ilheus (L. C. Ferreira col.) prova pertencer à presente subespecie, o mesmo acontecendo com outro, do rio Gongogi, impropriamente registrado por Pinto (132: 55), anos atrás, como *C. parvirostris* (Wagler).

Nothura boraquira (Spix)

Tinamus boraquira Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2: 63, pl. 79.

Localidade tipica: "in campis petrosis districtus adamantini" (Minas Gerais).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 2)

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 20); 7 ♀ (ago. 18, 20, 21 e 23)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ e 1 ♀ (jun. 25); ♂ juv. (jun. 20).

Como haja entre os autores plena concordancia no que toca à inseparabilidade de *Nothura marmorata* G. R. Gray, do sul da Bolivia e norte do Paraguai (Chaco), merece destaque a distribuição descontínua desta codorna cuja area de distribuição no territorio brasileiro se acha, ao que se sabe, confinada aos estados do este-setentrião

brasileiro, com ocorrência comprovada no Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

FAMILIA COLYMBIDAE

Podiceps (1) *dominicus speciosus* Lynch Arribálzaga

Podiceps speciosus Lynch Arribálzaga, 1877, La Ley, 2 de julho, p. 1.

Localidade típica: Isla de Baradero, Prov. de Buenos Aires

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 3)

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ ads. (jun. 15 e 18); 3 ♀ ads. (jun. 14 e 18); 2 ♀ juvs. (jun. 15 e 18).

Conforme verificara Wetmore (207: 43), *Podiceps speciosus* Arribálzaga (1:1), proposto para um exemplar colecionado na Prov. de Buenos Aires, prevalece sobre *Colymbus dominicus brachyrhynchus* Chapman (27:255) como nome da forma sul-americana deste pequeno mergulhão. Com base nos dados fornecidos por Ihering & Ihering (77: 34), a Pinto (131: 712) parecera desprezível a diferença para menos no comprimento do culmen atribuído às aves sul-americanas, em confronto com as das Antilhas. À vista porém das medidas fornecidas por Chapman (27), que teve em mãos exemplares de Cuba e, principalmente do confronto das figuras que ilustram o seu trabalho, na ausência mesmo de exemplares antilhanos, não temos dúvida em reconhecer a separabilidade das populações respectivas, como boas subespécies. No presente material o comprimento do culmen é de 21 mm nos ♂ e de 17 a 18 mm nas ♀, valores provavelmente máximos

(1) Há velha e debatida discussão em torno do nome genérico a aceitar-se para os mergulhões do grupo a que pertence a presente espécie. A certa altura, cedendo aos argumentos e seguindo o exemplo de competentes autoridades, Wetmore (207: 45) e Laubmann (86: 46) entre elas, a questão parecia definitivamente resolvida em favor de *Colymbus* Linné como tipo. Mais modernamente porém, consecutivamente a uma proposta apresentada por Fin Salomonsen (159: 149-54), resolveu a Comissão Intern. de Nomenclatura Zoológica (Opinião 401) suprimir *Colymbus* Linné da lista de nomes genéricos e voltar ao uso de *Podiceps* Latham (1787) para as aves em questão.

para *P. d. speciosus* e ainda assim inferiores aos encontrados em *P. d. dominicus*, cujo culmen, conforme Chapman (27), excede um pouco de 25 mm.

Podilymbus podiceps antarticus (Lesson)

Podiceps antarticus Lesson, 1842, Rev. Zooologique, V: 209.

Localidade típica: Valparaiso, Chile.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♀ ads. (ago. 3)

Itapipoca: 1 ♂ ad. (ago. 21); 3 ♂ imats. (ago. 20 e 21); 1 ♀ imat. (ago. 21).

Uma ♀ de Tarpon Springs, na Flórida, diverge de todos os exemplares brasileiros com que podemos compará-la, antes de tudo, no tamanho muito menor do bico; as outras diferenças apontadas por Wetmore (207: 49) mostram-se porém muito menos evidentes. Em compensação há plena concordância entre os adultos trazidos agora do Ceará com os de São Paulo e Rio Grande do Sul, as ♀ distinguindo-se à primeira vista dos ♂ pela cor fortemente escurecida das partes inferiores do corpo, tal como foi acentuado pelo supramencionado ornitologista.

FAMILIA ARDEIDAE

Butorides striatus striatus (Linné)

Ardea striata Linné, 1758, Syst. Nat., 10ª ed., I: 144.

Localidade típica: Surimam.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 26).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 9); 2 ♀ (ago. 6).

Itapipoca: 2 ♂ (ago. 19 e 21); 1 ♀ (ago. 18)

Icaraí: 1 ♀ (set. 4)

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 8 e 14); 3 ♀ (jan. 8, 15 e 25)

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 22)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 19)

Santa-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 28)

Florida caerulea (Linné)

Ardea caerulea Linné, 1758, Syst. Nat., 10ª ed., I: 143.

Localidade típica: "in America septentrionali" = Carolina (ex Catesby)

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♂ (set. 3); 2 ♀ (ago. 29 e set. 5).

Casmerodius albus egretta (Gmelin)

Ardea Egretta Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1 (2): 629

Localidade típica: Caiena

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♀ (ago. 22)

Icaraí: 1 ♂ (set. 4).

Leucophoyx thula thula (Molina)

Ardea thula Molina, 1782, Sagg. Stor. Nat. Chile, p. 235, 344.

Localidade típica: Chile

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 10)

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 20)

Hydranassa tricolor tricolor (Müller)

Ardea tricolor P. L. S. Müller, 1776, Natur-syst., Suppl., p. 111.

Localidade típica: Caiena

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♂ (set. 3).

Nyctanassa violacea cayennensis (Gmelin)

Ardea cayennensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1 (2): 626.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Icaraí: 2 ♂ (ago. 31 e set. 2); 4 ♀ (ago. 31 e set. 6).

Tigrisoma lineatum marmoratum (Vieillot)

Ardea marmorata Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 14: 415.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 23)

Icaraí: 1 ♂ (set. 25)

Como em muitos outros casos, foi Marcgrave o primeiro a descrever o sócô-boi, justificando-se assim o fato de have-lo Linné (100:239) batizado com o nome de *Ardea brasiliensis*. Infelizmente, há concordância em excluir este nome, como de duvidosa identidade — cf. Berlepsch e Hartert (10: 126), por isso que, não tendo conhecimento direto com a ave, tomou o naturalista sueco também como base de sua espécie a subespécie brasileira, sua descrição tendo sido feita por um exemplar de Caiena, pertencente ao museu particular de Réaumur.

FAMILIA THRESKIORNITHIDAE

Phimosus infuscatus nudifrons (Spix)

Ibis nudifrons Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2: 69, pl. 86.

Localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cassia: 2 ♀ (mar. 28 e 31)

FAMILIA ANATIDAE

Dendrocygna autumnalis discolor Sclater & Salvin

Dendrocygna discolor Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 129-161.

Localidade típica: Rio Maroni, Surinam.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 18); 1 ♀ (jun. 14); 2 juvs. (jul. 14 e 15).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 12)

Santa-Rita-de-Cassia: 2 ♀ (mar. 28 e abr. 5)

Dendrocygna viduata (Linné)

Anas viduata Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1: 205.

Localidade típica: Carthagena, Colômbia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 10)

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 31)

Nettion brasiliense (Gmelin)

Anas brasiliensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1 (2): 517.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 3)

Itapipoca: 6 ♂ (ago. 20, 21, 22 e 23); 7 ♀ (ago. 20 e 23)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♀ (jun. 14)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 12)

Santa-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (mar. 31)

Maracujá: 1 ♀ (abr. 14)

Aythya erythrophthalma (Wied)

Anas erythrophthalma Wied, 1832, Beitr. Naturg. Bras., 4 (1): 929.

Localidade típica: Lagoa do Braço, Belmonte (Bahia).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 6 ♂ (jul. 3 e ago. 6).

Sem falar no casal da Lagoa do Braço, perto de Belmonte (sudeste da Bahia) descrito pelo príncipe Maximiliano (212: 929), descobridor da espécie, não há outro registro da ocorrência desta marreca em território brasileiro além do exemplar de Santa-Luzia (sudeste da Alagoas) pertencente ao museu de Chicago e referido por Hellmayr & Conover (72: 371). Isso diz bastante do interesse com que foram recebidos os exemplares trazidos agora do norte do Ceará, muito embora pertençam todos, fato singular, ao sexo masculino. Há em todo o lote grande uniformidade no tocante ao colorido, variando porém bastante de tamanho a nodosa branca do ângulo mental, que às vezes é quase imperceptível. Em três dos exemplares colecionados a 3 de agosto acham-se as primárias em plena fase de muda; o mesmo acontecendo com as secundárias, não se percebe a presença do espelho branco característico dos adultos e muito conspicuo nos exemplares restantes. Sabe-se, desde a nota publicada por T. Salvadori (162: 99), que a espécie ocorre também não só nos países do oeste-setentrional da América do Sul (Venezuela, Colômbia, Peru, norte do Chile) como na África central e meridional, outra coisa não sendo senão ela mesma *Nyroca brunnea* Eyton, 1838 (tipo de Lima, no Peru) e *Fuligula nationi* Sclater & Salvin, 1877 (tipo do sul da África).

FAMILIA CATHARTIDAE

Cathartes aura ruficollis Spix

Cathartes ruficollis Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1: 2.

Localidade típica: "interioris Bahiae et Piahy" (Joazeiro, norte da Bahia, sugerida por Pinto, 1938).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 3 ♂ (ago. 6 e 7); 1 ♀ (ago. 8)

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 9 e 25); 1 ♀ (jun. 9).

Sabe-se como é difícil, em exemplares de museu, distinguir o urubu-de-cabeça-vermelha do de cabeça-amarela.

Por isso, e em atenção ao nosso pedido e recomendação, em todos os exemplares do Ceará, anotara o colecionador a cor das partes nuas da cabeça e do pescoço, qualificando-as de vermelhas. Nos da Paraíba não se encontra nenhuma indicação a respeito do mencionado caráter, mas dúvida não há de que se trata igualmente do urubu-de-cabeça-vermelha, espécie sabidamente muito comum no interior e zonas descampadas de todo Brasil. É interessante referir que, no Ceará, o colecionador julgou ver muitas vezes indivíduos de cabeça amarela, de parceria com os outros, a ponto de haver figurado a hipótese de representarem o sexo feminino; hipótese, aliás, que nem merece ser discutida uma vez que o próprio colecionador registrara para a fêmea de 1.º de agosto "cabeça-vermelha", como nos machos. A diversidade verificada no colorido das partes nuas deve explicar-se pela tonalidade mais desmaiada, menos carminada, que elas podem assumir em certas circunstâncias. No que respeita às características de plumagem, tem ela em todos os exemplares as características de *C. aura*, como seja a mescla abundante de fosco-pardacento nas costas e nas coberteiras superiores das asas, e a predominância de tons purpúreos nas partes mais lustrosas. Isso, de par com a ausência de carúnculas no pescoço, exclui mais uma vez a possibilidade de qualquer confusão com *C. burrovianus urubitinga* Spix, ou seja a forma brasileira do urubu-de-cabeça-amarela, incomparavelmente mais rara e, ao que parece, afeiçoada às regiões em que abundam florestas.

FAMILIA ACCIPITRIDAE

Gampsonyx swainsonii swainsonii Vigors

Gampsonyx Swainsonii Vigors, 1825, Zool. Journ., 2 (5): 69, April.

Localidade típica: Bahia (não longe da cidade do Salvador).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 21)

Santa-Rita-de-Cássia: 1 ♂ (abr. 1.º) e uma ♀ (abr. 3)

A posição natural do gênero entre os Accipitridae, e ao lado de *Elanus*, vem

recebendo a cada passo novos argumentos em seu favor, um dos mais recentes e valiosos dos quais foi há pouco apresentado por Vesta Stresemann (179: 360), ao verificar que nele a muda das primarias começa pela 1.^a (tida como tal a mais interna), justamente ao contrario do que acontece nos *Falconidae*, em que ela começa pela 4.^a.

Ictinia plumbea (Gmelin)

Falco plumbeus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1 (1): 283.

Localidade tipica: Caiena.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ juv. (fever. 28)

Accipiter bicolor pileatus (Temminck)

Falco pileatus Temminck, 1823, Nouv. Rec. Pl. Col., livr. 35, pl. 205, June 20.

Localidade tipica: Rio Belmonte, Ilha Cachoeirinha (Bahia).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 11 e 23); 2 ♀ (jun. 11 e 13).

Accipiter erythronemius erythronemius Kaup
Nisus vel *Accipiter erythronemius* "G. Gray"

Kaup, 1850, Contr. Orn., 3: 64.

Localidade tipica: Bolivia.

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ imat. (mar. 18).

Não há registro da ocorrência deste gavião em qualquer dos Estados situados ao norte da Bahia, de onde o Departamento de Zoologia possui um ♂ jovem colecionado em Vila Nova da Rainha (hoje Bonfim) por E. Garbe, meio seculo atrás.

Heterospizias meridionalis meridionalis (Latham)

Falco meridionalis Latham, 1790, Ind. Orn., 1: 36.

Localidade tipica: Caiena.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ juv. (jun. 16) e 1 ♀ (jun. 13).

A femea, adulta, de Curema acusa 410 mm de asa, 205 de cauda, 105 de tarso e 43 de dedo medio, o que está dentro dos limites assinados à forma tipica da especie por Wetmore (207: 113) e Laubmann (86: 101). Admitindo-se que o porte mais avantajado, é a unica diferença importante verificada nas populações do norte da Argentina e convizinhaças, força é convir na dificuldade de atribuir limites geograficos precisos à area de *H. meridionalis australis* Swann, nome sob o qual é corrente separá-los subespecificamente de *H. m. meridionalis*. Eis porque preferiram Hellmayr e Conover (74: 80)

TABELA DE MEDIDAS

(Exemplares do Departamento de Zoologia)

Heterospizias meridionalis meridionalis (Latham)

Ns.	Procedência	asa	♂			♀		
			cauda	tarso	asa	cauda	tarso	
16.438	Manacapuru (Amazonas) ...	—	—	—	410	205	105	
6.868	Boa Vista (Maranhão)	408	200	110	—	—	—	
39.422	Curema (Paraiba)	400	205	108	—	—	—	
39.423	Curema (Paraiba)	—	—	—	410	205	105	
8.323	Pirapora (Minas Gerais)	—	—	—	415	215	108	
15.831	Barra do S. Domingos (Goiás)	410	205	106	—	—	—	
34.935	Dumbá (Mato Grosso)	385	185	109	—	—	—	
32.226	Chavantina (Mato Grosso) ..	395	192	108	—	—	—	
29.825	Cuiabá (Mato Grosso)	—	—	—	409	204	106	
29.823	- Palmeiras (Mato Grosso) .	—	—	—	400	195	106	
30.506	Rio Aricá (Mato Grosso) ...	400	200	108	—	—	—	
13.302	Coxim (Mato Grosso)	394	193	106	—	—	—	
12.302	Coxim (Mato Grosso)	—	—	—	404	200	110	
26.848	Salobra (Mato Grosso)	400	195	108	—	—	—	
10.128	Corumbá (Mato Grosso) ...	—	—	—	414	200	106	
18.232	- Bebedouro (São Paulo) ...	404	201	107	—	—	—	
34.480	- Franco da Rocha (São Paulo)	—	—	—	406	210	108	
1.727	Ipiranga (São Paulo)	(sexo não determinado)	—	—	425	210	109	

considerar a especie indivisa até a posse de elementos mais completos.

Buteo magnirostris nattereri (Sclater & Salvin)

Asturina nattereri Sclater & Salvin, 1869, Pr. Zool. Soc. London., 1869, p. 132.
Localidade tipica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 8 ♀ (ago. 16, 20, 21, 22, 23 e 25).

Açudinho: 4 ♀ (ago. 1, 2 e 5)

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 5, 6 e 8); 5 ♀ (jun. 6, 11 e 16)

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 30)

Buteo brachyurus brachyurus Vieillot

Buteo brachyurus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 4: 477.

Localidade tipica: não indicada (Caiena, por sugestão de Berlepsch)

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ imaturo (jul. 23)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♀ adulta (jun. 9)

Não figura este gavião entre os arrolados por Hellmayr (67) em seu classico trabalho sobre a avifauna do nordeste brasileiro, sendo esta a primeira vez em que é registrado na faixa compreendida entre a Bahia e o baixo Amazonas. Desta ultima região, em precarissimas condições, possui o Departamento de Zoologia três exemplares jovens, adquiridos do Sr. Hagmann, que os colecionara nas cercanias de Taperinha, perto de Santarem (Pará).

É de data recente o trabalho em que A. L. Rand (148 "A") reconhece em *Buteo brachyurus* três formas de valor subespecifico, das quais só a tipica ocorre no Brasil.

Leucopternis lacernulata (Temminck)

Falco lacernulata Temminck, 1827, Nouv. Rec. Pl. Col., livr. 74, pl. 437, Sept. 22.

Localidade tipica: Brasil (Viçosa, sul da Bahia, sugerida por Pinto).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ adulta (fev. 14)

Não há registro da ocorrencia deste gavião mateiro ao norte do rio Perui-

pe, no sul da Bahia; daí a importancia de que se reveste a verificação, agora feita, de sua presença nas florestas remanescentes do leste de Alagoas. Não devemos ter muita duvida de que a sua distribuição, hoje praticamente limitada ao sudeste brasileiro, deveria abranger primitivamente toda a faixa oriental florestada. Possui o Departamento de Zoologia, entre outros de varias procedencias (Espírito Santo, São Paulo), um exemplar do rio Piracicaba (Estado de Minas Gerais), junto à sua confluencia com o rio Doce.

Buteogallus aequinoctialis (Gmelin)

Falco aequinoctialis Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1 (1): 265.

Localidade tipica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♀ adulta (set. 3)

Femea em pleno desenvolvimento e excelentemente preparada, representa o presente exemplar aquisição bastante valiosa para as coleções do Departamento de Zoologia, onde a especie estava até aqui apenas representada por um macho jovem, colecionado na região costeira do Maranhão (Boa Vista) por Schwanda, e adquirido pelo Museu Paulista, há nada menos de meio seculo. Suas medidas orçam em 310 mm de asa, 168 de cauda, 38 de culmen (incl. a cera), 75 de tarso e 46 de dedo médio. A extraordinaria semelhança dos adultos desta especie com os de *Heterospizias meridionalis* é fato digno de nota, pois, em superficial exame, talvez seja capaz de induzir a engano o observador desprecauido. O lodo ainda aderente aos pés do presente exemplar não deixa duvida sobre ter sido caçado na orla costeira, coberta de mangue.

Geranospiza caerulescens gracilis (Temminck)

Falco gracilis Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Col., livr. 16, pl. 91, Nov.

Localidade tipica: "les parties orientales du Brésil".

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ ads. (jun. 11, 16 e 17); 2 ♀ ads. (jun. 16 e 26)

O material trazido da Paraiba oferece-nos excelente oportunidade para

verificar a boa base em que se apoiara Peters (127) para separar, como forma particular, por ele denominada *Geranospiza caerulescens flexipes*, as populações meridionais que a principio eram unanimemente referidas à presente subespecie. Com efeito, não só as aves da Paraíba, como as de todo o nordeste brasileiro, inclusive o Estado da Bahia, afastam-se das do sul do Brasil e da região platina pelo tamanho decididamente mais reduzido dos exemplares dos dois sexos. No que respeita

ao mesmo carater, as da bacia do rio Doce, sem excluir a sua alta porção, correspondente ao leste de Minas Gerais, colocam-se decididamente ao lado das populações nordestinas, devendo ser referidas tambem a *G. c. gracilis*; assim, assinalam elas o limite meridional da area de dispersão desta ultima. É o que, melhor do que qualquer exposição mais longa, põe em evidencia a tabela anexa, complementar da fornecida por Peters.

TABELA DE MEDIDAS
(Exemplares do Departamento de Zoologia)

Geranospiza caerulescens gracilis

Ns.	Procedência	♂			♀		
		asa	cauda	tarso	asa	cauda	tarso
8.586	Miritiba (Maranhão)	286	233	87	—	—	—
* 6.673	- Primeira Cruz (Maranhão) .	280	223	84	—	—	—
39.433	Curema (Paraíba)	294	228	90	—	—	—
*39.434	- Curema (Paraíba)	282	231	87	—	—	—
39.435	Curema (Paraíba)	273	221	87	—	—	—
39.436	- Curema (Paraíba)	—	—	—	303	228	88
39.437	Curema (Paraíba)	—	—	—	309	223	94
*13.975	- Rio Jucuruçu (Bahia)	—	—	—	299	232	92
8.464	Pirapora (Minas Gerais) .	—	—	—	305	223	95
*24.493	Baixo Sussui, Rio Doce (Minas Gerais)	271	207	80	—	—	—
* 6.446	Rio Doce (Espírito Santo) .	285	215	83	—	—	—

Geranospiza caerulescens flexipes

*29.545	Ubatuba (São Paulo)	—	—	—	314	227	94
14.790	Jaraguá (Goiás)	—	—	—	335	253	100
15.826	Barra do São Domingos (Goiás)	—	—	—	325	233	94
34.944	- S. Domingos, Rio das Mortes (Mato Grosso)	—	—	—	322	233	98
30.505	- Cuiabá (Mato Grosso)	—	—	—	329	235	98
29.821	- Palmeiras (Mato Grosso) .	310	230	93	—	—	—
*26.058	- Salobra (Mato Grosso)	314	226	92	—	—	—
32.194	- Cervo (Mato Grosso)	305	230	95	—	—	—
30.504	Corumbá (Mato Grosso)	—	—	—	355	264	100
3.927	Chaco Bermejo, Salta (Argentina)	334	247	93	—	—	—

Na tabela acima merece destaque a ♀ do rio Jucuruçu, companheira do ♂ de igual procedencia remetido pelo Museu Paulista ao Museum of Comparative Zoology, e ponto de partida dos estudos que levaram Peters à descrição de sua subespecie. Ambos foram colecionados por Pinto, que os arrolara no

relatorio de sua expedição à Bahia (132: 99).

Patenteia ainda o material que temos à disposição a nenhuma significação já apontada por Peters da presença ou ausencia de faixas transversais nas coberteiras superiores das asas. Sem relação visível com a idade, sexo

e zona de procedencia, vêem-se exemplares de coberteiras fortemente raia-das ao lado de outras em que não se nota qualquer vestigio de faixas. Estes ultimos então aparecem precedidos de um asterisco em nossa tabela de medi-das.

FAMILIA FALCONIDAE

Micrastur ruficollis ruficollis (Vieillot)

Sparvius ruficollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 10: 322

Localidade tipica: "l'Amérique méridionale" (= Rio de Janeiro, sugerida por Naumburg, 1930).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ adulto (jun. 10).

No presente exemplar mede a cauda 166 mm, ou sejam apenas 2 ou 3 mm a mais do que a asa; não obstante, apresentam as duas rectrizes centrais cinco faixas brancas, (a basal encoberta pelas coberteiras supracaudais) sem contar a terminal. No que toca ao colorido da plumagem, predomina o cinzento ardoziado claro, a tonalidade ferruginosa sendo bastante fraca, tanto nas costas, como no alto do peito. A conclusão a que chegara Pinto (140: 222-8), anos atrás, sobre a independencia especifica de *M. ruficollis* e *M. gilvicollis*, tivemos a satisfação de vela aceita por Hellmayr & Conover (74: 257) aos quais ficamos devendo novos e importantes subsidios sobre o dificil e debatido assunto.

Milvago chimachima chimachima (Vieillot)

Polyborus chimachima Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 5: 259.

Localidade tipica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Icarai: 4 ♂ (ago. 28, 31 e set. 1.º); 2 ♀ (ago. 29 e set. 1.º)

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 31)

Caracara plancus plancus (Miller)

Falco plancus Miller, 1777, Var. Subj. Nat. Hist., Part. 3, pl. 17

Localidade tipica: Tierra del Fuego

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 de sexo indet. (ago. 20)

O emprego atual do nome *Caracara* Merrem (1826) para o genero a que pertence o gavião comumente chamado "carancho" nos estados meridionais do Brasil, em substituição a *Polyborus* Vieillot (1816), repousa tão somente na opinião de Ad. Schneider, para quem o desenho original do "Caracara" de Marcgrave, tipo do genero de Vieillot (por intermedio de Buffon) não corresponde à especie em questão mas sim a *Circus buffoni*. Seja como for, desconhecendo embora o referido desenho, é com grande reservas que aceitamos este modo de ver, visto ser de todo inverossimil que Marcgrave houvesse descrito um gavião relativamente raro no Brasil, como é o caso deste último, silenciando sobre o carancho, comunissimo em quase toda parte e ainda hoje conhecido vulgarmente na maioria dos Estados por "caracará".

Falco rufigularis ophryophanes (Salvadori)

Hypotriorchis ophryophanes Salvadori, 1895, Bol. Mus. Zool. Torino, X: 20

Falco rufigularis ophryophanes Hellmayr & Conover, 1949, Cat. Bds. Americas, pte. I, n.º 4: 308

Localidade tipica: Colonia Risso (Rio Apa, norte do Paraguai)

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cassia: 1 ♀ ad. (mar. 28)

Neste exemplar, tanto os loros, como a porção dianteira dos supercilios, são branco-arruivados, mostrando assim a principal característica atribuida à subespecie por Hellmayr e Conover (74). Tal característica, embora presente na imensa maioria das aves do Brasil extraamazonico, é, como aliás reconhecem estes autores, muito sujeita a variações individuais, podendo não raro apresentar-se com extraordinaria nitidez, como se verifica num ♂ da Cidade-da-Barra (atualmente Barra, noroeste da Bahia) (N.º 7.615 da col. do Dep. de Zoologia). Não são, porem, raros os individuos de loros completamente denegridos e, portanto, sob este particular indistinguiveis dos da forma tipica, de que há abundante material amazonico nas series à nossa disposição. Estão no referido caso dois ♂ do Estado de São Paulo (um de Iguape e outro de Franca) e uma ♀ de Pau Gi-

gante (Espírito Santo). A despeito destes casos excepcionais, é legítima a separação das duas raças, tanto mais quanto, ao que podemos verificar, nas aves da bacia amazônica jamais se encontra qualquer vestígio de branco ou ruivo nos loros. A tonalidade mais clara, predominantemente cinzento-ardosiada, do dorso distingue também, quase sempre, à primeira vista, as aves este-brasileiras das amazônicas, cujo dorso é decididamente anegrado. A existência de pintas brancas na barba externa das penas externas da alula, que Hellmayr & Conover (74) incluíram em sua diagnose de *F. r. ophryophanes*, afigura-se-nos, senão pouco constante, difícil de ser apreciada; em todo caso, faltam completamente nos exemplares cujos loros não apresentam indício de branco. Já a presença de faixas pretas nas coberteiras inferiores da cauda nenhum valor diagnóstico possui, visto que só acidentalmente ocorre, quer se trate da forma guianense-amazônica, quer da platino-brasileira. Convém notar que, em se tratando dos afluentes da margem direita do Rio Amazonas, desde que se alcançam as terras do planalto central *F. r. ruficularis* passa a ser substituído por *F. r. ophryophanes*, subespécie a que decididamente pertencem as aves do Rio das Mortes, afluente do Araguaia (norte de Mato Grosso).

Falco fusco-caerulescens femoralis Temminck
Falco femoralis Temminck, 1822, Nouv. Rec. Col., livr. 21, pl. 121, April

Falco fusco-caerulescens femoralis Pinto & Camargo, 1948, Pap. Avulsos Dep. Zool., S. Paulo VIII: 296 (Chavantina)
Localidade típica: "le Brésil" (São Paulo, sugerido por Hellmar (63: 187).

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♀ (ago. 18); 1 de sexo? (ago. 20)

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♀ (abr. 11)

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cássia: 1 "♀"? (abr. 5)

O exemplar de 20 de agosto, cujo sexo não pode ser reconhecido pelo colecionador, é provavelmente do sexo masculino, à vista das medidas (asa

232, cauda 154 mm); parece também do mesmo sexo o de Santa-Rita (asa 225, cauda 145 mm), embora etiquetado como "♀". Os dois restantes, ambos do sexo feminino, acusam as seguintes medidas, em milímetros:

	asa	cauda
Itapipoca (Ceará)	262	165
Quebrangulo (Alagoas)	255	160

Encaixando-se naturalmente na tabela por nós publicada anos atrás, somos ainda de parecer de que existem boas razões para admitir, com Swann (186: 211), (187: 425) a separabilidade das aves leste e centro-brasileiras das do extremo sul do Brasil (o Estado do Paraná inclusive), as quais, pelas suas dimensões maiores (278 a 290 mm de asa), concordam com as do norte da Argentina e do Paraguai, pátria típica da espécie. É bem verdade que neste particular manifestaram Hellmayr & Conover (74: 315) opinião sensivelmente discordante; mas a tabela de medidas que apresentam padece da falta quase completa de material brasileiro com que o nosso possa ser posto em confronto.

Falco sparverius cearae (Cory)

Cerchneis sparveria cearae Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., 1: 318

Localidade típica: Quixadá, Ceará.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♀ (set. 4)

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (março 12 e 14).

Abstraindo da região do alto Rio Branco (extremo norte do Brasil), até onde se estende a área geográfica de *F. s. isabellinus* (Swainson), peculiar à bacia do Orenoco e às Guianas, todas as populações brasileiras restantes deste conhecido gaviãozinho apresentam as características uniformes de uma única subespécie, originariamente batizada como *Tinnunculus sparverius australis* Ridgway, e atualmente dona de uma rica sinonímia. Vencendo o moderno ponto de vista dos que advogam a inseparabilidade de *Tinnunculus* do velho gênero *Falco*, a apelação subespecífica dada por Ridgway ficou prejudicada por homonímia com *Falco australis*

Gmelin, gavião peculiar à ponta meridional extrema da América do Sul, as Ilhas Malvinas inclusive.

FAMILIA CRACIDAE

Penelope superciliaris jacupemba (Spix)

Penelope jacupemba Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II: 55, pl. LXXVII.

Localidade típica: Presídio São João, próximo do Rio de Janeiro.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 exemplar juv., sem indicação de sexo (ago. 16).

Neste exemplar, como na generalidade das aves do Brasil oriental, os supercílios são quase brancos, com leve mistura de cinza, o mesmo acontecendo com as penas da região frontal; a orla das coberteiras superiores das asas é estreita e de colorido claro de ferrugem; o uropígio oliváceo-pardacento, mesclado de ruivo.

Penelope superciliaris ochromitra Neumann

Penelope superciliaris ochromitra Neumann, 1933, Bull. Brit. Orn. Cl, 53: 94.

Localidade típica: Lagoa da Missão (perto de Parnaguá, sul do Piauí).

BAHIA (1958)

Maracujá (no noroeste extremo da Bahia): 1 ♀ ad. (abr. 16).

Tanto os supercílios, como a orla das penas frontais são tingidos de ocráceo, puxando para o ferrugem. Por conseguinte, exemplar tipicamente pertencente à subespecie individualizada por Neumann, com base em três exemplares das cercanias de Parnaguá, no extremo sul do Piauí. Ademais, bastante circunscrita parece ser a área de dispersão de *P. s. ochromitra*, pois, como já o verificaram Hellmayr & Conover (71: 147), insensível é a transição que ela faz, de um lado com a forma baixo-amazonica, considerada típica da especie, e de outro lado com *P. s. jacupemba*, do Brasil oriental e central. Um casal de Primeira Cruz e uma ♀ de Miritiba, localidades da faixa costeira do Maranhão, devem ser referidos a *P. s. superciliaris*, pois possuem supercílios brancos, tais como as aves do baixo Amazonas, de que temos à vista boa copia de exemplares, inclusive do Rio

Xingu. Na ♀ de Maracujá são ainda particularidades dignas de nota o debrum extraordinariamente largo, cor clara de canela das coberteiras superiores das asas e das secundarias, e a tonalidade ferruginosa do baixo dorso e do uropígio.

Penelope jacu-caca Spix

Penelope jacu-caca Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2: 53, pl. 69.

Localidade típica: Poções, Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ e 1 ♀ (jun. 20).

BAHIA (1958)

Barra (estrada do Boqueirão): 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 26)

Nas coleções do Departamento de Zoologia vieram os presentes espécimens juntar-se a uma ♀ da Serra de Baturité, col. por G. Dutra em 1941 (fev. 6), com o que podemos acrescentar dois novos estados (Ceará e Paraíba) àqueles em que a especie já era conhecida (Piauí e Bahia). A presença de um rebordo negro separando os supercílios da pele desnuda dos lados da cabeça é caráter saliente para o qual há muito chamara a atenção o Dr. Hellmayr (67: 474), sugerindo estreito parentesco com *P. pileata* Wagler, do baixo Amazonas, e *P. ochrogaster*, do Brasil Central (do nordeste de Mato Grosso ao oeste de Minas Gerais), portadores ambos da mesma característica.

FAMILIA PHASIANIDAE

Odontophorus capueira plumbeicollis Cory

Odontophorus capueira plumbeicollis Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I: 294.

Localidade típica: Serra de Baturité, Ceará.

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo (Engenho Riachão): 1 ♀ (abr. 12).

Não temos conhecimento de que se haja registrado outra ocorrência do uru no nordeste brasileiro, a não ser a relativa ao Ceará, de onde procede o exemplar unico que serviu de base à presente subespecie. Isso dá particular

importancia ao espécime de Alagoas, o qual, de modo geral se acomoda com as características apontadas no tipo por Cory (32), e corroboradas por Hellmayr (67: 474). Em nosso exemplar faltam, com efeito, as estriações longitudinais brancas do lado trazeiro do pescoço, ao mesmo tempo que o peito, em vez de cinzento puro como nas aves do Brasil meridional, apresenta uma tonalidade trigueira, puxando para o ocráceo-cinza. Entretanto, não se vêem indícios reconhecíveis das vermiculações pretas que se diz presentes na garganta e pescoço anterior do tipo: em compensação, as coberteiras superiores da cauda apresentam uma tonalidade ferruginosa que não vemos nas aves procedentes dos estados meridionais e medio-orientais. No que respeita às medidas, acusa o exemplar de Quebrangulo 134 mm de asa, 70 de cauda e 19 de culmen. Estas cifras são um pouco inferiores às verificadas na generalidade dos espécimes sul-brasileiros do mesmo sexo, haja vista que uma ♀ do rio Juquiá (leste de São Paulo) mede 142 mm de asa, 70 de cauda e 19 de culmen, enquanto que outra, do baixo rio Tietê (oeste do mencionado Estado) acusa 140 mm de asa, 80 de cauda e 19 de culmen.

FAMILIA ARAMIDAE

Aramus guarauna guarauna (Linné)
Scolopax guarauna Linné, 1766, Syst. Nat.,
 12.^a ed., 1: 242.

Localidade típica: "in America australi"
 (Caiena, sugerida por Hellmayr &
 Conover (71: 301).

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♂ (set. 10).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ (mar. 12).

O ♂ de Icarai (Ceará) e a ♀ da Usina Sinimbu (Alagoas) acusam, respectivamente, 317 e 307 mm de asa, que são justamente os valores mínimos encontrados no material à nossa disposição. O aumento de crescimento que Bangs & Benard (2: 42) observaram à medida que se segue do norte para o sul é fato fora de discussão. Mas estamos de acordo com Hellmayr e Conover (71: 304), em reconhecer nas populações sul-americanas da espécie a impraticabilidade de uma nitida separação tomando isso por base. Na tabela de medidas que damos a seguir, destaca-se um ♂ de Corumbá, cujo comprimento de asa, orçando por 360 mm, chega a ultrapassar o encontrado por Wetmore num ♂ do Chaco Paraguai, cuja asa alcançava 355 mm.

TABELA DE MEDIDAS

(medidas em milímetros)

Aramus guarauna guarauna Linné

Procedência	♂				♀			
	asa	cauda	bico	tarso	asa	cauda	bico	tarso
Codajás, Amazonas	322	162	105	118	—	—	—	—
Codajás, Amazonas	—	—	—	—	320	150	93	110
Caxiricatuba, R. Tapajós, Pará	—	—	—	—	323	150	100	123
João Pessoa, R. Juruá, Amazonas	—	—	—	—	324	155	117	114
Icarai, Ceará	317	155	100	109	—	—	—	—
Usina Sinimbu, Alagoas	—	—	—	—	307	150	103	115
Pirapora, Minas Gerais	342	157	112	123	—	—	—	—
Inhumas, Goiás	—	—	—	—	316	135	93	107
Itapura, São Paulo	341	154	113	125	—	—	—	—
Itapura, São Paulo	—	—	—	—	340	155	105	120
Aquidauana, Mato Grosso	339	150	112	130	—	—	—	—
Corumbá, Mato Grosso	360	160	124	130	—	—	—	—
Colônia Hansa, Sta. Catarina	328	152	110	113	—	—	—	—
Itaqui, Rio G. do Sul	—	—	—	—	322	144	108	114

FAMILIA RALLIDAE

Rallus longirostris crassirostris Lawrence

Rallus crassirostris Lawrence, 1871, Ann. Lyc.
Nat. Hist. N. Y., 10: 19, 20.

Localidade típica. Bahia.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♂ (set. 7); 1 ♀ (set. 5).

O comprimento do culmen no exemplar de 7 de setembro orça em 57 mm, o que está em concordância com o que se diz sobre as aves da Guiana, patria típica da especie. A este proposito, convem assinalar que no trabalho de Pinto (132: 71) sobre as aves colecionadas na Bahia, por um lapso da revisão, foi anexada a este frango-d'agua uma tabela de medidas que em verdade a ele não pertence, mas sim a *Rallus nigricans* (Vieillot), como aliás faz suspeitar a procedencia dos exemplares respectivos.

Pardirallus maculatus maculatus (Boddaert)

Rallus maculatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl.
Enl., p. 48.

Localidade típica: Caiena.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ (fev. 16).

Aramides cajanea cajanea (Müller)

Fulica cajanea P. L. S. Müller, 1776, Natusyst., Suppl., p. 119.

Localidade típica Caiena

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♀ (ago. 22)

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 10 e 24).

Aramides ypecaha (Vieillot)

Rallus ypecaha Vieillot, 1819, Nouv. Dict.
Hist. Nat., nouv. éd., 28: 568.

Localidade típica: Paraguai

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 29)

Porzana albicollis albicollis (Vieillot)

Rallus albicollis Vieillot, 1819, Nouv. Dict.
Hist. Nat., nouv. éd., 28: 561

Localidade típica: Vila Curuguati, Paraguai.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 11)

Conquanto a especie já tenha sido registrada em Pernambuco, assinala o presente exemplar, ao que sabemos, a localidade mais setentrional das em que se tem verificado a presença da sua forma típica.

Laterallus melanophaius melanophaius (Vieillot)

Rallus melanophaius Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 28: 549.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 9)

Porphyriops melanops melanops (Vieillot)

Rallus melanops Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 28: 553.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 3)

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 21)

Abstraindo de Joazeiro, no baixo rio São Francisco, a presença dêste pinto-d'agua em nosso Nordeste já fora registrada por H. Berla (6: 5), que dele colecionou uma ♀ no Engenho Caruana, Estado de Pernambuco. Agora, com os exemplares do Ceará, vemos a sua area de dispersão ainda mais estender-se para o norte do País.

Gallinula chloropus galeata (Lichtenstein)

Crex galeata Lichtenstein, 1818, Verz. Säug. Vögel Berliner Mus., p. 36.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 4 ♂ (ago. 4 e 9); 6 ♀ (ago. 2, 3, 4 e 9)

Itapipoca: 1 exemplar de sexo indeterminado (ago. 21).

Porphyryula martinica (Linné)

Fulica martinica Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1: 259.

Localidade típica: Martinica.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 2); 1 ♀ (jul. 31)

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 13)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 22).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (abr. 10)

FAMILIA CARIAMIDAE*Cariama cristata* (Linné)*Palamedea cristata* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:232.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 6)

Comum no interior dos Estados nordestinos, embora raras vezes representadas nas coleções ornitológicas daquela procedência. Comparamos o exemplar de Curema com os do sul e centro do Brasil, nada encontrando capaz de diferenciá-los.

FAMILIA JACANIDAE*Jacana spinosa jacana* (Linné)*Parra Jacana* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1: 259.

Localidade típica: "in America australi" (Surinam, por designação de Berlepsch)

CEARÁ (1958)

Açudinho: 4 ♂ (ago. 3 e 9); 3 ♀ (ago. 1 e 3)

Itapipoca: 4 ♂ (ago. 18, 19 e 23).

Icaraí: 1 ♀ (set. 3)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 15); 3 ♀ (jun. 18 e 22)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 12)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♀ (mar. 27 e 28)

FAMILIA CHARADRIIDAE*Belonopterus chilensis lampronotus* (Wagler)*Charadrius lampronotus* Wagler, 1827, Syst. Av., 1, fol. 5, Genus *Charadrius*, sp. 48.

Localidade típica: Paraguai, Brasil (sul do Brasil, por designação de Peters (126: 296).

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 2 ♂ (ago. 18, 20 e 23); 1 ♀ (ago. 23)

Icaraí: 1 ♂ (ago. 29); 1 ♀ (ago. 30); 1 exemplar de sexo indeterminado (ago. 29)

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 13, 14 e 20); 2 ♀ (jun. 15 e 18)

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 11 e 12)

Hoploxypterus cayanus (Latham)*Charadrius cayanus* Latham, 1790, Ind. Orn., 2: 749.

Localidade típica: Caiena

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 25); 2 ♀ (jun. 13 e 14)

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 17)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (mar. 29)

Squatarola squatarola (Linné)*Tringa squatarola* Linné, 1758; Syst. Nat., 10.^a ed., 1: 149.

Localidade típica: Suécia.

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♂ (ago. 28); 6 ♀ (ago. 30 e set. 1, 4, 5 e 7)

Ocorre, como visitante do norte, em quase todo nosso litoral marítimo; não obstante, aparentemente nova para o Estado do Ceará.

Charadrius hiaticula semipalmatus Bonaparte*Charadrius semipalmatus* Bonaparte, 1825, Journ. Acad. Sci. Phila., 5 (1): 98.

Localidade típica: New Jersey.

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♂ (set. 4)

Charadrius collaris Vieillot*Charadrius collaris* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 27: 136.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 4)

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 18, 19 e 23); 3 ♀ (ago. 18, 19 e 23)

Icaraí: 4 ♂ (ago. 31 e set. 2 e 4); 2 ♀ (ago. 31 e set. 2)

Charadrius wilsonia wilsonia Ord*Charadrius wilsonia* Ord, 1814, in Wilson's Amer. Orn. 9: 77, pl. 73, fig. 5.

Localidade típica: Cape May (New Jersey)

CEARÁ (1958)

Icaraí: 2 ♂ (ago. 30 e set. 3)

A imaturidade de ambos parece atestada não só pela cor predominante-

mente parda da faixa peitoral e do alto da cabeça, como também da ausência de ruivo na frente e nos lados da cabeça. Convém todavia assinalar que no ♂ de 3 de setembro, abstraindo de leves indícios de ruivo na frente, há mais preto de mistura com o pardo do que no de 30 de agosto.

FAMILIA SCOLOPACIDAE

Numenius phaeopus hudsonicus Latham
Numenius hudsonicus Latham, 1790, Ind. Orn., 2: 712.

Localidade típica: Baía de Hudson,

CEARÁ (1958)

Icaraí: 6 ♂ (set. 1, 5, 6 e 7); 14 ♀ (ago. 30 e set. 1, 4, 5 e 7)

No inverno emigra para o sul, atingindo vários pontos da costa brasileira, até, pelo menos, o Espírito Santo (Goaraparim), como já teve Pinto (139 "A") a oportunidade de divulgar).

Tringa flavipes (Gmelin)
Scolopax flavipes Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1 (2): 659

Localidade típica: New York

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♂ (set. 14)

Itapipoca: 2 ♀ (ago. 23)

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ (maio 2)

Tringa melanoleuca (Gmelin)
Scolopax melanoleuca Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1 (2): 659.

Localidade típica: Chateau bay (Labrador)

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♀ (set. 4)

Tringa solitaria solitaria Wilson
Tringa solitaria Wilson, 1813, Amer. Orn., 7: 53, pl. 58, fig. 3

Localidade típica: Monte Pocono (Pennsylvania)

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 2 ♀ (ago. 21 e 22)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 20)

Maracujá: 1 ♂ (abr. 20)

Barra: 1 ♀ (abr. 28)

Actitis macularia (Linné)

Tringa macularia, Linné, 1766, Syst. Nat. 12.^a ed., 1: 249.

Localidade típica: Pennsylvania

CEARÁ (1958)

Icaraí: 8 (ago. 29 e 31 e set. 3, 4, 5 e 6); 3 ♀ (set. 4, 5 e 6)

Arenaria interpres morinella (Linné)

Tringa morinella Linné, Syst. Nat. 12.^a ed., 1: 249.

Localidade típica: Georgia

CEARÁ (1958)

Icaraí: 2 ♂ (ago. 30); 3 ♀ (ago. 30 e set. 4 e 5).

Capella paraguayiae paraguayiae (Vieillot)

Scolopax paraguayiae Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 3: 356.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 4)

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 21 e 22)

Ereunetes pusillus (Linné)

Tringa pusilla Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1: 252.

Localidade típica: São Domingos

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♀ (ago. 23)

Icaraí: 1 ♀ (set. 1)

Erolia minutilla (Vieillot)

Tringa minutilla Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 34: 466.

Localidade típica: "en Amérique jusq'au delà du Canada" (= Halifax, Nova Scotia)

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 2 ♂ (ago. 19 e 22); 3 ♀ (ago. 19 e 22).

FAMILIA RECURVIROSTRIDAE

Himantopus himantopus mexicanus (Müller)

Charadrius mexicanus P. L. S. Müller, 1776, Natursystem, Supplem., p. 117 (baseado em Brisson, Orn., V: 36, "L'Echasse du Mexique")

Localidade típica: Mexico

CEARÁ (1958)

Icaraí: 1 ♂ e 1 ♀ (set. 4)

O ♂ é caracteristicamente da forma setentrional, tanto na ausência da faixa

branca no alto do manto, quanto na restrição do branco na fronte. Já o mesmo não se poderá dizer da ♀, onde as penas da porção mais alta do manto apresentam maior quantidade de branco do que certos indivíduos de leste do Brasil como é o caso de um (♂ ?) de Pirapora, no medio rio São Francisco. As dificuldades de separar a presente forma de *H. himantopus melanurus* já foram acentuadas por Pinto (140: 333), a proposito de um exemplar do baixo Amazonas (rio Arapiuns), com características muito nitidas da forma meridional. Desnecessario pois prolongar neste momento a discussão do assunto.

FAMILIA LARIDAE

Phaetusa simplex simplex (Gmelin)

Sterna simplex Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1, (2), 606

Localidade tipica: Caiena

BAHIA (1958)

Barra (rio São Francisco, Bahia): 1 ♂ e 4 ♀, imaturos todos (maio 1.º)

As partes superiores, inclusive o pileo, por tratar-se de individuos em fase incompleta de crescimento, são de um cinzento-ardosiado claro, como acontece nas aves do vale amazonico e paragens mais setentrionais da America do Sul. Nas populações sul e centro-brasileiras, comumente rotuladas como *P. s. chloropoda* (Vieillot) e bem representadas nas coleções do Departamento de Zoologia, inclusive por varios exemplares de Conceição do Araguaia recentemente adquiridos, as partes superiores são, via de regra, notavelmente mais escuras. Todavia, há muita variabilidade neste particular, a ponto de não ser praticamente possivel estabelecer uma nitida separação geografica entre as duas subespecies reconhecidas por Wetmore (207: 140) e advogadas por A. Laubmann (87: 261 e 592), com base na aludida diferença. Por isso, a separabilidade das duas formas, ainda aqui admitida, foi posta em duvida por Pinto (134: 148), antes de ser francamente impugnada por Hellmayr & Conover (72: 294-295, nota 1).

Gelochelidon anglica grönvoldi Mathews

Gelochelidon nilotica grönvoldi Mathews, 1912, Bds. Australia, 2 (3): 331

Localidade tipica: America do Sul

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♀ (set. 4)

FAMILIA COLUMBIDAE

Columba picazuro marginalis Naumburg

Columba picazuro marginalis Naumburg, 1932, Amer. Mus. Nov., 554: 3

Localidade tipica: Corrente, Piauí

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 15); 3 ♀ (jun. 8, 15 e 22)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 20)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 9)

Forma bem caracterizada e circumscrita às zonas secas do interior dos Estados nordestinos, inclusive provavelmente o nordeste de Goiás.

Zenaidura auriculata chrysauchenia (Reichenbach)

Peristera chrysauchenia Reichenbach, 1847, Syn. Av. Columbariae, (3).

Localidade tipica: não mencionada (= Brasil)

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 18 e 22)

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 9, 20 e 21); 3 ♀ (jun. 7 e 20); 1 sexo indeterminado (jun. 9)

Apesar de sofrerem tremenda perseguição na época da postura, por parte dos sertanejos, as avoantes são ainda hoje vistas em grandes bandos nos estados este-setentrionais do Brasil. No sul, onde não consta que se reproduzam, ocorrem apenas no verão, de modo disperso.

Scardafella squammata squammata (Lesson)

Columba squammata Lesson, 1831, Traité d'Orn., livr 6: 474

Localidade tipica: Bahia

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 1.º e 9)

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 11 e 24); 3 ♀ (jun. 1.º, 11 e 24)

- BAHIA (1958)
Buritirama: 4 ♂ (mar. 11, 18, 19 e 21).
- Columbina picui strepitans* Spix
Columbina strepitans Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2: 57, pl. 75, fig. 1.
Localidade típica: "in campis Piauhy".
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 2 ♂ (jul. 31 e ago. 1.º); 1 ♀ (jul. 30)
Itaipoca: 1 ♂ (ago. 19)
- PARAIBA (1957)
Curema: 3 ♂ (jun. 9 e 16); 1 ♀ (jun. 1)
- BAHIA (1958)
Buritirama: 1 ♂ (mar. 20); 1 ♀ (mar. 10)
- Esta raça é privativa do nordeste brasileiro.
- Columbigallina passerina griseola* (Spix)
Columbina griseola Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2: 58, pl. 75-a, fig. 2.
Localidade típica: "in sylvis fl. Amazonum"
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 1 ♂ (jul. 11); 1 ♀ (jul. 22)
- Columbigallina minuta minuta* (Linné)
Columba minuta Linné, 1766, Syst. Nat., 12.ª ed., 1: 285
Localidade típica: "San Domingo" (Caiana, por sugestão de Berlepsch & Hartert).
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 2 ♂ (ago. 1.º e 2); 1 ♀ (jul. 30)
- PARAIBA (1957)
Curema: 5 ♂ (jun. 9, 12, 22 e 24); 3 ♀ (jun. 9 e 25)
- BAHIA (1958)
Buritirama: 2 ♂ (mar. 13 e 19).
- Columbigallina talpacoti talpacoti* (Temminck)
Columba talpacoti Temminck, in Temminck & Knip, 1811, Les Pigeons, 1, Colombigallines, 22
Localidade típica: "l'Amérique méridionale" (Bahia, por sugestão de Pinto (134: 163).
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 2 ♂ (jul. 31 e ago. 1.º).
- PARAIBA (1957)
Curema: 2 ♂ (jun. 22)
Mamanguape: 1 ♂ e 1 ♀ (jul. 9 e 13).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 2 ♂ (mar. 10 e 15)
Sta.-Rita-de-Cassia: ♀ juv. (abr. 9).
- Uropelia campestris* (Spix)
Columbina campestris Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2: 57, pl. 75, fig. 2.
Localidade típica: "in campis Bahia".
- BAHIA (1958)
Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 27 e abr. 10).
- Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez)
Peristera pretiosa Ferrari-Perez, 1886, Proc. U. S. Nat. Mus., 9: 175.
Localidade típica: Jalapa (Vera Cruz, Mexico).
- PARAIBA (1957)
Curema: 4 ♂ (jun. 12, 15, 17 e 19); 2 ♀ (jun. 1.º e 15)
Mamanguape: 1 ♂ (jul. 5).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 3 ♂ (mar. 14 e 21).
- Leptotila verreauxi approximans* (Cory)
Leptoptila ochroptera approximans Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., 12: 7.
Localidade típica: Serra de Baturité, Ceará.
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 1 ♂ (ago. 1.º); 3 ♀ (jul. 31 e ago. 5 e 7).
Icaraí: 2 ♂ (ago. 29 e set. 3); 2 ♀ (ago. 30 e set. 3).
- PARAIBA (1957)
Curema: 2 ♂ (jun. 10 e 19)
- BAHIA (1958)
Buritirama: 2 ♂ (mar. 15 e 19); 1 ♀ (mar. 3)
Barra: 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 2)
- Oreopeleia violacea violacea* (Temminck)
Columba violacea, Temminck, in Temminck & Knip, 1810, Les Pigeons, 1, Les Colombes, p. 67, pl. 129.

Localidade típica: "le Nouveau Monde"
(Bahia, sugerida por Pinto (134: 169).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 18)

Convém lembrar que a literatura ornitológica não registra ocorrência desta espécie no nordeste do País; não obstante tem ela uma extensa distribuição, que vai da Venezuela ao norte da Argentina.

FAMILIA CUCULIDAE

Coccyzus melacoryphus Vieillot

Coccyzus melacoryphus, Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 8: 271.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 5 ♀ (jul. 16 e 31 e ago. 7 e 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 5 ♂ (jun. 8, 10, 11 e 17); 2 ♀ (jun. 1.º e 19)

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 20)

Coccyzus euleri Cabanis

Coccyzus Euleri Cabanis, 1873, Journ. f. Orn., 21: 72.

Localidade típica: Cantagalo, Rio de Janeiro.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 15)

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 de sexo não determinado (enviado ao Museu de Los Angeles, U.S.A.).

Parece esta a primeira vez que este cuculida é notificado no nordeste brasileiro. Confrontado com um exemplar do Rio Gongogi (Bahia) e outros de S. Paulo, Minas Gerais e Paraná, não acusa a menor diferença.

Piaya cayana pallescens (Cabanis & Heine)

Pyrhococcyx pallescens Cabanis & Heine, 1862, Mus. Hein., Th. 4, (1863), Heft 1, p. 86.

Localidade típica: norte do Brasil (= Bahia, *vide* Hellmayr)

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 21); 1 ♀ (mar. 20)

Santa-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 31); 1 (mar. 28)

Na tonalidade decididamente acinzentada das partes inferiores, crisso e tibias sobretudo, coincidem com estes vários espécimes oriundos de Alagoas (Quebrangulo, Usina Sinimbu) e já estudados por Pinto (144: 30) em anterior oportunidade.

Piaya cayana cearae Cory

Piaya cayana cearae Cory, 1915, Field Mus. Nat. Publ., Orn. Ser., 1: 304.

Localidade típica: Juá, perto de Igatu (Ceará).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 5 ♂ (jul. 16, 20, 21 e 25); 2 ♀ (jul. 18 e 21)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 8)

Icaraí: 1 ♂ (ago. 8)

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 23); 1 ♀ (jul. 14)

Os três exemplares de Mamanguape, leste do Estado da Paraíba, na tonalidade quase branca do peito e apenas levemente acinzentada do crisso e das tibias, concordam exatamente com os do Ceará, razão pela qual são aqui inventariados como da subespécie descrita por Cory (36) e posteriormente aceita por Hellmayr (67). Não é, todavia, sem grande relutância que admitimos a separabilidade desta última, de vez que por vezes chega a ser praticamente impossível distinguir exemplares zoogeograficamente a ela pertencentes dos de Alagoas e norte da Bahia, indubitavelmente referíveis a *P. c. pallescens*; e tanto maior é a nossa relutância quanto estão justamente nesse caso um ♂ e uma ♀ da Serra de Baturité ("município de Pacoti"), há anos (1941) coligidos pelo pessoal do Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela.

Tapera naevia naevia (Linné)

Cuculus naevius Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1: 170.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ juv. (jul. 5)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ juv. (jun. 24)

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♀ ad. (abr. 3)

O unico exemplar cujas medidas (asa 102, cauda 137, culmen 15 mm) merecem registro, por tratar-se de ave adulta, é a ♀ de Riachão, não longe de Quebrangulo (Estado de Alagoas). Sob este ponto de vista ele se aproxima muito mais das populações do extremo norte do Brasil, unanimemente tidas como da forma típica. Entretanto, o problema da separabilidade de *T. n. chochi* (Vieillot), com base no tamanho um pouco maior das aves sul-brasileiras e paraguaias, está muito longe de ser simples, visto não só o caráter gradual da variação em apreço, como também a amplitude das variações individuais. É o que de há muito reconhecera Hellmayr (67: 435) e já foi amplamente discutido por Pinto (140: 342-3).

Crotophaga ani Linné*Crotophaga Ani*, Linné, 1758, Syst. Nat. 10.^a ed., 1: p. 105.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 15)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 1); 1 ♀ (ago. 3)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 19)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 23)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ juv. (mar. 11)

Crotophaga major Gmelin*Crotophaga major* Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1 (pt. 1): 363.

Localidade típica: Caiena.

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 5 e 10); 2 ♀ (jun. 6 e 10)

Guira guira (Gmelin)*Cuculus Guira* Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1 (pt. 1): 414.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (jul. 30 e 31); 1 ♀ (jul. 31)

Icaraí: 2 ♂ (ago. 28)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 14)

FAMILIA PSITTACIDAE

Anodorhynchus hyacinthinus hyacinthinus (Latham)*Psittacus hyacinthinus* Latham, 1790, Ind. Orn., 1: 84.

Localidade típica: não indicada (baixo Amazonas, por sugestão de Pinto (134: 181).

PIAUI (1958)

Corrente (sul extremo): 1 ♂ juv. (abr. 20)

Ara nobilis cumanensis (Lichtenstein)*Psittacus cumanensis* Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Zool. Mus. Berlin, p. 6.

Localidade típica: Brasil (Cuman, no Maranhão, por designação de Hellmayr).

BAHIA (1958)

Maranhão, por designação de Hellmayr).

Aratinga acuticaudata haemorrhous Spix*Aratinga haemorrhous* Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1:29, pl. 13.

Localidade típica: Campo Alegre, Bahia.

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (março 11)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 11); 1 ♀ (março 29)

Barra: 1 ♀ (maio 2)

Este psitacida estava representado nas coleções do Dep. de Zoologia apenas por um exemplar com procedencia certa (Joazeiro, Bahia), com o qual concordam perfeitamente os agora adquiridos.

Aratinga jandaya (Gmelin)*Psittacus Jandaya* Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1 (pt. 1): 319

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Icaraí: 2 ♂ (set. 1 e 3); 7 ♀ (set. 1 e 5)

Aratinga cactorum cactorum (Kuhl)*Psittacus cactorum* Kuhl, 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carol., 10: 82

Localidade típica: sul da Bahia.

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 18); 2 ♀ (mar. 10 e 12)

Os exemplares acima merecem a mais detida consideração, à vista do problema zoogeográfico neles envolvido. Procedentes que são de Buritirama, localidade situada ao norte do rio Grande e apenas 18 leguas da confluência com o rio São Francisco, era de supor-se tivessem as mesmas características dos de analoga procedência obtidos por Spix e Reiser, e determinados por Hellmayr (67: 442) como *A. cactorum caixana* Spix, de que em breve nos ocuparemos. Entretanto, por mais estranho que possa parecer, na cor sepiaceo-olivacea ("Tawny citrine") do peito e na tonalidade carregada do verde ("Spinach Green" de Ridgway) das partes superiores, combinam exatamente com os nossos exemplares de Joazeiro (norte da Bahia) e Pirapora (Minas Gerais), os quais pertencem indiscutivelmente à forma típica da espécie.

O fato, cuja estranheza não hesitamos em salientar mais uma vez, talvez se explique pela procedência possivelmente mais ocidental dos exemplares de Spix e Reiser, ou senão pela recente expansão para oeste da área primitivamente peculiar a *A. c. cactorum*.

Aratinga cactorum caixana Spix

Aratinga caixana Spix, Av. Spec. Nov. Bras., 1824, 1:34, pl. 19, fig. 1.

Localidade típica: não indicada (Caxias no leste do Maranhão, por designação de Hellmayr, 1929).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 3 e 5); 1 ♀ (ago. 4)

Icaraí: 2 ♂ (ago. 28 e set. 6); 2 ♀ (ago. 28 e 29)

PARAIBA (1957)

Curema: 13 ♂ (jun. 1, 9, 14, 15, 17, 18, 20 e 22); 6 ♀ (jun. 9, 22, 23 e 24)

A grande maioria dos exemplares da série aqui especificada, confirma a observação de Hellmayr (67), segundo a qual as aves nordestinas constituiriam uma subespécie bem definida, e diferente de *A. cactorum cactorum* no verde mais claro, mais amarelado ("Cosse Green" de Ridgway) das partes superiores; na cor igualmente mais pálida, mais esverdeada ("Buffy Green") do

peito e da garganta; na tonalidade mais clara, levemente azulada da região frontal; e no azul mais desmaiado, puxando para o verde, da face superior da lâmina externa das primárias. Entretanto, há na série de Curema exemplares de colorido uniformemente mais carregado, capazes de suportar o confronto com os de Joazeiro e Buritirama, há pouco mencionados. Por outro lado, um ♂ de Bonfim (antiga Vila-Nova-da-Rainha), localidade situada pouco ao sul de Joazeiro, combina muito mais com os do Ceará e da Paraíba, do que com os do rio São Francisco.

Como se vê muito há ainda que elucidar no tocante às variações geográficas em *Aratinga cactorum*, abstraindo mesmo do recente e inesperado descobrimento, feito por H. Sick de uma nova subespécie peculiar aos campos adjacentes ao Rio Cururu (afluente oriental do alto Tapajós) e já descrita pelo seu descobridor (172 "A") com o nome de *Aratinga cactorum paraënsis*.

Aratinga aurea aurea (Gmelin)

Psittacus aureus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1 (pt. 1): 329.

Localidade típica: Brasil (Bahia, por sugestão de Cherrie & Reichenberger (29: 3)

CEARÁ (1958)

Icaraí: 2 ♂ (set. 5)

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 7 e 29); 3 ♀ (jul. 26 e 29)

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 15); 1 ♀ (mar. 22)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 27); 4 (mar. 27 e 31 e abr. 4)

Pyrrhura leucotis griseipectus Salvadori

Pyrrhura griseipectus Salvadori, 1900, The Ibis, p. 672.

Localidade típica: não indicada (Serra de Baturité, no Ceará, por sugestão de Pinto (134:194).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 6 ♂ (jul. 19, 20, 21 e 22); 3 ♀ (jul. 21 e 22).

Depois das lucidas observações de Hellmayr (67:444) não há grande ne-

cessidade de insistir nas diferenças, aliás muito flagrantes, que separam de *P. l. leucotis* esta subespecie, até aqui só conhecida da Serra de Baturité, das do Brasil medio oriental, representativas da forma típica da especie e bem exemplificadas nas coleções ao nosso alcance por exemplares da Bahia (Itabuna, rio Gongogi, rio Jucuruçu), Espírito Santo (rio Itaunas, rio Doce, rio São José), Minas Gerais (rio Doce) e Rio de Janeiro (rio Muriaé). A cor branca das coberteiras auriculares ocorre tanto numa quanto noutra, como também em duas formas extra-brasileiras consideradas modernamente como coespecificas, a saber *P. l. emma* Salvadori e *P. l. auricularis* Zimmer & Phelps, do norte da Venezuela. É util todavia acrescentar que enquanto em *P. l. leucotis* a fronte se apresenta distintamente tingida de azul, em *P. l. griseipectus* é ela parda, como o restante do pileo; em *P. l. leucotis* há, além disso, mais azul na região da nuca, como também na barba externa das primarias. Em *P. pfrimeri* Miranda-Ribeiro, do leste de Goiás, a julgar pelos exemplares existentes no nosso Dept. de Zoologia (de Sta.-Maria de Taquatinga, Nova Roma e Barra do rio São Domingos), não se nota o minimo vestigio de branco nas coberteiras auriculares, donde ser materia de ponto de vista pessoal tratá-la como especie autonoma à maneira do que a principio se admitiu, ou como subespecie de *P. leucotis*, a exemplo do que foi proposto por Berla (6:1) e aceito por Zimmer & Phelps (224:4). A extraordinaria semelhança que, quanto ao mais, apresenta a ave goiana com *P. l. leucotis*, parece todavia aconselhar a ultima alternativa. Ascendem assim a cinco as subespecies de *P. leucotis* conhecidas até o presente.

Forpus xanthopterygius xanthopterygius (Spix)

Psittaculus xanthopterygius Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1:38, em parte (só a fema, tab. XXXIV, fig. 2).

Psittacula passerina vivida Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., 10:539.

Localidade típica: Minas Gerais.

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 10 e 11); 3 ♀ (mar. 12 e 19).

Como a Gyldenstople (48: 53), o nome proposto por Spix, com base em exemplares de Minas Gerais, parece-nos hoje efetivamente aproveitavel para as formas deste periquitinho em que os machos têm a rabadilha cor-de-anil, uma vez consideradas, como nos parece correto, especificamente distintas das cujos machos possuem a rabadilha verde, às quais ficaria restrita a corrente denominação de *F. passerinus* (Linné). Fica assim reconsiderado o ponto de vista anteriormente adotado por Pinto (139: 12) sobre este assunto.

Forpus xanthopterygius flavissimus Hellmayr

Forpus passerinus flavissimus Hellmayr, 1929,

Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII: 446

Localidade típica: Turiaçu (norte do Maranhão).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 16).

Açudinho: 6 ♂ (ago. 2, 3 e 6); 3 ♀ (ago. 3, 4 e 5).

Itapipoca: 1 ♀ (ago. 23).

PARAIBA (1957)

Curema: 11 ♂ (jun. 7, 12, 17, 18, 19, 20, 21 e 22); 2 ♀ (jun. 4, 18 e 20).

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 13 e 20); 3 ♀ (jul. 13, 27 e 31).

Infelizmente, até hoje não possuem as coleções do Dept. de Zoologia exemplares topotipicos da forma nordestina do tuim, pois como observara Hellmayr ao criar a subespecie (67), "parece que é nas aves da costa do Maranhão que os caracteres desta forma são mais acentuados". Mas as diferenças acusadas pelos exemplares do Ceará, em comparação com os dos estados sulinos, inclusive a Bahia, são suficientemente conspicuos para nos convencer da validade da raça em questão; de todas, porem, a mais constante é a tonalidade fortemente amarelada do verde, tanto na região frontal, como nas bochechas e na garganta. Mais difícil de perceber, porque mais susceptivel de cambiantes, é o anilado da rabadilha dos machos. Observações analogas merecem os exemplares da Paraíba e de Alagoas, motivo pelo que são referidos também a *F. x. flavissimus*.

Brotogeris versicolorus chiriri (Vieillot)

Psittacus chiriri Vieillot, 1817 (1818); Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 25:359.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 21 e 25); 3 ♀ (jul. 21, 22 e 26).

Açudinho: 6 ♂ (ago. 2, 3 e 6); 3 ♀ (ago. 2, 4 e 5).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 3 ♂ (mar. 28 e abr. .); 4 ♀ (mar. 28 e 29 e abr. 3).

Amazona amazonica amazonica (Linné)

Psittacus amazonicus Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:147.

Localidade típica: Surinam, *errore!* (Amazonas, por designação de Hellmayr).

PARAIBA (1957)

Mamanguape (Rio Tinto): ♀ (jul. 8).

Nunca será exagerado o interesse despertado pelo registro da ocorrência ainda hoje deste papagaio em nosso Nordeste, onde por certo ele fora outrora muito espalhado e abundante. Seu atual nome popular de "curica" é simples variante do registrado em começos do século XVII por Marcgrave, que o descrevera sob a denominação de "ajuru-curuca", ouvida dos índios.

Amazona dufresniana rhodocorytha (Salvadori)

Chrysotis rhodocorytha Salvadori, 1890, The Ibis, p. 369.

Localidade típica: Brasil (Belmonte, Bahia, por sugestão de Pinto [13:208]).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ e 1 ♀ (mar. 7).

Outro achado inesperado foi o deste papagaio no Estado de Alagoas. Até aqui o sudeste da Bahia representava o limite setentrional conhecido de sua área de distribuição, a qual, conforme o demonstra o material à nossa disposição, se estende para o sul, ainda nos dias atuais, até o rio Doce. Registrando-o sob o nome de *Psittacus dufresnianus*, falhara Wied em reconhecer as diferenças que separam as aves este-brasileiras das guianenses, aliás simples coespecie no modo de ver de Peters

(128: 219), que não vacilamos em acompanhar.

Pionus maximiliani maximiliani (Kuhl).

Psittacus Maximiliani Kuhl, 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carol., 10:72.

Localidade típica: Brasil (Viçosa, sul da Bahia, por sugestão de Hellmayr [67: 450]).

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 28).

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cassia: 3 ♀ (abr. 9).

As medidas do ♂ de Icarai orçam em 167 mm de asa, 80 de cauda, 24 de culmen, 15 de tarso; estão assim perfeitamente dentro das acusadas por três indivíduos do mesmo sexo provenientes do rio Gongogi (Serra do Palhão, Estado da Bahia), e incluídas na tabela publicada por Pinto (132: 127), com a finalidade de delimitar a área geográfica da presente subespecie, em face da de *P. m. syi*, englobando-se sob esta rubrica as populações do Brasil meridional e as das vizinhas republicas. Ultimamente, porém, utilizando praticamente todo o material existente nos museus deste lado do Atlântico, inclusive as coleções do Departamento de Zoologia de São Paulo, concluiu a Sra. E. Smith (173) de Chicago, pela separabilidade de umas e outras, limitando-se a área de *P. m. syi* à bacia do rio Paraguai (Bolívia central e meridional, sul de Mato Grosso, Paraguai, norte extremo da Argentina) e atribuindo às populações do sudeste brasileiro (e, com elas as das regiões fronteiriças do Paraguai e da Argentina) a categoria de subespecie particular, sob a denominação de *Pionus maximiliani melanoblepharus* Miranda-Ribeiro (107: 61) proposta inicialmente para exemplares procedente de Terezópolis. Segundo a referida estudiosa, *melanoblepharus* distingue-se de *syi* pelo azul mais carregado da garganta ("clearer and darker blue throat"), pelo verde-bronze mais escuro das partes inferiores ("darker bronze-green under parts") e pelo verde mais escuro, mais azulado do dorso ("consistently darker and bluer green back"). O novo exame a que acabamos

de submeter os exemplares do Departamento de Zoologia, confirmam satisfatoriamente essas diferenças, evidenciando embora a existência de uma larga zona de intergradação, que a par das diferenças individuais torna às vezes difícil a tarefa do classificador. Em *syi*, a julgar pela nossa série, julgamos de apreciável valor diagnóstico outro caráter, que parece ter escapado a E. Smith; vem a ser a maior quantidade de vermelho-sangue na base (lado inferior) das rectrizes laterais.

Touit surda (Kuhl)

Psittacus surdus "Illiger" Kuhl., 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carol., 10:59.

Localidade típica: Brasil (Rio Mucuri, sul da Bahia, por sugestão de Pinto [134: 216]).

PARAIBA (1957).

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 12).

Assinala o presente exemplar o limite setentrional da área de distribuição conhecida para a espécie, que não há muito foi também registrada em Pernambuco por Berla (6: 7) e em Alagoas por Pinto (144: 31); para o sul, alcança, ou pelo menos alcançava até meados do século passado, o Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo).

FAMILIA TYTONIDAE

Tyto alba tuidara (Gray)

Strix Tuidara J. E. Gray, 1829, in Griffith ed. of Cuvier's Anim. Kingd. 6:75.

Localidade típica: Brasil (Brasil meridional).

CEARA (1958)

Icarai: 1 ♂ (ago. 31).

PARAIBA (1957)

Mamanguape (Rio Tinto): 1 ♂ (jul. 7).

FAMILIA STRIGIDAE

Pulsatrix perspicillata perspicillata (Latham)

Strix perspicillata Latham, 1790, Index Ornith., 1:58 (baseado no "Spectacle Owl" de Latham, Syn. Bds., Supplem., p. 50, pl. 107).

Localidade típica: Caiena.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♀ imat. (jul. 11).

Há quase meio século que o conde Berlepsch (9:46) procurando esclarecer a difícil sistemática das corujas do gênero *Pulsatrix* Kaup apontou as diferenças existentes entre *P. perspicillata* (Lath.) e *P. pulsatrix* (Wied), por ele consideradas espécies autônomas. Na impossibilidade de consultar este trabalho, temos de nos ficar no que a respeito deste assunto disse a Sra. Naumburg (113: 115), que teve a oportunidade de comparar exemplares da primeira de diversas procedências (Guianas, Mato Grosso etc.), com o tipo da última; e também na chave diagnóstica publicada pouco depois por L. Kelso (79: 235-6) como base dos estudos ulteriormente dedicados ao mesmo assunto. São praticamente coincidentes as diferenças reconhecidas entre as duas espécies por esses autores, caracterizando-se *P. perspicillata*, principalmente, pela tonalidade mais carregada das partes superiores, cujo colorido além disso não é uniforme, apresentando-se o pileo e o alto dorso muito mais escuros do que o resto; ao passo que em *P. pulsatrix* as partes superiores são de um chocolate muito mais claro e praticamente uniforme. O exemplar de Mamanguape, a despeito de sua imaturidade, atestada pela larga área branca estendida do alto da cabeça à região interescapular, filia-se decididamente à *P. perspicillata*, de que há nas coleções do Dep. de Zoologia uma série numerosa, constituída de exemplares de variada procedência (Amazonia, Bahia, Minas Gerais, Goiás, São Paulo etc.). Com os caracteres de *P. pulsatrix* temos à vista, afora o exemplar do rio Jucuruçu estudado por Pinto (132: 110), outros três, de pontos distanciados da faixa florestada do Brasil oriental (Santa Catarina, Alto da Serra, rio São José). A inclusão da área geográfica de *P. pulsatrix* na de *P. perspicillata* deixa claro tratar-se de duas espécies independentes, como supunha Kelso.

Otus choliba decussatus (Lichtenstein)

Strix decussata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 59.

Localidade típica: "Bahia" (propomos adote-se o chamado Reconcavo da baía

de Todos os Santos como patria tipica restricta).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 9); 3 ♀ (ago. 6, 8 e 9); 1 insex. (ago. 9).

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 19).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 15 e 22).

Formam os exemplares acima, adultos todos, um lote muito homogêneo e fácil de distinguir, ao primeiro relance, dos da bacia Amazônica, hoje bem representada nas coleções do Dep. de Zoologia. Para Hellmayr (55: 575), cujos estudos foram o ponto de partida para o reconhecimento, hoje unânime, de três subespécies em território brasileiro, *O. c. decussatus* distingue-se de *O. c. crucigerus* (Spix) (177) pela ausência de tufos ruivo-amarelos nas partes inferiores, e pela maior largura dos riscos pretos das ditas. Nosso material confirma a observação do emérito ornitólogo vienense, salvo no que diz respeito aos tufos ruivos-amarelados, cuja presença ou ausência não nos parece possuir o menor valor diagnóstico, visto como, tanto quanto nos é dado observar, significa mero acidente apresentado pela plumagem em decorrência da preparação, que quando menos bem sucedida deixa ver aqui e ali, por entre as penas do peito e do abdome tufos de penugem de cor fulva ou branco-arruivada. Em compensação, temos que em *O. c. decussatus* é característica bastante saliente, não só a maior largura das estriações, como também a tonalidade muito mais clara das partes inferiores e, precipuamente, a inferioridade do tamanho médio dos exemplares, aferida pelo comprimento de asa. Nos exemplares trazidos agora do Ceará e da Paraíba esse comprimento oscila geralmente em torno de 150 mm, com um mínimo de 146 mm para um ♂ de Açudinho e um máximo de 157 mm para um de Itapipoca. Nos da bacia Amazônica, variando embora dentro de limites mais largos, o comprimento de asa oscila quase sempre em torno de 165 mm, com valores extremos de 161 e 178 mm, apresentados respectivamente por uma ♀ de Pataúá (baixo Ama-

zonas, marg. norte) e outra de João Pessoa (alto Juruá). As aves dos arredores de Belém (Utinga, Murutucu) e do norte do Maranhão (Primeira Cruz), a julgar pelo material ao nosso alcance, assim no que respeita à plumagem, como às medidas (151 a 160 mm de comprimento de asa) são muito mais aparentadas com as do nordeste brasileiro do que com as da bacia amazônica, merecendo assim, em que pese o parecer contrário de Hellmayr (67: 405), serem referidas também a *O. c. decussatus*. Com base na caracterização que advogamos para a subespécie nordestina, é lícito referirem-se igualmente a ela as aves dos arredores da cidade do Salvador, inclusive todo o Recôncavo (ilha de Madre de Deus etc.). Todavia, um pouco mais ao sul (Ilheus, rio Gongogi) vemos ir as medidas aumentando progressivamente, para valores equivalentes aos encontrados em *O. c. crucigerus* (170 mm de asa numa ♀ de Farroupilha, Rio Grande do Sul), e pondo-nos assim em presença de uma nova variedade geográfica, que outra não nos parece senão *O. choliba choliba* (Vieillot), ou seja a forma típica da espécie. Aliás, é de toda oportunidade reconhecer a grande dificuldade que oferece a diagnose entre *O. c. choliba* e *O. c. crucigerus*, a maior diferença mais perceptível entre ambas parecendo estar, como verificara Hellmayr (55: 575), na maior largura das estriações escuras das partes inferiores, cujo colorido fundamental nos parece também, via de regra, mais carregado, puxando para o cinzento. É matéria de opinião a classificação das populações do Brasil centro-oriental (Minas Gerais, Goiás), pois as suas características são visivelmente intermediárias já entre *O. c. decussatus* e *O. c. choliba*, já entre esta última e *O. c. crucigerus*. É o que, diante de quase uma centena de exemplares brasileiros da espécie, podemos concluir, em seguimento às notas e apreciações que o assunto tem merecido de Pinto (131: 35-38) e Pinto & Camargo (145: 306).

Glaucidium brasilianum brasilianum (Gmelin)

Strix brasiliana Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, pt. 1:289.

Localidade típica Brasil (Ceará, por sugestão de Hellmayr, 1929).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 1).

Icarai: 2 ♂ (set. 1).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 21).

Os exemplares do Ceará, patria típica da espécie de acordo com a designação de Hellmayr (67: 407), não infirmam o parecer emitido alhures por Pinto (146-A: 379) sobre a dificuldade de reconhecer variações geografias nas populações brasileiras da espécie.

FAMILIA NYCTIBIIDAE

Nyctibius griseus griseus (Gmelin)

Caprimulgus griseus Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1, pt. 2: 1.029, n.º 5.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (jul. 31).

Novo ,ao que parece, para a avifauna cearense.

FAMILIA CAPRIMULGIDAE

Chordeiles pusillus pusillus Gould

Chordeiles ? pusillus Gould, 1861, Proc. Zool. Soc. London, p. 182.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 7, 8 e 12); 3 ♀ (jun. 12 e 23).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 17).

Os presentes exemplares vieram enriquecer sensivelmente as coleções do Dep. de Zoologia, onde, afora dois velhos espécimes de Joazeiro (Bahia), este minúsculo caprimulgida só era representado por outros tantos de Cachimbo (sul do Pará) e uma pequena serie da bacia do rio Araguaia (Mato Grosso).

Podager nacunda nacunda (Vieillot)

Caprimulgus nacunda Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 10:240.

Localidade típica: Paraguai.

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ (maio 2)

Hydropsalis brasiliana brasiliana (Gmelin)

Caprimulgus brasilianus Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1, pt. 2: 1.031.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 1).

Nyctidromus albicollis albicollis (Gmelin)

Caprimulgus albicollis Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1, pt. 2: 1.030.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 21).

Açudinho: 1 ♀ (ago. 6).

Icarai: 1 ♀ (ago. 30).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 5 e 7).

Caprimulgus parvulus parvulus Gould

Caprimulgus parvulus Gould, 1837, Proc. Zool. Soc. London, p. 22.

Localidade típica: Rio Paraná, Rep. Argentina.

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♀ (mar. 26).

Caprimulgus hirundinaceus cearae (Cory)

Nyctipolus hirundinaceus cearae Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., 12: 4.

Localidade típica: Quixadá, Ceará.

PARAIBA (1957)

Curema: 5 ♂ (jun. 15, 18 e 21); 2 ♀ (jun. 18).

Estes exemplares do sertão da Paraíba, em que só as quatro primarias externas são distintamente manchadas de branco no trecho medio, combinam fielmente com duas velhas peles de Joazeiro (norte extremo da Bahia) devidas a E. Garbe (nov. de 1907 e dez. de 1913). No que se refere à nodoa branca das remiges externas, há grande variação; mas, embora nunca falte de todo à barba externa da pena, é frequente ficar o raque perfeitamente escuro ao seu nivel, como na forma típica. Assim, aos exemplares da Paraíba aplicam-se os reparos feitos por Hellmayr (67: 401-2) ao reconhecer a sua posição intermediaria em relação a *C. h. hirundinaceus* Spix, de que não possuímos exem-

plares autenticos, e cuja area de distribuição ele circunscribe ao sul extremo do Piauí (Parnaguá) e nordeste da Bahia (Queimadas).

FAMILIA APODIDAE

Reinarda squamata orientalis subsp. nov.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♂ e 1 insex. (set. 2).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♀ (jun. 13).

TIPO. ♂ adulto (n.º 41.552 da Col. Ornitológica do Departamento de Zoologia de São Paulo), de Mosquito, perto de Icarai (norte do Ceará), colecionado em 2 de setembro de 1958 pela Exped. do Dep. de Zoologia.

DIAGNOSE. Semelhante a *R. s. squamata*, da região guianense-amazonica, mas diferindo no colorido muito mais claro, pardo, lustrado de olivaceo (em vez de preto, lustrado de azul ferrete) das partes superiores e da cauda; pela tonalidade esbranquiçada (quase sem mistura de pardo ou escuro) das partes inferiores; na cor predominantemente branca (em vez de preta lustrada de azul) das coberteiras inferiores da cauda, apenas mais ou menos sombreadas de pardo-escuro na barba externa.

DESCRIÇÃO DO TIPO. Partes superiores, inclusive a cauda e as asas, pardo-escuras, lustradas de verde olivaceo, com as penas do dorso e as coberteiras superiores das asas orladas de brancacento; partes inferiores brancas, com a baixa porção do peito e os flancos sombreados de pardo-escuro; remiges preto-pardacentas, lustradas levemente de olivaceo na pagina superior e foscas na inferior; coberteiras inferiores da cauda brancas, com a barba externa mais ou menos tsnada de pardo-escuro. Medidas: asa 104, cauda 70, culmen 4 mm.

Ao Conde Gyldenstolpe (48: 72) devemos agradecer a divulgação do que sobre este ponto lhe comunicara em correspondencia o Dr. Hellmayr, a quem cabe merito de ter reconhecido, antes de qualquer outro, a separabilidade das populações este-brasileiras da especie.

A forma tipica está representada nas coleções do Dep. de Zoologia por uma pequena serie de exemplares adultos, a saber um casal de João Pesosa (Olalla col., 1936), dois ♂ de Porto Velho

(W. Bockermann col., 1954), um casal da serra do Cachimbo (E. Dente col., 1955) e uma ♀ de Belem. Todos estes exemplares se distinguem à primeira vista dos de leste do Brasil (Joazeiro, Curema, Icarai) pela cor dene-grida, fortemente lustrada de azul ferrete, das partes superiores e das coberteiras inferiores da cauda; têm tambem as partes inferiores do corpo pardo-dene-gridas, com mescla de branco no peito e no abdome. Exemplares do Estado de Goiás (rio das Almas, Goiania, Rio Claro), tambem uma ♀ de Coxim (sul de Mato Grosso) combinam muito mais com as do nordeste brasileiro do que com os da Amazonia, merecendo assim serem referidos à *R. s. orientalis*; pelo contrario, um ♂ de Chavantina (rio das Mortes, Estado de Mato Grosso) é praticamente inseparavel dos do Pará. No que toca às medidas (94 a 112 mm de asa) parece que as populações não acusam diferenças.

FAMILIA TROCHILIDAE

Glaucis hirsuta hirsuta (Gmelin)

Trochilus hirsutus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, pt. 1: 490.

Localidade tipica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 insex. (jul. 26).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 insex. (jul. 13).

Phaëthornis pretrei (Lesson & De Lattre)

Trochilus Pretrei Lesson & De Lattre, 1839, Rev. Zool., 20.

Localidade tipica: Minas Gerais.

PARAIBA (1957)

Mamanguape (Rio Tinto): 1 ♀ (jul. 7).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (mar. 28).

Phaëthornis ruber ruber (Linné)

Trochilus ruber Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., 1: 121.

Localidade tipica: Surinam.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 19 e 20)

Eupetomena macroura simoni Hellmayr

Eupetomena macroura simoni Hellmayr, 1929,

- Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool Ser., 12: 386.
Localidade típica: Rio do Peixe, próximo de Queimadas (Bahia).
- PARAIBA (1957)
Curema: 2 ♀ (jun. 21 e 25).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 1 ♂ (mar. 20).
Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 1 e 4); 1 ♀ (mar. 26).
- Melanotrochilus fuscus* (Vieillot)
Trochilus fuscus Vieillot, 1817, Nov. Dict. Hist., Nat., nouv. éd., 7:348.
Localidade típica: Brasil (Bahia, por sugestão de Pinto [134: 256]).
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 1 ♂ (jul. 10).
- Amazilia leucogaster leucogaster* (Gmelin)
Trochilus leucogaster Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, pt. 1:495.
Localidade típica: Caiena.
- CEARÁ (1958)
Icarai: 1 ♂ (set. 2); 1 ♀ (ag. 28)
- Confirmam estes dois exemplares o parecer emitido por Hellmayr (67: 395) quando refere à forma típica da espécie as aves do Ceará, com base na inferioridade de tamanho e menor comprimento do bico, em relação às da Bahia e Pernambuco. É de notar, porém, que essa diferença de tamanho, a julgar pelo material ao nosso dispor é extremamente reduzida, como o demonstra a tabela abaixo.

TABELA DE MEDIDAS

(em milímetros)

A. leucogaster leucogaster

	asa	bico
♂, Boa Vista (Maranhão)	53	?
♂, Icarai (Ceará)	51	21
♀, Icarai (Ceará)	52	21
sexo? «Ceará»	52	22

A. leucogaster bahiae

♂, ilha de Madre de Deus	53	23
♀, ilha de Madre de Deus	52	24
sexo? «Bahia»	54	24
sexo? «Bahia»	54	23

- Amazilia fimbriata nigricauda* (Elliot)
Thaumatias nigricauda Elliot, 1878, The Ibis, p. 37 (in key), p. 41.
Localidade típica: Bahia.
- BAHIA (1958)
Sta.-Rita-de-Cassia: ♂ (mar. 27); 2 insex. (abr. 5 e 10).

- Chlorestes notatus notatus* (C. Reichenbach)
Trochilus notatus C. Reichenbach, 1795, Mag. des Tierr., Erlangen, 1:129.
Localidade típica: Caiena.
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 1 ♂ (jul. 31).
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 5 ♂ (jul. 22, 22, 23, 24 e 27); 2 ♀ (jul. 17 e 24).

No tocante ao colorido verde carregado das partes superiores, assim como no mais, há perfeita semelhança entre todos os exemplares da série agora registrada. Sob este particular, combinam também com a generalidade dos da Amazonia, que ao nosso ver representam a forma típica da espécie, autenticamente representada nas coleções ao nosso dispor por um espécime da Colombia e outro de Trinidad. Como foi primeiramente apontado por Hellmayr (67:393) e, mais tarde, por Pinto (140: 367), as aves da Bahia e do Espírito Santo, separáveis sob a denominação de *C. notatus cyanogenys* (Wied), têm as partes superiores fortemente lustradas de ouro e bronze. Dir-se-ia que sobre esta base seria fa-

cil não só estabelecer a diagnose das subespecies em questão, como até delimitar-lhes as respectivas áreas geograficas. Aqui entra porem um fator imprevisto de perturbação, que outro não é senão o colorido imprevisto das aves dos arredores de Belem (leste do Pará), as quais, em vez de terem o lado dorsal verde carregado como as do baixo Amazonas, têm-no decididamente lustrado de amarelo dourado, quase como nas da Bahia. Dir-se-ia que no caso intervém um elemento estranho ao fator geografico, o qual poderá estar na maior ou menor abundancia de florestas, na umidade atmosferica, na intensidade da insolação, etc.

Chlorostilbon aureoventris pucherani (Bourcier & Mulsant)

Trochilus Pucherani Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Zool., p. 271.

Localidade tipica: Brasil (Rio de Janeiro, por designação de Hellmayr 1929).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (jul. 31 e ago. 7); 1 ♀ (ago. 6).

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 14 e 26; 3 ♀ (jun. 8, 11 e 21).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 10)

Thalurania furcata baeri Hellmayr

Thalurania furcata baeri Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., 21:27.

Localidade tipica: cidade de Goiás, no Estado do mesmo nome.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 20); 3 ♀ (jul. 18, 24 e 26).

Confirma a presente serie o esquema contido no grafico da distribuição das variedades geograficas da especie organizado por Pinto (140: 363), anos atrás.

Anthracothorax nigricollis (Vieillot)

Trochilus nigricollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 7:349.

Localidade tipica: Brasil.

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 7).

É corrente o uso do trinominal para o presente beija-flor, isso no pressuposto de sua coespecificidade com *A. iridescens* (Gould), do oeste do Equador. Tal ponto de vista foi, com abundancia de argumentos, contestado por Zimmer (221: 7-8), para quem o ultimo merece antes ser considerado subespecie do grupo encabeçado por *A. prevostii* (Lesson), a menos que se admita fazerem todos parte de uma mesma especie lineana.

Chrysolampis mosquitus (Linné)

Trochilus mosquitus Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., 1:120.

Localidade tipica: "In Indiis", errore! (= Caiena).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 3 ♂ (jul. 19, 20 e 22); 2 ♀ (jul. 16 e 25).

Açudinho: 6 ♂ (jul. 31 e ago. 1, 4, 6 e 9); 8 ♀ (jul. 30 e ago. 2, 5, 8 e 9).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 19).

Sabe-se como ao nome aqui adotado para este pequeno beija-flor tem se preferido, a exemplo de Berlepsch & Hartert (10: 87), o de *Trochilus elatus* Linné, 1766; entretanto, apresentando em nosso favor o procedimento de Peters (129: 28), e tendo em mente o ponderado certa vez por Pinto (144: 36), não vacilamos em adotar a denominação proposta primeiramente pelo autor do *Systema Naturae*.

Polytmus guainumbi thaumantias (Linné)

Trochilus Thaumantias Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:190.

Localidade tipica: "in America meridionali" (Sergipe, por sugestão de Hellmayr, *antea*).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 13); 1 ♀ (jul. 23).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fever. 10)

Quebrangulo: 1 ♂ (mar. 28).

BAHIA (1958)

Barra: 1 insex. (abr. 29)

FAMILIA TROGONIDAE

Trogon curucui curucui Linné

Trogon Curucui Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:167, n.º 2.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 21 e 24).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 2).

Icarai: 1 ♂ (set. 1); (ago. 29 e 30; set. 1).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 1, 12 e 20); 6 ♀ (jul. 4, 5, 9, 11 e 20).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 19).

Descrita originariamente no Nordeste, há mais de trezentos anos, por Marcgrave, vemos pela presente série quanto este surucua é ali comum ainda hoje. As relações geográficas entre as três formas correntemente admitidas na espécie foram amplamente discutidas por Pinto (143: 115-121) com resultados equivalentes aos de Zimmer (220: 22-24).

FAMILIA ALCEDINIDAE

Ceryle torquata torquata (Linné)

Alcedo torquata Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:180.

Localidade típica: México.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♂ e 1 ♀ (set. 5).

Chloroceryle amazona amazona (Latham)

Alcedo amazona Latham, 1790, Index Orn., 1:257.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♀ (set. 5).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♀ (jun. 6); 1 insex. (jun. 22).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 12).

Chloroceryle americana americana (Gmelin)

Alcedo americana Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, pt. 1:451.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (jul. 31).

Itapipoca: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 19 e 20).

Icarai: 1 ♂ e 1 ♀ (set. 5).

PARAIBA (1957)

-Curema: 5 ♂ (jun. 9, 22, 24 e 26); 1 ♀ (jun. 23).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (abr. 10).

FAMILIA MOMOTIDAE

Momotus momota marcgraviana subsp. nova

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 4, 9, 13 e 18); 1 ♀ (jul. 16).

TIPO: ♂ adulto (n.º 39.638 da Col. Ornitológica do Departamento de Zoologia de São Paulo), de Uruba, perto de Mamanguape (Estado da Paraíba), colecionado em 13 de julho de 1957, pela Exped. do Dep. de Zoologia.

DIAGNOSE. Semelhante a *Momotus momota parensis*, do leste do Pará (região de Belém), mas diferindo principalmente na exiguidade, ou ausência completa, da nodoa castanha nucal, no verde mais claro, mais puro (menos lavado de ocreo) das partes superiores e na tonalidade igualmente mais clara, menos acanelada (mais verdoenga) das partes inferiores.

DESCRIÇÃO DO TIPO. Vertice da cabeça denegrado, passando a verde cobalto, nas partes anterior e lateral do pileo, e anil intenso na nuca; orla frontal, loros, região retro-ocular e supercílhos negros; na base da nuca uma área distintamente tingida de ferrugem, formando uma pequena nodoa de limites mal definidos; partes superiores verdes, com leve banho de ocre, mais acentuado na porção alta do dorso; primárias verde-azuladas, com a barba interna parcialmente enegrecida; rectrizes (lado superior) verdes amareladas na base, e tingindo-se gradualmente de azul em direção à ponta, decididamente anilada, salvo a ponta extrema, denegrada; partes inferiores tingidas de verde e de ocre em proporção mais ou menos equivalente, com predominância do ocre no abdome e do verde no alto do peito e nas coberteiras infracaudais; página inferior das remiges e rectrizes escura, quase preta; bico cor escura, clareando na porção inferior e basal da mandíbula; pés escuros.

A despeito das variações individuais, a serie de Mamanguape permite formar melhor juízo das diferenças observadas por Pinto (144: 36-7) em exemplares de Alagoas, por ele arrolados como *Momotus momota parensis* Sharpe, mas pertencentes também, sem dúvida à subespecie agora descrita. É difícil por enquanto circunscrever com precisão a area de dispersão da forma nordestina, mas pode-se afirmar que ela não alcança o norte do Maranhão, visto como os especimes que conhecemos desta procedencia (Boa Vista, Miritiba, rio Parnaíba) são inseparáveis dos dos arredores de Belem (Murutucu, Utinga). Na faixa atlantica, os limites meridionais da area geografica de *M. momota marcgraviana*, de que não se conhecem ocorrencias ao sul de Alagoas, deverão coincidir seguramente com os da propria especie, merecendo ainda atenção particular não só o fato de nunca se ter verificado, ao que sabemos, a presença de *Momotus momota* em qualquer ponto do estado da Bahia, como o de ser *Baryphthengus ruficapillus*, a partir dali, o unico representante conhecido da familia respectiva.

FAMILIA GALBULIDAE

Galbula ruficauda rufoviridis Cabanis

Galbula rufoviridis Cabanis, 1851, in Ersch and Gruber's Allg. Encyc. Wiss. und Künste, Sect. 1, Th. 52, p. 308.

Localidade tipica: Brasil.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 22, 25 e 26); 1 ♀ (jun. 26).

Mamanguape (Rio Tinto): 5 ♂ (jul. 13, 14, 17, 20 e 22); 5 ♀ (jul. 9, 16, 22, 24 e 25).

CEARÁ (1958)

Açudinho: ♂ (ago. 8).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 18 e 31).

Sta.-Rita-de-Cassia: ♂ (abr. 1); 2 ♀ (mar. 31 e abr. 1).

FAMILIA BUCCONIDAE

Bucco maculatus maculatus (Gmelin)

Alcedo maculata Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, pt. 1:451.

Localidade tipica: nordeste do Brasil.

PARAIBA (1957)

Curema: 5 ♂ (jun. 6, 8, 25 e 26); 4 ♀ (jun. 6, 14, 19 e 26); 2 insex. (jun. 6 e 20).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: ♂ (jul. 18).

Açudinho: 7 ♂ (jul. e ago. 2, 4, 5, 6 e 7); 2 ♀ (ago. 2 e 4).

Icarai: ♂ e ♀ (set. 4).

BAHIA (1958)

Buritirama: ♂ (mar. 21); 4 ♀ (mar. 11 e 17).

Sta.-Rita-de-Cassia: ♂ (mar. 26 e abr. 4).

Nada menos de 30 exemplares aqui estão para mostrar a largueza de que são susceptíveis as variações individuais deste João-bobo, sendo-lhes perfeitamente pertinentes as observações feitas por Pinto (132: 159-161) ao estudar uma serie do Reconcavo da Bahia. A maculação é, via de regra, bastante espaçada e só excepcionalmente fogem ao estilo habitual, caracterizado por nodos largas e aproximadamente cordiformes.

Chelidoptera tenebrosa tenebrosa (Pallas)

Cuculus tenebrosus Pallas 1782, Neue Nordische Beyträge, 3: 2, p. 1, fig. 1.

Localidade tipica: Surinam.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: ♂ (jul. 10).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. 16 e mar. 14).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: ♂ (abr. 5).

As medidas de todos estes exemplares (102 a 105 mm de asa), que correspondem às minimas observadas por Pinto (140: 289-92), justifica a sua inclusão na forma tipica da especie; todavia, é de notar que a nodoa ruiva ab-

dominal; conquanto equivalente em tamanho à das aves amazonicas, é muito mais desbotada do que nestas ultimas, chegando a rivalizar, às vezes, sob este particular, com o que é de regra em *C. t. brasiliensis*, do sul do Brasil, inclusive o sudeste da Bahia. Tudo isso só faz acentuar a pratica dificuldade que há em assinalar limites menos imprecisos às areas de dispersão das duas formas afins.

FAMILIA RAMPHASTIDAE

Selenidera gouldii baturitensis subsp. nova

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 10)

TIPO. ♂ adulto (n.º 41.608 da col. Ornitológica do Departamento de Zoologia de São Paulo), colecionado na Serra de Baturité, norte do Estado do Ceará, em 10 de julho de 1958, pela Exped. do Dep. de Zoologia.

EXEMPLAR ADICIONAL: ♂ imaturo, da Serra de Baturité (município de Pacoti), colecionado por Gentil Dutra (auxil. de E. G. Holt), do Serviço da Febre Amarela, em 27 de janeiro de 1941 e doado à col. Ornitológica do Dep. de Zoologia de São Paulo.

DIAGNOSE. Semelhante a *Selenidera gouldii* Natterer, da região de Belem (do Pará) e arredores, mas diferindo no tamanho mais reduzido; bico proporcionalmente muito mais pequeno; nodoa preta da maxila muito maior, começando diretamente no bordo posterior (sem interposição de uma faixa basal branca, que se reduz a simples ourela) e estendendo-se pelos dois terços basais da dita; faixa preta da mandibula igualmente mais larga.

DESCRIÇÃO DO TIPO. Parte superior da cabeça e lado trazeiro do pescoço pretos, contrastando com o resto das partes superiores verdes e separados destas ultimas por um semicolar amarelo-dourado; mento, garganta, peito e alto do abdome pretos retintos, com leve lustro azul-ferrete; de cada lado da cabeça uma larga nodoa longitudinal de colorido alaranjado passando a amarelo no terço posterior e estendida dos loros às regiões auriculares; baixo abdome esverdeado, com os lados tingidos de amarelo-alaranjado; coberteiras inferiores da cauda vermelha, cor-de-sangue; calções (tíbias) pardo-ferruginosas; remiges pardo-escuras, com a barba externa (lado supe-

rior) mais ou menos tingida da verde; cauda verde, com o lado inferior escuro e a ponta castanho-ferruginosa; maxila superior preta, exceção feita de uma estreita orla basal branca, e da parte terminal, branco-esverdeada em extensão muito inferior à metade da porção preta; mandibula branco-marfim, com a ponta levemente esverdeada e precedida de uma larga faixa preta. Medidas: asa 125, cauda 107, culmen 65 mm.

DISTRIBUIÇÃO. Conhecida somente da parte florestada da Serra de Baturité, Estado do Ceará, não muito longe de Fortaleza.

A comparação dos dois exemplares da Serra de Baturité com os da região de Belem e, muito especialmente, com os da margem direita do baixo Amazonas (rio Tocantins, rio Tapajós) prova à evidencia representarem uma forma não descrita e de características bastante acentuadas. Estas características dir-se-ia serem o exagero das diferenças observadas, desde Pelzeln (125: 238), entre as aves da região de Belem e as do baixo Amazonas, que por isso foram separadas por Griscom & Greenway (47: 431) com o nome de *Selenidera maculirostris hellmayri*, tendo um ♂ de Boím (rio Tapajós, marg, esquerda) por tipo. Em qualquer hipotese, a julgar pelo material em mãos, as aves da Serra de Baturité divergem muito mais das do distrito de Belem do que estas das dos rios Tocantins, Tapajós e Juruá, merecendo a este proposito recordar uma velha observação de Hellmayr (60: 70-71), contraria à de Pelzeln.

Tão leves são as diferenças entre as populações este-paraenses e amazonicas, e tão fortes as variações individuais experimentadas pelo principal carater (extensão da nodoa preta da maxila), que não hesitara Todd (197: 162) em considerá-las insuficientes para legitimar a discriminação proposta por Griscom & Greenway. Não ousamos acompanhá-lo nesta posição extrema; mas estamos persuadidos de que lhe assiste razão em considerar *S. gouldii* especificamente independente de *S. maculirostris*, forma sulina de que não se conhecem amostras ao norte da Bahia, e muito fixa em suas características.

FAMILIA PICIDAE

Colaptes campestris chryso sternus (Swainson)

Picus chryso sternus Swainson, 1821, Mém. Wernerian Nat. Hist. Soc., 3:289.

Localidade típica: Sertão da Bahia.

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 11 e 19).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 9).

É com relutância que atribuímos a presente determinação aos exemplares do rio Preto. A julgar pelo material em mãos, seria das mais problemáticas a separabilidade das populações nordestinas deste pica-pau, em confronto com as do Brasil centro-meridional, legitimamente pertencentes à forma típica da espécie. Nenhuma diferença conseguimos encontrar no tocante às faixas claras das partes superiores, cuja maior largura nas aves do norte é uma das características que, segundo Hellmayr (67: 408) justificariam a separação; tampouco nos satisfaz a alegação de que nelas as partes inferiores são mais decididamente tingidas de amarelo do que nas do sul. Outro tanto não diremos das aves do extremo norte, de que temos diante de nós um exemplar do norte do Maranhão (Aldeia do Ponto) e outro da margem setentrional do baixo Amazonas (Coberito). Nestes a inferioridade de tamanho parece justificar a sua separação em subespécies particular.

Leuconerpes candidus (Otto)

Picus candidus Otto, 1796, Buffon's Naturg. Vögel, 23:191.

Localidade típica: Caiena.

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 19); 1 ♀ (mar. 15).

Piculus chrysochloros chrysochloros (Vieillot)

Picus chrysochloros Vieillot, 1818, Nov. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 26:98.

Localidade típica: Paraguai.

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♀ (jun. 11)

Chrysoptilus melanochloros nattereri (Malherbe)

Picus Nattereri Malherbe, 1854, Mém. Soc. Roy. Sci. Liège, 2: p. 66.

Localidade típica: Cuiabá, patria típica.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 24).

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 19).

Icarai: 1 ♀ (ago. 31).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 22).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. e mar. 13).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 4).

Confrontados com os do norte do Maranhão, que Pinto (134: 343) referiu a *C. m. flavilumbis*, os presentes exemplares apresentam, via de regra, o peito e o abdome bem mais amarelados e mais carregados de manchas pretas, as quais chegam até às coberteiras inferiores da cauda, tudo justificando a sua inclusão em *C. melanochloros nattereri*, ao lado dos do Brasil central. Contudo, alguns há em que a cor fundamental do abdome é tão clara e a maculação tão escura como nos do Maranhão, o que levanta dúvidas sobre a validade de *C. m. flavilumbis*. Vai sem dizer que *C. m. juae* Cory (36: 444) nos parece, seguramente, sinônimo de *C. m. nattereri*.

Celeus flavescens ochraceus (Spix)

Picus ochraceus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1:59, pl. 51, fig. 1.

Localidade típica: "in sylvis Amazonum".

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 19); 1 ♀ (jul. 18).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 1).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: ♂ (mar. 28).

Maracujá: 1 ♀ (abr. 15).

Não só os do Ceará, como os dois exemplares da região do Rio Preto, extremo noroeste do Estado da Bahia, provam pertencer à forma baixo-amazonica descrita por Spix, confirmando o observado por Hellmayr (67: 416).

Neles a feição mais saliente é a tonalidade ocracea e grande largura das faixas amarelas do dorso, que predominam sobre as pretas, geralmente obsoletas e não raro reduzidas, mormente na região interescapular, a simples nodoas de contorno grosseiramente cordiformes.

Celeus flavescens intercedens Hellmayr

Celeus flavescens intercedens Hellmayr, 1908, Nov. Zool., 15:82.

Localidade típica: Fazenda Boa Esperança, Goiás.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♀ (jul. 11).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ e 1 ♀ (mar. 9).

Como acontece sempre que se trata de formas intermediárias, é bastante delicada a determinação dos exemplares respectivos, mormente quando em numero pequeno. Ainda assim, nos exemplares acima é patente a sua menor semelhança com os do baixo Amazonas do que com os que possuímos do sul de Goiás (rio das Almas, Nova Roma, Inhumas, Jataí), patria típica de *C. fl. intercedens*. Em todos, a despeito das variações dependentes da idade, a transfaciação do dorso é muito mais regular do que em *C. fl. ochraceus*, muito embora as faixas amarelas sejam ainda muito mais largas e via de regra mais ocraceas do que nas aves do Brasil este-meridional (o sul da Bahia e o sudeste de Mato Grosso inclusos), representativos da forma típica da especie. É licito supor que a *C. fl. intercedens* pertencerão também as aves de Pernambuco, que Hellmayr (58: 83), à falta de material, esteve certa vez inclinado a referir a *C. f. ochraceus*.

Dryocopus lineatus improcerus (Bangs & Penard)

Ceophloeus lineatus improcerus Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Comp. Zool., 62: 58.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 22).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fevr. 3).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (abr. 5).

Na serie acima acham-se as primeiras ocorrencias conhecidas desta subespecie fora do Estado da Bahia, segundo Pinto (132: 169). O comprimento de asa varia entre 170 (♂ da Usina de Sinimbu) e 177 mm (♀ de Sta. Rita), à diferença do que acontece nas restantes populações brasileiras, onde ele normalmente alcança valores superiores a 180 mm, podendo ultrapassar 200 mm, como é o caso daquele ♂ do rio Eiru (afluente do alto Juruá) referido por Gyldenstolpe (48: 128). Parece que já no litoral sulino da Bahia a subespecie nordestina passa a ser substituída por *D. l. lineatus*, pois as grandes medidas de uma ♀ de Belmonte (n.º 10.202 da coleção ornitológica do Departamento de Zoologia), cuja asa acusa 179 mm, são uma forte sugestão neste sentido. Faz poucos anos, teve Pinto (140: 309-10) a oportunidade de chamar a atenção para o estreito parentesco de *D. lineatus* com *D. erythroptus*, concluindo, à vista da verificada existencia de uma intergradação entre ambos, pela plausibilidade de sua coespecificidade.

Phloeoceastes melanoleucos cearae Cory

Scapanus melanoleucos cearae Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., 1, p. 306.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 juv. (jul. 31); 3 ♂ (ago. 7 e 5); 1 ♀ a(ago. 7).

Itapipoca: 1 ♀ imat. (ago. 19).

Icarai: 1 ♂ (ago| 27) e 1 ♀ (set. 3).

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 5, 6, 12 e 15).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 1 e 18).

Tão largas quanto difíceis de interpretar são sabidamente as variações

geograficas nas populações brasileiras de *Phloeocastes melanoleucos*, posto que residem principalmente nas diferenças acusadas pelas medidas medias dos individuos a elas pertencentes. É todavia fora de duvida que as aves do Ceará e vizinhos estados nordestinos se destacam pelo seu reduzido porte, em comparação com as do Brasil centro-meridional e, de modo ainda mais evidente, com as da Amazonia. A julgar pelo material ao nosso alcance, somos de opinião de que ninguém se manifestou sobre este assunto melhor do que o Prof. Alfr. Laubmann (88: 217-18) quando, admitindo com E. Naumburg (113: 185-6) a impossibilidade de separar as populações paraguaias e matogrossenses das amazonico-guianenses, ao mesmo tempo que reconhece a

perfeita validade de *P. m. cearae*, inclui *Picus albirostris* Vieillot na sinonimia de *Picus melanoleucos* Gmelin. Temos tambem como muito procedente o que diz Naumburg relativamente à extensão maior da area peitoral preta nas aves nordestinas, quando comparadas com as das demais populações.

No que respeita à area de dispersão de *P. m. cearae*, não temos duvida de incluir nela todo o nordeste, desde o Maranhão até, pelo menos, a Paraíba, estados de que temos material; quanto ao nordeste da Bahia, representado na presente coleção por duas ♀ de Buritirama, a julgar pelas medidas destas ultimas deve incluir-se na zona de intergradação das duas subespecies. Incluimos a seguir a tabela de medidas de ambas raças.

TABELA DE MEDIDAS

(em milímetros)

Phloeocastes melanoleucos melanoleucos

Procedência	♂			♀		
	asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
♂, São Gabriel (Rio Negro), Amazonas	199	115	49	—	—	—
♀, São Gabriel (Rio Negro), Amazonas) ..	—	—	—	188	112	43
♂, Manacapuru (Rio Solimões), Amazonas	193	116	45	—	—	—
♂, Igarapé Anibá (Rio Amazonas, norte) .	197	115	43	—	—	—
♂, Igarapé Anibá (Rio Amazonas, norte) .	176	99	42	—	—	—
♂, Itacoatiara (Rio Amazonas, norte)	187	115	43	—	—	—
♀, Itacoatiara (Rio Amazonas, norte)	—	—	—	188	110	44
♀, Itacoatiara (Rio Amazonas, norte)	—	—	—	182	100	42
♂, Silves (Rio Amazonas, norte)	195	112	45	—	—	—
♂, Silves (Rio Amazonas, norte)	190	105	44	—	—	—
♂, Silves (Rio Amazonas, norte)	—	—	—	176	104	42
♀, Silves (Rio Amazonas, norte)	—	—	—	185	102	40
♂, Bom Jardim, Jamundá, Pará	188	100	42	—	—	—
♀?, Rio Juruá, Amazonas	—	—	—	199	116	45
♂, Rio Juruá, Amazonas)	181	108	48	—	—	—
♀, Rio Juruá, Amazonas	—	—	—	196	114	40
♂, João Pessoa (Rio Juruá), Amazonas ..	190	107	43	—	—	—
♂, Rio Iquiri, Território do Acre	185	116	43	—	—	—
♂, Lago do Batista (Foz do Madeira) ...	184	107	40	—	—	—
♂, Lago do Batista (Foz do Madeira)	189	114	44	—	—	—
♂, Lago do Batista (Foz do Madeira)	191	115	43	—	—	—
♂, Lago do Batista (Foz do Madeira)	192	100	47	—	—	—
♀, Lago do Batista (Foz do Madeira) .. .	—	—	—	188	108	44
♀, Lago do Batista (Foz do Madeira)	—	—	—	185	110	41
♀, Lago do Batista (Foz do Madeira) ...	—	—	—	191	115	42
♂, Foz do Curuá, baixo Amazonas, Pará ..	179	110	39	—	—	—
♂, Santarem, baixo rio Tapajós, Pará	184	106	42	—	—	—
♂, Caxiricatuba, baixo rio Tapajós, Pará .	199	116	44	—	—	—

Procedência	♂			♀		
	asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
♂, Piquiatuba, baixo rio Tapajós, Pará ...	185	110	41	—	—	—
♀, Belem, Pará	—	—	—	187	100	42
♂, Barra do S. Domingos, Goiás	170	103	44	—	—	—
♂, Pouso Alto, Goiás	174	100	45	—	—	—
♀, Pouso Alto, Goiás	—	—	—	173	99	40
♂, Jaraguá (Rio das Mortes), Goiás	175	100	41	—	—	—
♂, Pilar, Crixás, Goiás	176	98	41	—	—	—
♂, Catalão, Goiás	186	101	43	—	—	—
♂, Aragarças, Rio Araguaia, Goiás	183	100	44	—	—	—
♀, Aragarças, Rio Araguaia, Goiás	—	—	—	176	104	44
♂, Municipio Rio Verde, Goiás	181	99	42	—	—	—
♀, São Domingos (Rio das Mortes), Mato Grosso	—	—	—	180	110	40
♂, Miranda, Mato Grosso	177	107	44	—	—	—
♂, Salobra, Mato Grosso	172	106	42	—	—	—
♀, Salobra, Mato Grosso	—	—	—	174	106	45
♂, Salobra, Mato Grosso	175	105	40	—	—	—
♂, Rio Aricá, Mato Grosso	184	105	40	—	—	—
♂, Palmeiras, Mato Grosso	182	110	44	—	—	—
♀, Palmeiras, Mato Grosso	—	—	—	184	107	44
♂, Corumbá, Mato Grosso	177	100	43	—	—	—
♂, São Luiz de Cáceres, Mato Grosso	187	110	42	—	—	—

Phloeocastes melanoleucos cearae

♂, Primeira Cruz, Maranhão	172	96	46	—	—	—
♀, Primeira Cruz, Maranhão	168	97	43	—	—	—
♂, Açudinho, Ceará	162	96	46	—	—	—
♂, Açudinho, Ceará	161	94	43	—	—	—
♂, Açudinho, Ceará	155	92	—	—	—	—
♀, Açudinho, Ceará	—	—	—	167	95	40
♂, Icarai, Ceará	173	97	44	—	—	—
♀, Icarai, Ceará ..	—	—	—	165	86	—
♂, Curema, Paraíba	173	100	45	—	—	—
♂, Curema, Paraíba	171	105	42	—	—	—
♂, Curema, Paraíba	167	97	40	—	—	—
♂, Curema, Paraíba	167	96	42	—	—	—
♂, Barra, Bahia	172	95	41	—	—	—
♀?, Barra, Bahia ..	—	—	—	167	86	40
♀, Buritirama, Bahia	—	—	—	173	99	41
♀, Buritirama, Bahia	—	—	—	172	104	40

Veniornis passerinus taenionotus (Reichenbach)
Chloronerpes taenionotus Reichenbach, 1854,
 Handb. spcc. Orn., cont. XII, Scansoriae
 c Picinae, p. 354, pl. DCXXV, f. 164-65.
 Localidade típica: Interior do Brasil
 (Bahia, por designação de Cory).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 24); 3 ♀
 (jul. 18, 22 e 25).
 Açudinho: 1 ♀ (ago. 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 17); 2 ♀ (jul. 17 e
 21).
 Mamanguape: 2 ♂ (jun. 26 e 29); 2 ♀
 (jul. 26 e 29).

Toda a serie exhibe com grande nitidez as características atribuídas a *V. p. taenionotus*, as quais, quando a comparação é feita com *V. p. olivinus*, do Brasil central, podem assim resumirse: pileo dos ♂ quase inteiramente tin-

gido de vermelho, com exceção apenas da base da frente; partes superiores muito mais amarelo-douradas, com mistura de tons vermelho-sangue, e cortadas de faixas brancacentas perfeitamente distintas; partes inferiores regularmente cortadas de faixas transversais oliváceas e branco-amareladas, de largura aproximadamente igual (ao em vez de oliváceas, com faixas transversais irregulares e muito mais estreitas do que o intervalo que as separa); rectrizes, as laterais sobretudo, cortadas de faixas brancacentas, visíveis principalmente na página inferior. Estão no mesmo caso não só os exemplares que temos dos Estados de Pernambuco e Alagoas registrados por Pinto (135: 246-7; 144: 39), como algumas velhas peles de Joazeiro, no extremo norte da Bahia, o que permite aceitar a indicação deste Estado, feita por C. B. Cory (36: 477), para patria típica da subespecie, posto que se restrinja à sua porção mais setentrional. Isso porque, um pouco mais para oeste as populações acusam diferença bastante sensível, como o prova um ♂ da Cidade da Barra, coletado por E. Garbe em janeiro de 1908. Com efeito, embora tenha sido arrolado certa vez por Pinto (134: 355) sob *V. p. taenionotus*, cujas características de modo geral copia, diverge ele dos do nordeste na restrição do vermelho à metade trazeira do pileo. Assim, o exemplar da Cidade da Barra coloca-se em posição intermediária entre *V. p. taenionotus* e *V. p. olivinus*, ajustando-se exatamente à descrição de *V. p. transfluvialis* Hellmayr. Isso posto, tanto mais temos esta subespecie como válida quanto no mesmo caso do ♂ de Jaraguá está um de Caldas Novas, localidade situada também no extremo leste de Goiás. É de crer que a opinião contrária emitida por Zimmer (216: 2 e 4) deve ter corrido por conta da falta de material adequado.

Picumnus limae limae Sneathlage

Picumnus limae Sneathlage, 1924, Journ. f. Orn., 72:448.

Localidade típica: Serra do Castelo, sul do Ceará.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité (Pacoti): 1 ♂ (jul. 23); 4 ♀ (jul. 24 e 25).

Açudinho: 4 ♂ (jul. 30 e ago. 2, 6 e 7); 1 ♀ (ago. 2).

As características apresentadas por todos os indivíduos da presente série estão em perfeita concordância com a descrição original; as partes superiores são pardo-acizentadas, sem mistura quase de tons ocráceos; as inferiores têm colorido predominantemente brancacento, com um banho variável de ocráceo-amarelo e, principalmente no peito, mais ou menos tismados de manchas pardo-escuras, sugerindo faixas transversais; as coberteiras superiores da cauda são brancas, ou quase. No que respeita às medidas, ocupam os extremos um ♂ de Açudinho e uma ♀ de Pacoti, o primeiro com 55 mm de asa, 30 de cauda, 12 de culmen e 12 de tarso, e a última com 52 mm de asa, 30 de cauda, 11 de culmen e 11 de tarso.

Picumnus limae saturatus subsp. nov.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 10); 5 ♀ (jun. 1, 6, 11, 12 e 22).

TIPO. ♂ de Curema (oeste do Estado da Paraíba, não longe de Piancó), n.º 39.689 da Col. Ornitológica do Departamento de Zoologia de São Paulo, coletado pela Expedição desse Departamento, em 10 de junho de 1957.

DIAGNOSE. Semelhante a *Picumnus limae*, do interior do Ceará, mas diferindo dele, antes de tudo, no colorido ocráceo intenso, quase ferruginoso, das partes inferiores e lados do pescoço; na tonalidade fulva, puxando para o ocráceo, do pardo-cinza das partes superiores.

DESCRIÇÃO DO TIPO. Pileo preto, com a extremidade das penas da metade anterior tingidas de vermelho-sangue, e a das da metade posterior de branco; base da frente e dos supercílios branco-sujo; regiões auriculares pardacentas; lados do pescoço e partes inferiores do corpo ruivo-ocráceas, puxando para o ferrugem, com a linha mediana das penas levemente esbranquiçada, mormente no peito; primárias pardo-escuras, com a borda interna orlada de brancacento, até perto da ponta; secundárias, com a borda externa esbranquiçada, assim como a interna; coberteiras superiores das asas pardo-escuras, com a ponta manchada de

brancacento; as inferiores ocraceas; rectrizes pretas, muitas delas com a barba interna branca, no todo, ou em parte; coberteiras superiores da cauda arruivada; bico escuro com a base um pouco mais clara que o resto; pés plumbeo-escuros. Medidas: asa 53; cauda 29, culmen 11 mm.

É fora de duvida que o picapauzinho ora descrito pertence à mesma unidade especifica que *P. limae*; as diferenças que apresenta em relação ao ultimo não sendo por assim dizer outra coisa, senão o exagero do que em muitos individuos do ultimo já se observa com evidencia variavel sob a forma de um banho ocraceo mais carregado do que é de costume, nas partes inferiores.

Picumnus pygmaeus pygmaeus (Lichtenstein)

Picus pygmaeus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 11.

Localidade tipica: Brasil (a Bahia, designada por Pinto, 1938, fica agora restrîngida ao interior do Estado, adotando-se Santa-Rita-de-Cassia como patria tipica).

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 3 e 9).
Maracujá: 1 ♀ (abr. 14).

Combinam estes exemplares em suas características com os outros que temos do interior da Bahia (Bonfim, Barra do Rio Grande) e tidos por nós como pertencentes à forma primitivamente descrita deste picapauzinho. À vista das variações geograficas agora verificadas, não há mal em redescrevê-la; tomando o ♂ de 3 de abril por modelo:

Pileo denegrado, com as penas da metade dianteira tingidas de vermelho-sangue e as da porção restante ornadas de uma nodoa apical branca; dorso pardo levemente arruivado e com raras manchinhas brancas, realçadas de preto na base; coberteiras superiores das asas da mesma cor do dorso, porem ornadas de manchas muito mais conspicuas e numerosas; primarias pardo-escuras, com a orla interna esbranquiçada; secundarias com as orlas externas e internas branco-arruivadas; partes inferiores ruivo-pardas, ponteadas de pequenas nodos lenticulares brancas, precedidas de negro;

rectrizes denegridas, exceção feita das do par central, cuja barba interna é branca, e das laterais, que têm maior ou menor quantidade de branco na base; bico e pés pardo-escuros. Medidas: asa 55, cauda 35, culmen 12 mm.

Na coleção do Departamento de Zoologia há ainda um exemplar de Barra do Corda (rio Mearim, centro do Estado do Maranhão), que nos parece poder considerar-se tambem da forma tipica da especie, embora destoi sensivelmente dos do rio Preto pela tonalidade mais arruivada da plumagem, o peito e o abdome principalmente. Hellmayr (67: 418), que pode tambem comparar um exemplar do Maranhão (Codó) com outro do interior da Bahia (Macaco Seco), reconheceu no primeiro partes inferiores "muito mais palidas" do que no ultimo, suspeitando a possibilidade de representar subespecie particular. Em nosso material a diferença nos parece demasiado leve para aceitar essa sugestão antes de possuir maior copia de exemplares maranhenses. Todavia, o mesmo não diremos de três exemplares do chamado Reconcavo da Bahia (um casal da ilha de Madre de Deus e um ♂ de Curupeba), os quais por diferirem à primeira vista dos do interior do Estado em questão, nos põem na contingencia de separá-los como subespecie à parte, sob a denominação de *Picumnus pygmaeus distinctus* subesp. nova.

Picumnus pygmaeus distinctus subesp. nova

DIAGNOSE. Semelhante a *P. p. pygmaeus*, do interior da Bahia, mas com a plumagem consideravelmente mais escura; partes inferiores quase sem nenhum tom arruivado ou ocraceo; abdome e coberteiras inferiores da cauda sem nodos lenticulares, e cortados mais ou menos distintamente de manchas alongadas no sentido transversal, sugerindo faixas alternadamente brancacentas e pardas.

TIPO. ♂, n.º 27.746 da Col. Ornitológica do Departamento de Zoologia de São Paulo, proveniente da ilha de Madre-de-Deus, colecionado por Oliv. Pinto em 18 de janeiro de 1942.

Tanto o exemplar de Curupeba, como os de Madre-de-Deus já apareceram noticiados por Pinto (134: 362 e 137: 279) como *Picumnus pygmaeus*.

Picumnus exilis pernambucensis Zimmer

Picumnus exilis pernambucensis Zimmer,
1947, Proc. Biol. Soc. Wash., LX: 99.

Localidade típica: Recife, Pernambuco.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (mar. 16) e 1 ♀
(mar. 6).

Não há notícia de que deste picapauzinho se conheçam outros exemplares além daquele que D. W. Lamm conseguiu em 1944 nas proximidades de Recife e serviu de base a J. T. Zimmer para a descrição da subespecie. Que as características atribuídas a esta última são eminentemente constantes prova-o o casal agora colecionado no sudeste de Alagoas, merecendo especial destaque a tonalidade pardo-esverdeada, praticamente uniforme, das partes superiores, as quais em *P. e. exilis*, do sul da Bahia, são decididamente tingidas de amarelo e ornadas de pequenas nodoas subapicais pretas. *P. e. buffonii*, da margem setentrional do baixo Amazonas, é inconfundível, graças às maculas brancas, semelhantes a grossas ponteações, que enfeitam o dorso e as coberteiras superiores das asas. O ♂ da Usina Sinimbu mede 53 mm de asa, 29 de cauda e 11 de culmen; a ♀, 51 de asa, 28 de cauda e ? de culmen (mutilado).

FAMILIA DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes platyrostris intermedius Berlepsch

Dendrocolaptes intermedius Berlepsch, 1883,
The Ibis, (5) I: 141.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ (jun. 22 e 23).
Açudinho: 4 ♂ (ago. 1, 2 e 8); 2 ♀ (ago. 8).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 1 e 10).
Maracujá: 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 14).

Toda a serie atesta a excelencia dos caracteres em que assenta a diagnose desta subespecie quando comparada com a forma típica, caracteres de que

nos deu Hellmayr (65: 266) uma lucida exposição. Na coleção do Dep. de Zoologia, de certo bastante representativa, é a partir do Espirito Santo e Minas que as populações perdem a cor arruivada palida peculiar à presente subespecie, adquirindo a tonalidade mais olivacea e mais escura da forma típica, de que temos uma grande serie, em que predominam exemplares de São Paulo. No extremo sul do Brasil a plumagem se torna mais escura, tanto nas partes superiores como nas inferiores, a ponto de ser facil separar os exemplares de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como representando possivelmente uma forma susceptivel de separação. Nela seriam traços salientes a cor preta muito retinta do pileo, a tonalidade olivaceo-escura (sem mescla de ruivo) de toda plumagem, de par com a largura maior das orlas negras das estriações do peito etc.

Xiphocolaptes falcistrostris falcistrostris (Spix)

Dendrocolaptes falcistrostris Spix, 1824, Av.
Spec. Nov. Bras., I: 86, pl. 88.

Localidade típica: nenhuma indicação de
localidade (Oeiras, interior do Piaui,
patria típica designada por Hellmayr).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 7).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♀ (jun. 7 e 10).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 12).

Grças a Hellmayr (55: 631-2), a quem devemos uma minuciosa descrição do tipo de Spix, não temos duvida de que à mesma forma pertencem os exemplares acima registrados. Não obstante, entre a ♀ de Açudinho (Ceará) e as de Curema (Paraíba) há diferenças bem apreciáveis que, a serem constantes, poderiam justificar talvez a sua separação. Assim é que as duas últimas se destacam da primeira pela estriação mais acentuada do dorso e, principalmente pela maior largura das estrias branco-amareladas do peito e porção alta do abdome. Quanto ao ca-

sal de Santa-Rita, o ♂ é finamente estriado como a ♀ de Açudinho, de que praticamente não difere; mas a ♀ apresenta estriações mais largas, aparentemente atribuíveis à evidente imaturidade do exemplar.

Observação mais importante é a que, aproveitando o ensejo, devemos fazer sobre as relações entre *X. falcirostris* (Spix) e *X. albicollis villanovae* Lima, aves que Hellmayr (65: 278), sem ter conhecimento visual da última, supôs serem uma e mesma coisa.

Os dois exemplares coletados por E. Garbe em Vila-Nova-da-Rainha (atual Bonfim, norte da Bahia) e utilizados por Lima em sua descrição, ainda se acham presentes e perfeitamente conservados. Sob alguns aspectos, é grande a sua semelhança com os da série trazida agora do nordeste, e principalmente, por causa da grande largura das estriações do peito, com os da Paraíba; mas diferem à primeira vista em muitos pontos, entre os quais a garganta muito mais clara e o pileo mais escuro, sugerindo parentesco muito estreito com *X. albicollis bahiae*, do sudeste da Bahia. Entretanto, tendo todas as características de aves plenamente adultas, apresentam no abdome manchas escuras transversais, semelhantes a pequenas barras, coisa que não se vê em nenhum dos nossos exemplares, quer de *X. albicollis*, quer de *X. falcirostris*. Tratá-los como boa espécie, ou simples raça de *X. albicollis* é matéria de opinião.

Xiphorhynchus picus bahiae (Bangs & Penard)

Dendroplex picus bahiae Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Comp. Zoöl., 64:369.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 5 ♂ (jul. 16, 20, 22 e 25); 1 ♀ (jul. 19).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 5); 1 ♀ (ago. 4).

Icarai: 4 ♂ (ago. 27 e 28 e set. 3); 3 ♀ (ago. 27 e set. 3 e 5).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 13, 16, 19 e 24); 4 ♀ (jul. 16, 19 e 22).

Confrontando o presente material com os nossos exemplares da Bahia, notamos que, via de regra, as aves da Paraíba e do Ceará têm o pileo mais escuro, o lado superior das asas e da cauda de um ferrugineo mais carregado (puxando para o castanho) e o abdome mais oliváceo.

Xiphorhynchus eytoni gracilirostris Pinto & Camargo.

Xiphorhynchus eytoni gracilirostris Pinto & Camargo, 1957, Pap. Avul. do Dep. Zool., 13(4):60.

Localidade típica: Serra de Baturité, Ceará.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 19).

É este o terceiro exemplar da nova subespécie separada por Pinto & Camargo, com base em dois indivíduos adultos da mesma procedência e sexo. Afora a diferença principal que apresentam as aves de Baturité, em confronto com *X. e. eytoni* de leste do Pará, a saber o bico mais longo, mais delgado e mais curvo, outras há que agora dispensaremos de pormenorizar, por já o haver feito Pinto em trabalho recente (140: 405-8).

Xiphorhynchus guttatus guttatus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes guttatus Lichtenstein, 1820, Abhandl. K. Akad. Wiss. Berlin for 1818-1819, Phys. Kl., p. 201.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 4, 18 e 19).

Com estes exemplares vemos deslocar-se consideravelmente o limite setentrional conhecido da forma típica de *X. guttatus*, até aqui não registrada ao norte de Alagoas, segundo Pinto (144: 40). Comparados com os da Bahia, pátria típica da espécie, não se observa nenhuma diferença apreciável; a garganta, decididamente arruivada, não apresenta qualquer indicio de aproximação com *X. eytoni*, cuja garganta branca é a característica de maior valor diagnóstico em confronto com *X. guttatus*, conforme Pinto (140: 407).

Reforça-se assim o ponto de vista dos que, com Todd (198: 7) e Pinto & Camargo (147: 60), advogam para ambos a dignidade de espécie.

Lepidocolaptes fuscus atlanticus (Cory)

Picolaptes fuscus atlanticus Cory, 1916, Field. Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., 1:431.

Localidade típica: Serra de Baturité (norte do Ceará).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 25); 2 ♀ (jul. 21 e 25).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 6, 11, 14 e 24).

Não tendo para exame mais do que o exemplar único da serra de Baturité utilizado por Cory na descrição original, deixara Hellmayr (67: 359) de reconhecer a validade desta subespécie, incluindo-a na sinonímia de *L. fuscus tenuirostris* (Licht.). Contudo, em época mais recente, revendo as formas do grupo, não teve dúvida Zimmer (218: 102-3) em admiti-la, à luz de novos exemplares, oriundos de Pernambuco (Recife, Palmares). É com o que, por nossa vez, estamos dispostos a concordar, valendo-nos do material agora trazido do nordeste, consideravelmente mais abundante do que o que tiveram em mãos os autores que nos precederam. A principal diferença que separa *L. f. atlanticus* de *L. f. tenuirostris*, do sudeste da Bahia, está na tonalidade mais carregada do ocráceo das partes inferiores e na maior visibilidade da ourela pardo-escura das penas da garganta. Exemplares de várias localidades do Estado de Alagoas (São Miguel dos Campos, Quebrangulo, Usina Sinimbu) deixam-se também colocar ao lado dos do Ceará e da Paraíba como *L. f. atlanticus*, mas é maior a sua aproximação com *L. f. tenuirostris*, o que facilmente se explica do ponto de vista zoogeográfico. Nenhuma das duas formas agora em discussão mostra qualquer tendência de aproximação com *X. f. brevirostris* Pinto (134: 384), forma peculiar à zona baiana da caatinga (Bonfim), e cujas características marcantes foi Pinto (132: 195) o primei-

ro a reconhecer. Zimmer registrou uma nova ocorrência na caatinga baiana (Sincorá), para esta subespécie; ademais, a sua área de dispersão deve ser bastante ampla, pois para prová-lo temos um exemplar do sul de Goiás (rio Claro) perfeitamente semelhante aos de Bonfim.

Lepidocolaptes angustirostris bahiae (Hellmayr)

Picolaptes bivittatus bahiae Hellmayr, 1903, Verhandl. k. k. zool.-bot. Ges. Wien, 53: 219.

Localidade típica: Bahia (sugerimos Joazeiro, como pátria típica restrita).

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 insex. (ago. 20).

Icarai: 1 ♀ (ago. 28).

PARAIBA (1957)

Curema: 7 ♂ (jun. 11, 14, 15, 20, 21, 22 e 24); 5 ♀ (jun. 9, 11, 20, 21 e 26).

Com esta boa série podemos confirmar a velha observação de Hellmayr quando se decidiu pela separação das aves do Ceará das do noroeste da Bahia, com base no colorido fortemente ocráceo, ou antes arruivado, das partes inferiores. É principalmente nas aves do Ceará que observamos essa tonalidade carregada, puxando às vezes para o canelino, do peito e do ventre. Quatro exemplares de Joazeiro (baixo rio São Francisco), um de Bonfim (antiga Vila Nova da Rainha) e outro de Palmeira dos Índios (Estado de Alagoas) combinam satisfatoriamente com os da Paraíba, permitindo circunscrever melhor a área geográfica de *L. a. bahiae*.

Lepidocolaptes angustirostris coronatus (Lesson)

Picolaptes coronatus Lesson, 1830, Traité d'Orn., livr. 4:314 — baseado em Spix, Av. Bras., I, pl. 90.

Localidade típica: Piauí (sugerimos o alto do rio Parnaíba como pátria restrita).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 17).

Sta.-Rita-de-Cássia: 2 ♂ (mar. 31 e abr. 2); 2 ♀ (mar. 31 e abr. 2).

Concordam estes exemplares com as características assinaladas à presente subespecie por Hellmayr (67: 359-360). Embora se notem diferenças individuais bastante acentuadas no que tange ao colorido das partes inferiores, nelas predominam os tons claros de camurça, com mistura maior ou menor de ocre; as partes superiores destacam-se também pelo descorado das tintas, o pileo sendo mais pardo do que preto, e o restante das partes superiores cor clara de ferrugem. Com essas mesmas características de plumagem temos sob exame varios exemplares da cidade da Barra, situada na confluencia do rio Grande com o rio São Francisco, o que ainda está em harmonia com o que foi observado por Hellmayr (65: 338). Em compensação, 3 ♂ e 2 ♀ da Aldeia do Ponto (alto rio Mearim, Estado do Maranhão), embora semelhantes aos do oeste da Bahia no que respeita as partes inferiores, chamam logo a atenção pelo colorido mais vivo das partes superiores, visto que o pileo é quase preto e as demais partes superiores decididamente ferruginosas. Não obstante, com Hellmayr, consideramo-los como *L. a. coronatus*. Outro tanto não nos parece admissivel fazer com três exemplares do rio Tapajós (Santarem), visto possuirem as partes inferiores muito mais claras, a ponto de suportarem o confronto com *L. a. bivittatus*, do Brasil meridional e centro-ocidental. A este proposito, cabe lembrar que Hellmayr (67: 359-360), observou coisa semelhante em exemplares do alto Parnaíba, aventando, como explicação, a possibilidade de correr o colorido claro e desbotado das partes inferiores por conta do desgaste das penas. Restamos consignar a divergencia que o estudo do presente material introduz no conceito anteriormente adotado por Pinto (140: 410) com referencia a *L. a. coronatus*, à falta de melhores elementos.

Campylorhamphus trochilirostris major Ridgway

Campylorhamphus trochilirostris major Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., L., pt. 5:269; Cory, 1916, Field Mus. Hist., Orn. Ser., 1:341 (Juá e Serra de Baturité).

Campylorhamphus trochilirostris omissus Pinto, 1933, Boletim Biológico, Nova Série, 1: 61: Bonfim (antiga Vila Nova da Rainha). Localidade típica: Brasil (Ceará, por designação de Cory, 1916).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: ♀ (jul. 19).

Há no Departamento de Zoologia duas ♀ de igual procedencia (Comissão de Estudos da Febre Amarela leg.) e em tudo semelhantes à agora colecionada, salvo diferenças individuais, apreciaveis sobretudo na maior ou menor largura das estriações do peito. Como já foi observado por Pinto (144: 42), estão no mesmo caso dois ♂ e uma ♀ de Bonfim (nordeste da Bahia), inclusive o tipo de *C. t. omissus* Pinto, que assim se reduz a simples sinonimo de *C. t. major* Ridgway. Um ♂ de Pirapora (rio São Francisco, Estado de Minas Gerais) e três exemplares do sul de Goiás (Inhumas, Nova Roma, rio Claro) aproximam-se também mais dos do Ceará do que dos do sudeste da Bahia, o que implica em reformar o juízo emitido por Pinto (133: 95), à falta de material suficiente.

Sittasomus griseicapillus reiseri Hellmayr

Sittasomus griseicapillus reiseri Hellmayr, 1917, Verh. Orn. Ges. Bay., 13(2):190.

Localidade típica: Pedrinha, no lago Parnaaguá (Piauí).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 5); 1 ♀ (ago. 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 6); 1 ♀ (jun. 17); 1 insex. (jun. 2).

Mamanguape: 7 ♂ (jul. 4, 5, 13, 14, 19, 24 e 30); 1 ♀ (jul. 23); 2 insex. (jul. 5 e 11).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ juv. (fev. 21).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 3 ♂ (abr. 12 e 14); 1 insex. (abr. 7).

FAMILIA FURNARIIDAE

Furnarius rufus albogularis (Spix)

Figulus albogularis Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I:76, pl. 78.

Localidade típica: Rio Verde, próximo de Campanha (Minas Gerais).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 11); 1 ♀ (mar. 14).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 31); 1 ♀ (mar. 2).

O baixo rio São Francisco representa, ao que se sabe, o limite setentrional deste João-de-Barro, que de todos é o mais comum no Estado de São Paulo.

Furnarius leucopus assimilis Cabanis & Heine

Furnarius assimilis Cabanis & Heine, 1859-1860, Mus. Hein., Th. 2, p. 22.

Localidade típica: Brasil (Bahia, sugerida por Hellmayr, 1925).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 3 ♂ (jul. 21 e 22); 1 ♀ (jul. 23).

Açudinho: 2 ♂ (jul. 31).

Itapipoca: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 19).

PARAIBA (1957)

Curema: 8 ♂ (jun. 6, 9, 11, 19, 22 e 24); 3 ♀ (jun. 7, 19 e 21).

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 6 e 7); 2 ♀ (jul. 6 e 27).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 1 e 8).

Via de regra, a julgar pelo material hoje disponível, nas aves nordestinas o pileo é mais escuro, menos arruivado, do que nas do Brasil oeste-meridional, representadas por numerosos exemplares do sul de Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antônio, Corumbá, Salobra etc.); o mesmo acontece, e em grau muito mais acentuado em nosso material do rio Araguaia, motivo pelo qual, e com apoio de algumas outras diferenças, como seja a inferioridade de tamanho médio, separamo-lo, faz alguns anos (146: 217), sob a denominação de *F. l. araguaiae*. Assim, muito curiosamente, no que respeita ao colorido do pileo, as aves do Ceará e da Paraíba

ocupam posição intermediária entre as do sudoeste de Mato Grosso e as do rio Araguaia.

Furnarius figulus figulus (Lichtenstein)

Turdus figulus Lichtenstein, 1823, Verz.

Doubl. zool. Mus. Berlin., p. 40.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 22).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 17).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 11).

Schoeniophylax phryganophila petersi Pinto

Schoeniophylax phryganophila petersi Pinto, 1949, Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, X: 307.

Localidade típica: Pirapora, Minas Gerais.

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♀ adulta (abr. 27) e ♀ imat. (abr. 30).

Nada temos a acrescentar ao que se disse na descrição original sobre as diferenças que separam da forma típica a presente subespecie, cuja distribuição parece circunscrita às margens do rio São Francisco. À ♀ imatura falta qualquer vestígio de amarelo no mento, ao passo que a nodosa gutural negra se acha apenas esboçada.

Synallaxis frontalis frontalis Pelzeln

Synallaxis frontalis Pelzeln, 1859, Sitzungsb. K. Akad. Wiss. Wien, math.-naturwiss. Cl., 34:117.

Localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ ad. (jul. 16 e 20); 1 ♂ juv. (jul. 20).

Açudinho: 1 ♀ (ago. 4).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 insex. (jun. 17).

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 24).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 22).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 3 e 5).

Um dos ♂ de Baturité (N.º 41.675 da Col. Orn. do Dep. de Zoologia) traz novamente à baila o caso de *S. frontalis juae* Cory, pois aberra de todos os outros, apresentando características em tudo coincidentes com as que levaram Cory a criar a sua subespecie: pileo inteiramente cor de ferrugem intensa, desde a nuca até a base do bico; dorso tingido também abundantemente de ferrugem; coberteiras superiores das asas e rectrizes de um ferrugineo muito carregado etc. Como é o unico a apresentar tais características ao lado de outros individuos da mesma procedencia, devemos dar razão a Hellmayr (67: 348) quando, a despeito de seu aspecto marcante, interpretou-as como simples variações individuais.

Synallaxis scutata scutata Sclater.

Synallaxis scutata Sclater, 1859, Proc. Zool. Soc. London, pt. 27:191.

Localidade típica: Brasil (tipo da Bahia).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (jul. 5)

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 10).

Tem esta especie a cauda menos pontiaguda do que a generalidade das que é de praxe enfileirar no genero *Synallaxis*; não obstante, temos que ela o é ainda bastante para ser conservada em sua posição primitiva, em vez de ser transferida, como fez Peters (130: 97) para *Poecilurus* Todd, genero cuja autonomia nos parece bastante discutível, aliás.

Certhiaxis cinnamomea cearensis (Cory)

Synallaxis cinnamomea cearensis Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., 1:340.

Localidade típica: Juá, proximo de Iguatu (Ceará).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 3); 1 ♂ juv. (ago. 7); 2 ♀ (ago. 7).

Itapipoca: 1 ♂ juv. (ago. 22).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ ad. (jun. 21); 2 ♂ juv. (jun. 21); 3 ♀ imat. (jun. 18, 21 e 23).

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 17, 24 e 29); 1 ♀ (jul. 17).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 13).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 2); 1 ♀ (abr. 1).

Nesta serie merecem atenção os individuos jovens, ou simplesmente imaturos, visto não só lhes faltarem a nodoa mental amarelo-citrina, como terem as partes inferiores cor-de-creme, o pileo mais ou menos escurecido e a mandíbula amarelada quase até a ponta. A tonalidade clara da plumagem, que torna as aves do Ceará reconhecíveis à primeira vista, quando comparadas com as do sul do Brasil, apresenta-se também com as mesmas características nas da Paraíba. Pernambuco e norte extremo da Bahia (Cidade-da-Barra, Joazeiro). Já em Alagoas o ruivo das partes superiores é mais carregado, mais sombrio, fazendo visivelmente transição com o pardo-arruivado peculiar a *C. c. russeola*. Coisa semelhante acontece com os individuos de Santa-Rita constantes do lote agora sob estudo.

Cranioleuca vulpina reiseri (Reichenberger)

Siptornis vulpina reiseri Reichenberger, 1922, Anz. Orn. Ges. Bayern., 1:42.

Localidade típica: Riacho da Raiz, abaxo de União (Rio Parnaíba, Piauí).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 3).

Cranioleuca semicinerea semicinerea (Reichenbach)

Leptoxyura semicinerea Reichenbach, 1853, Handb. spec. Orn., cont. X, Scansoriae A. Sittinae, p. 170.

Localidade típica: Brasil (Bahia, por sugestão de Hellmayr).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♀ (jul. 26).

Um exemplar (♂) da Serra de Baturité, colecionado por G. Dutra, em 1941, e que foi doado ao Dep. de Zoologia pelo Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela, tem o pileo quase branco em vez de cinza.

Gyalophylax hellmayri (Reiser)
Synallaxis hellmayri Reiser, 1905, Anz. Akad.
 Wiss. Wien. 42:323.
 Localidade típica: Fazenda da Serra, Rio
 Grande (Bahia).

BAHIA (1958)

Barra: 2 ♀ (abr. 29).

Esta espécie, até a presente data, só
 foi colecionada no noroeste extremo da
 Bahia e sul do Piauí.

Phacellodomus rufifrons rufifrons (Wied)
Anabates rufifrons Wied, 1821, Reise Bra-
 silien: 2:177, note.
 Localidade típica: Ribeirão da Ressaca
 (confins da Bahia e Minas Gerais).

BAHIA (1958)

Maracujá: 1 ♀ (abr. 15).

Pseudoseisura cristata cristata (Spix)
Anabates cristatus Spix, 1824, Av. Spec. Nov.
 Bras., 1:83, pl. 84.
 Localidade típica: Malhada, Rio São
 Francisco (Bahia).

PARAIBA (1957)

Curema: 10 ♂ (jun. 9, 14, 17, 20 e 22);
 7 ♀ (jun. 9, 13, 14, 20 e 22).

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ (abr. 29); 2 ♀ (abr. 29 e
 maio 3).

Automolus leucophthalmus lammi Zimmer
Automolus leucophthalmus lammi Zimmer,
 1947, Proc. Biol. Soc. Wash., 60:100.
 Localidade típica: Recife, Pernambuco.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♀ (jul. 4).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 4 ♂ (fevr. 15 e 25 e
 mar. 12).

Os quatro ♂ agora obtidos no su-
 deste de Alagoas acrescentam-se ao
 material trazido deste Estado anos
 atrás e devidamente estudados por Pin-
 to (144: 45-46). O de Mamanguape,
 por sua vez, amplia para o norte o que
 se sabia a respeito da área de distribui-
 ção da subespécie nordestina, da qual a
 princípio só era conhecido o casal co-
 lecionado por D. Lamm, nas proximida-
 des de Recife.

Xenops minutus alagoanus Pinto
Xenops minutus alagoanus Pinto, 1954, Pap.
 Avuls. do Dep. de Zoologia, S. Paulo 12
 (1):46.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 4, 9 e 19); 2 ♀
 (jul. 13 e 27).

Os exemplares da Paraíba combi-
 nam perfeitamente com os de Canoas
 (Alagoas), localidade típica desta sub-
 espécie.

Xenops rutilans rutilans Temminck
Xenops rutilans Temminck, 1821, Pl. col.,
 livr. 12, pl. 72, fig. 2.
 Localidade típica: Brasil.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 18 e 29).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 insex. (abr. 5).

A notificação desta raça na Paraíba
 e Alagoas veio confirmar a sua distri-
 buição através de todo o nordeste bra-
 sileiro.

Sclerurus scansor cearensis Sneathlage
Sclerurus scansor cearensis Sneathlage, 1924,
 Journ. f. Orn., 72:446.
 Localidade típica: Serra Ibiapaba, Cear-
 rá.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 3 ♂ (jul. 16, 19 e 25);
 3 ♀ (jul. 19, 24 e 25); 1 ♀ juv. (jul.
 19); 1 insex. (jul. 18 e 19).

De idêntica procedência possuía já o
 Dep. de Zoologia 2 ♀ colecionadas pe-
 lo pessoal do Serviço da Febre Ama-
 rela, tudo fazendo crer que as aves de
 Baturité em nada difiram das de Ibia-
 paba, onde foi colecionado o tipo da
 subespécie. Peito de um colorido fer-
 ruginoso mais carregado, puxando pa-
 ra o castanho, garganta de um branco
 mais puro e bico um pouco mais curto
 são as principais características das
 aves do Ceará, quando confrontadas
 com as do Brasil este-meridional, e
 particularmente com as do Rio de Ja-
 neiro, pátria típica da espécie. Um ♂
 de Bonfim (antiga Vila Nova da Rai-

na) no nordeste da Bahia foi referido por Pinto (134: 439) a *S. s. cearensis*, na ausencia de exemplares topotipicos desta raça, atualmente bem representada nas coleções em estudo; não obstante destoi ela muito sensivelmente tanto das aves nordestinas, como das sulinas, na tonalidade muito mais palida da plumagem em geral e do peito em particular, que é antes de uma cor-de-canela claro, do que ferruginoso; além disso, o bico, muito curto, mal chega a

20 mm de comprimento. Trata-se, infelizmente, de um exemplar unico, não havendo na literatura qualquer referencia a exemplares da especie coligidos na mesma zona. Com maior material, é possível que se conclua pela sua pertinencia a subespecie particular, quiçá restrita à margem direita do baixo rio São Francisco. Abaixo apresentamos uma tabela de ambas as raças que foram objeto do presente comentario.

TABELA DE MEDIDAS
(em milímetros)

Sclerurus scansor scansor

Procedencia	♂			♀		
	asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
♀, Nova Wuttemberg (Rio Grande do Sul)	—	—	—	91	70	23½
♀, «Rio Grande do Sul»	—	—	—	88½	70	23
♀?, Porto Camargo (Paraná)	—	—	—	90	71	22
♀, Porto Camargo (Paraná)	—	—	—	85	65	23
♂, Porto Camargo (Paraná)	—	—	—	93	71	23
♂, Rio do Meio, B. de Guaratuba (Paraná)	90	72	23	—	—	—
♂, Serra da Cantareira (S. Paulo)	94	76	22½	—	—	—
♂, Serra da Mantiqueira, S. Francisco Xavier (S. Paulo)	91	75	22	—	—	—
♂, Boraceia (São Paulo)	97	77	23	—	—	—
♀, Porto Cabral, rio Paraná (S. Paulo) ...	—	—	—	85	65	22
♀, Rio Feio (S. Paulo)	—	—	—	89	64	23½
♂, Parque Nac. do Itatiaia (Rio de Janeiro)	92	70	25	—	—	—
♀, Terezopolis (Rio de Janeiro)	—	—	—	88	71	23
♀, Terezopolis (Rio de Janeiro)	—	—	—	87	69	—
♂, S. José da Lagoa, rio Doce (M. Gerais)	90	71	22½	—	—	—
♀, Mairinque (Minas Gerais)	—	—	—	90	62	23
♀, S. José da Lagoa, rio Doce (M. Gerais)	—	—	—	90	73	24
♂, Chaves (Espírito Santo)	97	70	25	—	—	—
♂, Chaves (Espírito Santo)	97	75	24	—	—	—
♂, Pau Gigante (Espírito Santo)	91	72	22	—	—	—
♂, Jaraguá (Goiás)	91	68	23½	—	—	—
♂, Sul de Goiás	89	66	23	—	—	—

Sclerurus scansor cearensis

♂, Serra de Baturité (Ceará)	90	70	23	—	—	—
♂, Serra de Baturité (Ceará)	85	69	23	—	—	—
♂, Serra de Baturité (Ceará)	89	68	22	—	—	—
♀, Serra de Baturité (Ceará)	—	—	—	90	68	23
♀, Serra de Baturité (Ceará)	—	—	—	84	64	22
♀, Serra de Baturité (Ceará)	—	—	—	85	65	23
♀, Serra de Baturité (Ceará)	—	—	—	86	64	23
♀, Serra de Baturité (Ceará)	—	—	—	85	60	23
♂, Bonfim (Bahia)	92	67	20	—	—	—

Sclerurus mexicanus bahiae Chubb

Sclerurus mexicanus bahiae Chubb, 1919,
Bull. Brit. Orn. Cl., 39:32.

Localidade típica: Bahia.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ ad. (fever. 28).

Representantes desta raça este-brasileira de *S. mexicanus* são excessivamente raras nos museus, ignorando-se se existem em qualquer parte outros exemplares além dos três mencionados por Hellmayr (65: 251), todos oriundos da "Bahia", mas sem indicação mais precisa dos lugares em que teriam sido coletados. Os tons uniformemente mais carregados, mais escuros, de toda a plumagem dão imediatamente a conhecer a raça quando confrontada com *S. m. macconnelli*, do baixo Amazonas. Dela já possuía o Departamento de Zoologia de São Paulo dois exemplares adultos, ambos do sexo masculino, a saber um de Ilheus, que se pode considerar topotípico, e outro de Chaves, no Estado do Espírito Santo (próximo a Santa Leopoldina). Agora com o ♂ trazido do sul de Alagoas, a área de dispersão da subespecie adquire amplitude inesperada.

FAMILIA FORMICARIIDAE

Taraba major stagurus (Lichtenstein)

Lanius stagurus Lichtenstein, 1823, Verz.
Doubl. zool. Mus. Berlin, p. 45.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 23); 1 ♀ (jul. 26).

Açudinho: 3 ♂ (ago. 6 e 8); 4 ♀ (jul. 30 e ago. 1, 2 e 4).

Icarai: 1 ♂ (ago. 30); 1 ♀ (set. 3).

PARAIBA (1957)

Curcma: 1 ♂ (jun. 20).

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 17, 29 e 31); 6 ♀ (jul. 7, 10, 20, 23, 24 e 29).

BAHIA (1958)

Buritirama: 3 ♂ (mar. 17 e 22).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 31).

Maracujá: 1 ♀ (abr. 15).

Sakesphorus cristatus (Wied)

Thamnophilus cristatus Wied, 1831, Beitr.
Naturg. Brasilien, Abth. 2:1.002.

Localidade típica: Sertão da Bahia.

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 15); 1 ♀ (mar. 17).

Em que pese à suposição manifestada certa vez por Hellmayr (64:57) de que era até então desconhecida a fêmea deste pequeno formicariida, ambos os sexos foram fielmente descritos pelo Príncipe de Wied, descobridor da especie. No que respeita ao ♂, não há plena concordância de coloração entre o nosso exemplar de Buritirama e a descrição do celebre viajante-zoologo; assim é que dá Wied ao referido sexo parte superiores pardo-castanhas ferruginosas, ao passo que o de Buritirama as tem cinzento-pardas, levemente lavadas de ruivo, tal como observara também Hellmayr (67: 365), em varios ♂ de Piauí e Ceará. Por outro lado, a este ornitologo impressionara ainda a concordância, no que toca ao mencionado carater, do ♂ colecionado por Auguste de Saint Hilaire (tipo de *Lanius poecilurus* Pucheran) provavelmente em Minas Gerais, com a descrição de Wied. Tem-se à vista disso a impressão de que as aves do nordeste, aí incluída a região do rio Grande, noroeste da Bahia, podem pertencer a uma subespecie particular. Infelizmente, não dispondo de exemplares da área típica da especie, só podemos a esse respeito fazer conjecturas, tanto mais quanto a Sra. Naumburg (115: 174-176), que teve em mãos, de par com o tipo de Wied, uma boa serie de ♂ colecionados por Kaempfer em varios pontos do interior da Bahia (Santa-Rita, Morro-do-Chapéu, Boa Nova), nada diz capaz de corroborar ou enfraquecer a nossa suposição.

Outro ponto a discutir seria o do genero em que se deve melhor colocar a especie que agora nos ocupa, tanto se afasta ela dos legitimos *Sakesphorus* em varios pontos, como sejam a extraordinaria redução da crista, o tamanho pequeno do bico, a maxila pouco adunca, o perfil quase direito do gonis etc.

Thamnophilus doliatus capistratus Lesson

Thamnophilus capistratus Lesson, 1840, Rev. Zool., p. 226.

Localidade típica: Brasil (provavelmente Bahia).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 7)).

Icarai: 5 ♂ (ago. 27, 30 e set. 2); 1 ♀ (ago. 28).

PARAIBA (1957)

Curema: 6 ♂ (jun. 21, 22, 23, 25 e 26); 1 ♀ (jun. 22).

BAHIA (1958)

Buritirama: 3 ♂ (mar. 1 e 20).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 8).

Maracujá: 2 ♂ (abr. 14); 1 ♀ (abr. 15).

Até bem pouco era esta raça representada nas coleções do Departamento de Zoologia apenas por dois exemplares, a saber um ♂ de procedência vaga "Bahia" e uma ♀ da Serra de Baturité aos quais vieram juntar-se um ♂ e três ♀ de Alagoas, já estudados por Pinto (1944: 48). Com as últimas excursões ao nordeste brasileiro temos atualmente numerosos indivíduos dos dois sexos de todos os Estados compreendidos entre Ceará e Bahia, exceção feita do Rio Grande do Norte e Pernambuco. Em todas as faixas pretas nas partes inferiores é característica dominante.

Thamnophilus palliatus palliatus (Lichtenstein)

Lanius palliatus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. zool. Mus. Berlin, p. 46.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 21, 24 e 31).

ALAGOAS (1957).

Usina Sinimbu: 1 ♀ (fev. 14).

Thamnophilus punctatus pelzelni Hellmayr

Thamnophilus punctatus pelzelni Hellmayr, 1924, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII (3): 96.

Localidade típica: Abrilongo, próximo de Chapada (Mato Grosso).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 9); 1 ♀ (jul. 30).

Icarai: 2 ♂ (ago. 30); 2 ♀ (ago. 29 e 30).

PARAIBA (1957)

Curema: 6 ♂ (jun. 7, 12, 17 e 25); 1 ♀ (jun. 7).

Mamanguape: 7 ♂ (jul. 5, 16, 17, 22, 23 e 25); 7 ♀ (jul. 14, 16, 18, 20, 22, 25 e 29).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: - ♂ (abr. 11); 2 ♀ (abr. 2).

Thamnophilus caerulescens cearensis (Cory)

Erionotus cearensis Cory, 1919, Auk, XXXVI, p. 88: Serra de Baturité.

Thamnophilus caerulescens cearensis Hell-

mayr, 1924, Field Mus. Nat. Hist., Publ., Zool. Ser., XIII (III): 102; Pinto, 1940, Arq. de Zoologia, I: 252; Friedmann, 1942, Auk, p. 316; Pinto, 1954, Pap. Avulsos Dep. Zoologia S. Paulo, XII: 51.

Thamnophilus caerulescens pernambucensis

Naumburg, 1937, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXIV: 200.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 7 ♂ (jul. 17, 19, 23 e 24); 1 ♀ (jul. 20).

A falta de material nordestino de *Th. caerulescens* fez com que fosse bastante acidentada a história da presente subespécie. O exemplar do sexo masculino que servira Cory (1919) em sua descrição original permaneceu único durante muito tempo; anos mais tarde, estudando material de Pernambuco, teve Naumburg (1937) a oportunidade de estudar exemplares de ambos os sexos, tomando-os todavia como subespécie diversa, que denominou *T. c. pernambucensis*; vem depois Pinto (1940), que tendo em mãos uma ♀ de Tapera (Pernambuco), concluiu pela inseparabilidade da suposta raça pernambucana; ignorando aparentemente este trabalho, apresenta Friedmann (1942) uma ♀ topotípica de *Th. c. cearensis*, supondo-a a primeira a ser descrita; finalmente, confrontando agora os ♂ e ♀ de Baturité com os exemplares dos mesmos sexos oriundos de Alagoas e Pernambuco, podemos afirmar, sem receio de engano, que *Th. caerulescens cearensis* e *Th. c. pernambucensis* são uma mesma coisa, cabendo a Naumburg, três anos antes de Pinto, a primeira descrição da ♀. A ♀ de Baturité

rité confirma o exposto pelo ultimo, ao fixar as características da raça nordestina em confronto com as de *Th. c. caeruleus*, motivo pelo qual nos achamos dispensados de voltar aqui ao assunto.

Dysithamnus mentalis emiliae Hellmayr

Abhandl. K. Bayerische Akad. Wiss., math-phys. Kl., 26 (2): 92, note 3.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ juv. (jul. 20); 1 ♀ (jul. 22).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 11 ♂ (jul. 4, 5, 9, 12, 14, 17 e 18); 8 ♀ (jul. 4, 5, 11, 13, 18 e 19).

Abstraindo da descrição original, os caracteres de *D. m. emiliae* foram bem analisados por Naumburg (116:234-235), com material de Pernambuco. Tanto quanto o permitem julgar os elementos ao nosso alcance, pertencem a esta subespecie as populações de *Dysithamnus mentalis* distribuídas por todo o nordeste brasileiro, desde a margem direita do estuario do rio Amazonas até aos confins do Estado de Alagoas, como verificou Pinto (144: 51), junto à margem setentrional da porção mais baixa do rio São Francisco. Por estranho que pareça, não se tem nota da ocorrência de qualquer representante do grupo no Estado da Bahia, o qual marcaria, talvez com o Estado de Sergipe, um hiato na area geografica da especie, que a partir do Espirito Santo (Santa Leopoldina, não longe de Vitoria) passa a ser representada pela sua forma tipica. No planalto central (Estado de Mato Grosso e sul de Goiás) vive uma terceira forma, *D. m. affinis*, de características muito definidas, que se situam no extremo exposto ao das de *D. m. mentalis*. Donde se infere que no tocante às peculiaridades de colorido *D. m. emiliae* ocupa posição intermediaria entre ambas.

Myrmotherula axillaris luctuosa Pelzeln

Myrmotherula luctuosa Pelzeln, 1868, Orn. Brasiliens, Abth. 2: 82 (*nomen nudum*), 153.

Localidade tipica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 10 ♂ (jul. 6, 7, 9, 11, 12 e 13); 3 ♀ (jul. 8 e 12).

A presente serie, constituída exclusivamente de exemplares do litoral do Estado da Paraíba, assinala o limite setentrional conhecido da area de distribuição da forma leste-brasileira de *M. axillaris*.

Myrmorchilus strigilatus strigilatus (Wied)

Myiothera strigilata Wied, 1831, Beitr. Naturg. Brasilien, 3 (2): 1.064.

Localidade tipica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 7 ♂ (jun. 9, 13, 21, 23 e 26); 1 ♀ (jun. 14).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 31); 2 ♀ (abr. 1 e 11).

Passaro endemico nas caatingas e descampados de todo nordeste brasileiro. No sudoeste de Mato Grosso (Corumbá) e no Paraguai passa a ser substituído por *M. strigilatus suspicax* Wetmore, descrito do norte extremo da Argentina (Formosa).

Herpsilochmus pileatus pileatus (Lichtenstein)

Myiothera pileata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. zool. Mus. Berlin, p. 44.

Localidade tipica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 22); 2 ♀ (jul. 16 e 24).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 18, 19, 24 e 26); 3 ♀ (jul. 20 e 23).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 1).

Com material agora relativamente abundante, não temos senão como reafirmar ponto de vista exposto anteriormente (Pinto, 133: 87) com referencia às características distintivas entre *H. p. pileatus* e *H. p. atricapillus* Pelzeln, de cada um dos quais existem nas coleções do Dep. de Zoologia individuos que podemos considerar topo-

tipicos, como rigorosamente o são, respectivamente, um ♂ de Bebedouro (rio Grande, norte de São Paulo) e outro de Bonfim (nordeste da Bahia). De fato, se abstrairmos do comprimento da cauda e tamanho do bico, maiores ambos em *H. p. atricapillus* do que na forma nordestina, é difícil encontrar quaisquer diferenças que sobrepujem as variações individuais verificadas em todas as populações da espécie. Isso aceito, estamos dispostos a acompanhar o ponto de vista adotado finalmente por Hellmayr (67: 372), quando refere a *H. p. pileatus* as aves do Ceará, ao invés de restringir a área des-

ta raça ao interior da Bahia, como fizera E. Naumburg (116: 244), que aliás procurou contornar as dificuldades, tratando as duas formas como boas espécies. As aves de Paraíba e de Alagoas (e sem nenhuma dúvida também as de Pernambuco) pertencem igualmente à raça nordestina, visto em nada diferirem das do Ceará. Falta-nos, infelizmente, material do Piauí e do Maranhão para opinar sobre a subespécie a que se filiam. Por outro lado, um casal da Serra do Cachimbo acham-se em estado muito precário para permitir qualquer juízo.

MEDIDAS DE ♂ ADULTOS

(em milímetros)

H. pileatus pileatus

Procedencia	asa	cauda	culmen
Bonfim (Bahia)	50	55	13
Serra de Baturité (Ceará)	58	56	13
Mamanguape (Paraíba)	52	55	14

H. pileatus atricapillus

Bebedouro (S. Paulo)	52	61	15
Porto Tibiriçá (S. Paulo)	52	57	16
Lins (S. Paulo)	56	64	14
Valparaíso (S. Paulo)	52	56	14

Herpsilochmus rufimarginatus scapularis (Wied)

Myiothera scapularis Wied, 1831, Beitr. Naturg. Brasilien, 3 (2): 1.083.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 8 e 9); 1 ♀ (jul. 6).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 27).

Foi E. Naumburg quem resolveu reviver o nome do príncipe de Wied, aplicando-o às aves do nordeste do Brasil, Bahia e Espírito Santo inclusive, com base na tonalidade "mais acinzentada (menos olivacea) do dorso dos machos, garganta de um branco mais puro e partes inferiores de um amarelo mais palido", quando comparadas com as do Brasil meridional; mas é com duvi-

da que adotamos o nome de Wied para os exemplares acima registrados, pois o colorido camurça do abdome das fêmeas difere fortemente do amarelo claro das do Espírito Santo e S. Paulo. O fato já foi aliás observado pela própria Sra. Naumburg em fêmeas de Pernambuco, sem que disso tivesse ousado tirar maiores conclusões. Parece-nos possível venha a provar-se a separabilidade das aves nordestinas, as quais, em qualquer hipótese, diferem das da Amazonia, patria de *H. r. frater*.

Formicivora grisea grisea (Boddaert)

Turdus griseus Boddaert, 1783, Table Pl. enlum., p. 39.

Localidade típica: Caiena.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 6, 16 e 17); 2 ♀ (jul. 19 e 25).

Formicivora melanogaster bahiae Hellmayr
Formicivora melanogaster bahiae Hellmayr,
 1909, Bull. Brit. Orn. Cl., 23:65.
 Localidade típica: Lamarão, nordeste da
 Bahia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 4 ♂ (jul. 30 e ago. 3 e 5).
 Icarai: 1 ♂ (set. 2).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 7 e 15); 4 ♀ (jun.
 10, 12 e 20).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 20).
 Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 11); 1 ♀
 (abr. 2).

Os machos desta raça e os de *F. g. grisea* são muito parecidos; mas, observando bem, vê-se que o bico de *F. melanogaster bahiae* é bem mais delgado e um pouco mais curto.

Formicivora rufa rufa (Wied)

Myiothera rufa, Wied, 1831, Beitr. Naturg.
 Brasilien, 3 (2): 1.095.
 Localidade típica: interior da Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♀ (jul. 12).

Cercomacra tyrannina sabinoi Pinto

Cercomacra tyrannina sabinoi Pinto, 1939,
 Bol. Biol., S. Paulo, 4:191, pl. 2, fig. 3 e
 4.

Localidade típica: Fazenda S. Bento, Ta-
 perera (Pernambuco).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ imaturo (fev. 22);
 2 ♀ (fev. 12 e 26).

A literatura ornitológica é muda com referência à presença de qualquer espécie do gênero *Cercomacra* no extremo nordeste brasileiro, parecendo que os exemplares do Dep. de Zoologia são os únicos existentes. Como foi assinado por Pinto na descrição original, nesta subespécie, quando comparada com *C. t. laeta*, do baixo Amazonas, as diferenças que se observam entre as ♀ são mais acentuadas do que nos ♂; houve todavia um pormenor que não foi devidamente realçado naquela emergência e nos parece merecedor de especial destaque, a julgar pelas ♀ tra-

zidas de Alagoas. Em *C. t. laeta* as partes inferiores são de um ferrugineo carregado e muito sombreado de olivaceo nos flancos; por outro lado, a cor ferruginosa se estende pelos lados do pescoço, alcançando, embora menos carregada, as regiões auriculares, a região perioftálmica e os loros; em *C. t. sabinoi*, pelo contrario, as partes inferiores são de um ferrugineo mais pálido e bastante misturado nos flancos; as regiões auriculares e a região perioftálmica e os loros são cor de cinza, sem mistura distinta de ferrugem.

Myrmeciza ruficauda soror Pinto

Myrmeciza ruficauda soror Pinto, 1940, Arq.
 Zool. Estado S. Paulo, 1: 256, col. pl.;
 idem, 1954, Pap. Avulsos Dep. Zool. S.
 Paulo, XII: 54; Berla, 1946, Bol. Mus.
 Nacional, Zool, n.º 65, p. 16.

Localidade típica: Fazenda São Bento,
 Tapera (Pernambuco).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 5, 14 e 25); 2
 ♀ (jul. 19 e 25).

Se alguma dúvida tivéssemos quanto à separabilidade das populações nordestinas da espécie, o estudo das ♀ de Mamanguape, aliás as primeiras que nos é dado conhecer, acabaria por dissipá-las. Comparadas com as da Bahia e Espírito Santo, as da Paraíba têm, em concordância com o observado por Berla nas de Pernambuco, as partes superiores pardo-oliváceas, quase sem mistura de ferrugem; as partes inferiores, muito mais pálidas, têm a garganta e a porção alta do abdome brancas, ao mesmo tempo que, em virtude de grande restrição das faixas pretas, não se nota no peito o desenho esquamiforme, tão nitido nas ♀ de *M. r. ruficauda*; o baixo abdome e as coberteiras inferiores da cauda, ao contrario também do que se verifica nestas últimas, são apenas levemente tingidas de ferrugem.

FAMILIA CONOPOPHAGIDAE

Conopophaga lineata cearae Cory

Conopophaga lineata cearae Cory, 1916, Field
 Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I (10):
 337.

Localidade típica: Serra de Baturité,
Ceará.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 20).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 26); 1 ♀ (jul. 20).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 8).

Afora o ♂ colecionado agora em Baturité, localidade típica da espécie, já possuía o Departamento de Zoologia dois ♂ e uma ♀ da mesma procedência, ofertados pelo Serviço Nacional da Febre Amarela. Podemos assim, sem medo de erro, referir à mesma forma não só os exemplares da Paraíba e de Alagoas, como também o ♂ de Bonfim, no nordeste da Bahia, que já Pinto (134: 529) arrolara como tal em seu conhecido Catalogo. Ousando divergir de Hellmayr (64: 32), temos que a categoria de subespécie é o que convem ao passaro em questão, visto como apesar das suas características muito próprias, é patente o seu estreito parentesco com *C. lineata*, do Brasil meridional; os loros são de um cinzento muito parecido com o dos supercílhos desta última e casos há em a referida cor se estende um pouco para trás, ultrapassando o ângulo anterior dos olhos, como supercílhos em esboço.

Conopophaga melanops nigrifrons Pinto

Conopophaga melanops nigrifrons Pinto, 1954, Pap. Avulsos Dep. de Zool. S. Paulo, XII: 55.

Localidade típica: Usina Sinimbu (Mangabeira), sudeste de Alagoas.

PARAIBA (1957)

Mamanguape. 4 ♂ (jul. 11, 13, 14 e 22); 3 ♀ (jul. 11 e 12).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. 21 e mar. 8); 1 ♀ (mar. 6).

Os presentes exemplares, perfeitamente concordantes entre si, atestam a validade desta subespécie, bastando assinalar para bem caracterizá-lo, no sexo masculino, a faixa frontal negra,

muito mais larga do que nos ♂ da Bahia (patria típica de *C. n. perspicillata*), e a confluência do branco da garganta com o do abdome, de modo a serem cor-de-cinza apenas as partes laterais do peito e os flancos; no sexo feminino a cor cinzento-azeitonada (sem mistura apreciável de ruivo) das partes superiores, e o branco geralmente quase puro da garganta e do alto abdome. Por exceção, uma ♀ de Mamanguape, de par com um colorido normal nas partes inferiores, apresenta o lado inferior, principalmente o peito, fortemente tingido de ferrugem. Maior dificuldade oferece a diagnose entre *C. melanops perspicillata* e *C. m. melanops*, visto como mesmo em exemplares topotípicos desta última, como sejam um ♂ de Terezópolis e outro de Angra dos Reis, localidades ambas do Estado do Rio de Janeiro, observa-se nitidamente que na orla frontal extrema existe uma estreita faixa preta unindo as duas nodos negras dos lados da cabeça. Só num ♂ da faixa costeira do Estado de São Paulo, de que são exemplo um de Ubatuba e outro de Poço Grande (rio Juquiá), se verifica a extensão do ferrugineo do pileo até a base do bico. As populações do nordeste brasileiro, não só geograficamente, como do ponto de vista do caráter em discussão, assinalam os extremos de uma variação muito gradual, em que é difícil estabelecer linhas satisfatórias de separação. Seja como for, as diferenças existentes entre as aves do nordeste e as da Bahia são incomparavelmente mais acentuadas do que as que apresentam estas últimas em confronto com as de São Paulo e Rio de Janeiro. Nos ♂ que conhecemos do Espírito Santo distingue-se sempre uma orla frontal negra, de largura bastante variável, mas em alguns casos, como num ♂ de Chaves (perto de Vitória), não menos conspicua do que nos do sudeste da Bahia (Ilheus); o que autoriza ampliar para o sul até estas latitudes, a área geografia de *C. m. perspicillata*. Já nos do Estado de Minas Gerais (rio Doce) dá-se o caso oposto, visto se aproximarem decididamente dos de Rio de Janeiro e São Paulo na ausência

completa da referida orla, merecendo situar-se na forma típica da espécie.

FAMILIA COTINGIDAE

Xipholena atro-purpurea (Wied)

Ampelis atro-purpurea Wied, 1820, Reise Bras., I: 262 (8 v. ed., p. 260).

Localidade típica: Morro da Arara, Rio Mucuri (Espírito Santo).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 11 e 22); 3 ♀ (jul. 14 e 22).

Forbes (40: 344) não inclui esta espécie entre as aves por ele coligidas em Pernambuco; mas Sclater (168: 388) a ele credita um casal pertencente ao Museu Britânico, de par com um ♂ de idêntica procedência remetido por Graven. Depois daí, até recente data, o passaro não foi mais colecionado no nordeste, chegando Pinto (138: 13) a admitir a possibilidade de seu desaparecimento do Estado em questão. Todavia, poucos anos depois, ali o obteve D. W. Lamm (83: 273) não longe de Recife. Agora, o lote trazido da Paraíba autorizando-nos não só a considerá-lo ainda hópede das matas remanescentes na região nordestina, como a estender um pouco mais para o norte a sua distribuição nos dias que correm. Uma ♀ colecionada por Dente em Alagoas (Usina Sinimbu) em março do mesmo ano em que obtivera os da Paraíba foi enviada para o Museu de Los Angeles.

Casiornis fusca Sclater & Salvin

Casiornis fusca Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 57, 159.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 7 ♂ (ago. 1, 2, 4, 6 e 7); 4 ♀ (ago. 1, 2, 4 e 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 6, 7, 12 e 15); 6 ♀ (jun. 7, 8, 11 e 21).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 17).

Maracujá: 1 ♀ (abr. 14).

Pachyramphus viridis viridis (Vieillot)

Tityra viridis Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 3:348.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 6).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♀ (jun. 12).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 31); 1 ♀ (jul. 26).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 2 e 10); 2 ♀ (abr. 2 e 4).

É notável como conserva este cotingida invariáveis as características em toda a sua vasta área de dispersão, cujos limites extremos, na medida do que se conhece, são o Estado do Piauí e o norte da Argentina.

Pachyramphus polychopterus polychopterus (Vieillot)

Platyrhynchus polychopterus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 27:10.

Localidade típica: "Nouvelle Hollande", *errone* (Bahia, sugerida por Hellmayr, 1929).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 25); 1 ♀ (jul. 22).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 6 e 10); 1 ♀ (jun. 12); 1 ♂ juv. (jun. 14).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 20).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 22).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 29); 1 ♂ juv. (abr. 9).

Platypsaris rufus rufus (Vieillot)

Tityra rufa Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 3:347.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 18).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 22); 3 ♀ (jun. 6, 11 e 17).

Tityra cayana braziliensis (Swainson)
Psaris braziliensis Swainson, 1837, Anim.
 Menag., p. 286, Dec.
 Localidade típica: nordeste do Brasil.

BAHIA (1958)
 Sta.-Rita-de-Cassia: 5 ♂ (abr. 2, 4, 5, 1
 e 9); 2 ♀ (abr. 9 e 10).

Tityra inquisitor inquisitor (Lichtenstein)
Lanius inquisitor Lichtenstein, 1823, Verz.
 Doubl. Berliner Mus., p. 50.
 Localidade típica: São Paulo.

BAHIA (1958)
 Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 9); 1 ♀
 (abr. 7).

FAMILIA PIPRIDAE

Pipra fasciicauda scarlatina Hellmayr
Pipra aureola scarlatina Hellmayr, 1915,
 Verh. Orn. Ges. Bay., 12:122.
 Localidade típica: Fazenda Caioá, Salto
 Grande do Paranapanema (São Pau-
 lo).

CEARÁ (1958)
 Serra de Baturité: 8 ♂ (jul. 16, 17, 20,
 21 e 26); 1 ♂ juv. (jul. 16); 4 ♀ (jul.
 18, 21 e 26).

Abstração feita de *Pipra erythrocephala rubrocapilla*, recentemente obtida em Pernambuco e Alagoas, é o único representante do genero cuja presença no nordeste extremo do Brasil está autenticamente comprovada. Também, embora fosse conhecido não só do leste do Pará (região de Belem) como da porção mais ocidental de São Paulo e do Paraná, é esta a primeira vez que se registra a sua presença num Estado marítimo intermediário aos que acabamos de citar. Não obstante, a continuidade de sua area geografica era garantida pela sua larga dispersão por todo planalto centro-brasileiro; agora, com a surpreendente verificação de sua ocorrência no interior do Ceará, veio acrescentar-se ao mapa de sua distribuição um novo distrito cuja ligação com os demais é difícil de fazer-se. Comparados com os do resto do Brasil, os exemplares de Baturité nenhuma diferença acusam quanto ao colorido capaz de interpretar-se como va-

riação geografica, a não ser talvez a tonalidade mais carregada e a maior abundancia de vermelho nas partes inferiores, e especialmente no peito, dos ♂. Tampouco julgamos encontrar no tamanho medio dos exemplares diferenças significativas sob o mesmo ponto de vista.

Chiroxiphia pareola pareola (Linné)
Pipra pareola Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12.^a
 ed., I: 33.
 Localidade típica: Caiena.

PARAIBA (1957)
 Mamanguape: 25 ♂ (jul. 5, 6, 7, 8, 11, 12,
 13, 18, 20, 22 e 25); 7 ♀ (jul. 4, 5, 14,
 18, 19, 22, 23 e 25).

Schiffornis turdinus intermedius Pinto
Schiffornis turdinus intermedius Pinto, 1954,
 Pap. Avulsos Dep. Zool. S. Paulo 12 (1):
 63.
 Localidade típica: São Miguel, Alagoas.

PARAIBA (1957)
 Mamanguape: 3 ♀ (jul. 5, 13 e 18).

ALAGOAS (1957)
 Usina Sinimbu: 3 ♂ (mar. 8, 9 e 16); 1
 ♀ (fev. 23).

A presente raça foi descrita por Pinto (144: 63) com material procedente de Alagoas (São Miguel e Usina Sinimbu) e constituido apenas por ♂; as ♀ da Paraíba, ao mesmo tempo que reforçam a separabilidade das populações nordestinas preconizada pelo mencionado autor, estendem sensivelmente para o norte a atual area de distribuição da especie.

Neopelma pallescens (Lafresnaye)
Tyrannula pallescens Lafresnaye, 1853, Rev.
 Mag. Zool., (2) 5:57.
 Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)
 Mamanguape: 18 ♂ (jul. 4, 8, 9, 11, 16,
 17, 18, 19, 20, 23 e 24); 14 ♀ (jul. 4, 9,
 11, 12, 14, 16, 18, 19, 20 e 23).

FAMILIA TYRANNIDAE

Xolmis irupero nivea (Spix)
Muscicapa nivea Spix 1825, Av. Spec. Nov.
 Bras., 2: 20, pl. 29, fig. 1.

Localidade típica: Rio S. Francisco, próximo de Joazeiro (Bahia).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♀ (jun. 9 e 15).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 17).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 30 e 31).

Barra: 3 ♂ (abr. 27 e 28 e maio 2); 2 ♀ (abr. 28).

Com referencia à separabilidade das populações nordestinas, a nossa posição é a mesma manifestada por Hellmayr (66: 17) ao incluir esta subespecie no conhecido Catalogo. Na comparação dos exemplares respectivos com os do Brasil centro-meridional a unica diferença que conseguimos reconhecer é, nos primeiros, a extensão um pouco maior, em media, da porção terminal preta das rectrizes, especialmente as do par central; assim é que nas aves nordestinas a dita porção mede de 13 a 18 mm, ao passo que nas do Rio Grande do Sul e nas do sul de Mato Grosso ela tem de 11 a 15 mm. Quanto ao alongado comprimento do bico em *X. i. irupero*, não nos autoriza a confirmá-lo o material de que dispomos; por outro lado, é praticamente imperceptível a bifurcação mais acentuada da cauda, que Hellmayr inclui também entre as características da forma típica.

Fluwicola pica albiventer (Spix)

Muscicapa albiventer Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2:21, pl. 30, fig. 1.

Localidade típica: Brasil (norte da Bahia sugerido por Pinto, 1944).

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 20).

BAHIA (1958)

Barra: 3 ♂ (abr. 30 e maio 2); 4 ♀ (abr. 30 e maio 2).

Fluwicola nengeta nengeta (Linné)

Lanius nengeta Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I: 135.

Localidade típica: Brasil.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ e 1 ♀ (jul. 22).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 5).

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 22).

Icarai: 2 ♂ (ago. 29 e set. 1).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 26 e 27).

Coube a A. Schneider reconhecer a chamada "lavadeira" no desenho a oleo (intitulado "Guirarurunheengeta") do "Guiraru-Nheengeta" de Marcgrave (104: 209), que, desde Swainson (181: 279), a generalidade dos autores supunha corresponder a outro tiranida de porte bem mais avantajado, qual seja a "maria-branca" dos mineiros. Uma vez feita esta verificação, é de admirar tanto tempo haja decorrido antes de atinar-se com a verdadeira identidade do passaro margraviano, tão inequivocamente se acha descrito; até porque, seria da maior estranheza houvesse o celebre naturalista do dominio holandês omitido referencia a passarinho tão conspicuo em toda a faixa litoranea do Brasil este-setentrional, desde a Bahia até o Maranhão, sem falar em Minas Gerais, onde Pinto confirmou a sua presença, anos atrás (144: 65). *Oenanthe climazura* Vieillot (1824) passa assim a mero sinonimo de *Lanius nengeta* Linnaeus (1766).

Arundinicola leucocephala (Linné)

Pipra leucocephala Linné, 1764, Mus. Ad. Frid., 2, Prodr., p. 33; *idem*, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I: 340.

Localidade típica: não indicada (Surinam, Linné, 1766).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 3 ♂ (ago. 4 e 6); 1 ♂ juv. (ago. 7).

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 19 e 21); 1 ♀ (ago. 22).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 15).

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 17 e 29); 1 ♀ (jul. 6).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. 12 e 21); 1 ♀ (fev. 14).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (mar. 27).

Com exceção do Estado de Santa Catarina, há registro da presença deste pequeno tiranida em todos os Estados do Brasil. Sua ocorrência no Rio Grande do Sul, ignorada por Pinto ao redigir o "Catalogo", acha-se comprovada por exemplares colecionados em Guaiaba (antiga Pedras Brancas) e hoje depositados no museu nacional dos Estados Unidos (cf. "Condor", LX: 259, 1958).

Machetornis rixosa rixosa (Vieillot)

Tyrannus rixosus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 35:85.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (jul. 31).

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 19, 20 e 21); 2 ♀ (ago. 19 e 20).

Icarai: 2 ♀ (ago. 27 e 29).

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 20, 22 e 23); 1 ♀ (jun. 24).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (mar. 25).

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 12).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 19); 2 ♀ (mar. 19 e 21).

Como já foi observado por Hellmayr (67: 308), nas aves nordestinas a garganta, via de regra, é mais amarelada do que nas demais populações brasileiras da espécie; não só a garganta, acrescentaremos nós, visto que também nas partes inferiores restantes o amarelo é um pouco mais carregado.

Tyrannus melancholicus despotes (Lichtenstein)

Muscicapa despotes Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berliner Mus., p. 55.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 4 ♂ (jul. 21, 23 e 24); 2 ♀ (jul. 22 e 24).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 4); 1 ♀ (jul. 31 e ago. 3, 4, 5 e 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 17 e 22); 1 ♀ (jun. 23).

Mamanguape: 6 ♂ (jul. 7, 23, 24 e 26); 1 ♀ (jul. 6).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. 16 e mar. 12); 2 ♀ (ev. 27 e mar. 13).

BAHIA (1958).

Buritirama: 3 ♂ (mar. 14, 15 e 17).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 27 e abr. 3).

Entre todas as populações brasileiras de *Tyrannus melancholicus* as do nordeste são aquelas em que as medidas se mostram inferiores, em media. Em recente trabalho, teve Pinto (144: 66) a oportunidade de discutir em minucia a controvertida questão das variedades geograficas da especie, juntando extensa tabela de medidas.

Empidonomus varius rufinus (Spix)

Muscicapa rufina Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2:22, pl. 31, fig. 1.

Localidade típica: "in provincia fl. Amazonum"

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 7 e 21); 3 ♀ (jun. 13 e 15)

Legatus leucophaius leucophaius (Vieillot)

Platyrrhynchus leucophaius Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 27:11.

Localidade típica: Caiena.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ (fev. 9).

Quebrangulo: 1 ♂ (mar. 31).

Abstração feita do Maranhão (baixo Tocantins) e de Alagoas, em cuja faixa litoranea florestada a especie só agora é registrada, não há nota da ocorrência deste tiranida nos Estados do nordeste.

Myiodynastes solitarius (Vieillot)

Tyrannus solitarius Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 35:88.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 18).

Açudinho: 2 ♀ (ago. 6 e 7).

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 6 e 7); 3 ♀ (jun. 6 e 7).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 7).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 7 e 8).

O bem-te-vi rajado é dos passaros mais comuns em todo o Brasil, inclusive nos Estados do nordeste.

Megarynchus pitangua pitangua (Linné)

Lanius pitangua Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a

Localidade típica: Brasil oriental (Rio de Janeiro, sugerido por Pinto, 1944).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 16 e 25); 2 ♀ (jul. 19 e 25).

Icarai: 1 ♂ (ago. 30); 1 ♀ (ago. 29).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♀ (jul. 14 e 20).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. 5 e mar. 12).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 20 e 21).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 10); 1 ♀ (abr. 6).

Myiozetetes similis pallidiventris Pinto

Myiozetetes similis pallidiventris Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul. 19:212.

Localidade típica: Ilha de Madre-de-Deus (Bahia).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 3 ♂ (jul. 17, 21 e 25).
Açudinho: 1 ♂ (ago. 4).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 14 e 19).

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 17 e 20); 2 ♀ (jul. 7 e 22).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 11 e 14).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 4).

Pitangus sulphuratus maximiliani (Cabanis & Heine)

Saurophagus maximiliani Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., 2:63.

Localidade típica: "Brasilien" (Bahia, sugerida por Hellmayr, 1927).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 4); 1 ♀ (jul. 31).

Itaipoca: 1 ♂ (ago. 20); 1 ♀ (ago. 20).

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 6, 14, 19 e 24); 3 ♀ (jun. 9, 12 e 21).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 11); 2 ♂ juvs. (mar. 13); 3 ♀ (mar. 13 e 19).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (mar. 31).

Pitangus lictor lictor (Lichtenstein)

Lanius lictor Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berliner Mus., p. 49.

Localidade típica: Pará (= Belem).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ e 1 ♀ (jul. 17 e 29).

A espécie parece-nos nova para a avifauna do nordeste do Brasil, não havendo na literatura ornitológica qualquer referência à sua presença nos Estados situados entre Maranhão e Bahia. É passaro eminentemente silvestre, de encontro pouco frequente nos Estados centrais e aparentemente desconhecido nos mais meridionais, e de São Paulo inclusive.

Myiarchus tyrannulus bahiae Berlepsch & Leverkühn

Myiarchus bahiae Berlepsch & Leverkühn, 1890, Ornith., 6:17, in text.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♀ (jul. 31 e ago. 2).

Icarai: 2 ♂ (ago. 28 e set. 3); 4 ♀ (ago. 28 e 29).

PARAIBA (1957)

Curema: 5 ♂ (jun. 6, 7, 21, 25 e 26); 3 ♀ (jun. 8, 22 e 24).

BAHIA (1958)

Buritirama: 4 ♂ (mar. 10, 13 e 14).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 7).

Não conhecendo do Estado do Ceará senão os dois ♂ que levaram Cory a separar as populações locais sob o nome de *M. tyrannulus palleescens*, concordou Hellmayr em aceitar esta suposta subespécie, com base no colorido mais claro, mais esverdeado, das partes su-

periores, bem como garganta e peito igualmente mais claros. Em serie numerosa, como é a que temos neste momento diante dos olhos, é difficil perfilhar o mesmo ponto de vista, atenta a importancia das variações individuais a que estão sujeitas as populações rotuladas correntemente como *M. t. bahiae*. Em qualquer hipotese, o assunto está a exigir um estudo mais aprofundado que não se coadunaria com a forçosa brevidade dos presentes comentarios.

Myiarchus swainsoni pelzelni Berlepsch
Myiarchus pelzelni Berlepsch, 1883, The Ibis, (4) 1:139, Abril.
 Localidade tipica: Bahia.

CEARÁ (1958)
 Açudinho: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 1).

PARAIBA (1957)
 Curema: 1 ♂ (jun. 7) e 1 ♀ (jun. 23).

Myiarchus ferox ferox (Gmelin)
Muscicapa ferox Gmelin, 1789, Syst. Nat., I (2), p. 934.
 Localidade tipica: Caiena (Guiana Francesa).

CEARÁ (1958)
 Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 16 e 19); 2 ♀ (jul. 20 e 21).

PARAIBA (1957)
 Mamanguape: 3 ♂ (jul. 13 e 22).

ALAGOAS (1957)
 Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 25); 2 ♀ (fev. 6 e 7); 1 insex. (fev. 7).

Confrontados com *M. swainsoni pelzelni*, que de modo geral ocorre tambem nas mesmas zonas, os individuos de *M. f. ferox* se destacam à primeira vista pela tonalidade muito mais escura das partes superiores, especialmente o pileo, que é quase preto; tambem o cinzento da garganta é muito mais sombrio, concordando com a mandibula, uniformemente pardo-escura (em vez de parcialmente clara, como em *pelzelni*). Em *M. ferox* a asa é, alem disso, mais pontiaguda e mais comprida (excedendo à cauda em comprimento), a ponta da primaria externa, ou 10.^a, não alcançando o nivel da

4.^a (7.^a a contar de fora). Cf. Pinto (138: 170).

Empidonax euleri euleri (Cabanis)
Empidochanes euleri Cabanis, 1868, Journ. Orn., 16:195.
 Localidade tipica: Cantagalo, Rio de Janeiro.

ALAGOAS (1957)
 Usina Sinimbu: 2 ♂ (mar. 6).

Este passarinho, conhecido embora do sul do Piaui e do interior da Bahia, não conta com nenhum registro no extremo nordeste.

Cnemotriccus fuscatus bimaculatus (Lafresn. & d'Orbigny)
Muscipeta bimaculata Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, in Mag. Zool., 7, cl. 2, p. 48.
 Localidade tipica: Yungas, Bolivia.

CEARÁ (1958)
 Açudinho: 2 ♂ (ago. 2 e 3); 2 ♀ (ago. 3 e 5).

O nordeste ainda não estava representado nas coleções do Dep. de Zoologia por este pequeno tiranida, cujos exemplares cearenses comparados com os de uma grande serie do Brasil central e meridional nenhuma diferença acusam.

Myiobius barbatus mastacalis (Wied)
Muscicapa mastacalis Wied, 1821, Reise Bras., 2:151.
 Localidade tipica: Rio Catolé, sul da Bahia.

PARAIBA (1957)
 Mamanguape: 6 ♂ (jul. 5, 6, 8, 9 e 26); 2 insex. (jul. 4 e 14).

Em seu estudo sobre o ornis alagoano incluiu Pinto (144: 70) uma tabela de medidas das asas de exemplares procedentes dos Estados de S. Paulo, Espirito Santo, Minas Gerais e Bahia, para contrastá-las com as sensivelmente inferiores, de dois obtidos em Alagoas. Não obstante, nos exemplares trazidos agora do Estado da Paraiba notamos que o comprimento das asas varia de

62 a 66 mm, valores sensivelmente equivalentes aos que é de regra encontrar-se nas aves dos Estados mais meridionais. Colhe-se assim a impressão de que nas varias populações brasileiras da especie a variação no comprimento de asa oscila entre os mesmos limites.

Myiophobus fasciatus flammiceps (Temminck)
Muscicapa flammiceps Temminck, 1822,
Nouv. Rec. Pl. col., livr. 24, pl. 144, fig.
3.

Localidade tipica: Brasil (Rio de Janeiro, sugerido por Hellmayr).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 7 e 23); 1 insex. (jul. 26).

Tiranida de larga distribuição pelo territorio brasileiro.

Hirundinea bellicosa bellicosa (Vieillot)
Tyrannus bellicosus Vieillot, 1819, Nouv.
Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 35:74.
Localidade tipica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 8).
Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 29).

São estes os primeiros representantes dos estados do nordeste recebidos pelo Dep. de Zoologia. Foram confrontados com diversos outros dos Estados do Espirito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, com os quais concordaram plenamente.

Platyrrinchus mystaceus mystaceus Vieillot
Platyrrhynchus mystaceus Vieillot, 1818, Nouv.
Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 27:14.
Localidade tipica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 19).

Não consta que já se tenha registrado anteriormente a ocorrência deste pequeno tiranida no Estado do Ceará. O ♂ trazido agora de Baturité, bem como uma ♀ de igual procedencia já existente no Dept. de Zoologia (Serviço de Febre Amarela leg.), têm a garganta lavada de amarelo limão, divergindo assim dos de Alagoas e Paraiba,

e aproximando-se decididamente dos do sudeste brasileiro, tal como acontece, sob o testemunho de Hellmayr (67:318), com os do interior do Maranhão e do Piauí.

Platyrrinchus mystaceus niveigularis Pinto

Platyrrinchus mystaceus niveigularis Pinto,
1954, Pap. Avulsos Dep. Zool. S. Paulo,
XII: 71.

Localidade tipica: São Miguel, Alagoas.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 9 ♂ (jul. 4, 5, 11, 12, 17 e 18); 3 ♀ (jul. 12 e 14); 1 insex. (jul. 9).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ ad. (mar. 31) e 1 ♂ juv. (mesma data).

Os exemplares da Paraiba têm as mesmas características dos de Alagoas, patria tipica da subespecie nordestina, cuja validez fica fora de discussão; em todos a garganta é de um branco puro, ao inverso do que acontece nas aves do sudeste brasileiro e vimos há pouco que se dá igualmente com os do meio-norte (Maranhão e Piauí). Afora isso, em *P. m. niveigularis* toda a plumagem é de colorido muito mais palido, predominando nas partes superiores o olivaceo, quase sem mescla de ruivo; o abdome, por sua vez é amarelo claro de enxofre, enquanto que em *P. m. mystaceus* apresenta tonalidade mais carregada e mistura abundante de tons fulvos.

Tolmomyias sulphurescens pallescens (Hartert & Goodson)

Rhynchocyclus sulphurescens pallescens Hartert & Goodson, 1917, Nov. Zool. 24:414.

Localidade tipica: Santa Cruz, Bolivia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 11 e 20).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 insex. (abr. 6).

Parece-nos que a especie é notificada pela primeira vez na area coberta pelo material de que se ocupa o presente trabalho.

Tolmomyias flaviventris flaviventris (Wied)
Muscipeta flaviventris Wied, 1831, Beitr.
 Naturg. Bras., 3 (2):929.

Localidade típica: Rio Mucuri e Alcobaca (sul da Bahia).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 1 e 8); 1 ♀ (ago. 9).

Icarai: 1 ♂ (ago. 9).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 5 e 31); 2 ♀ (jul. 7 e 17).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 insex. (mar. 17).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (abr. 11).

Todirostrum cinereum cearae Cory

Todirostrum cinereum cearae Cory, 1916,
 Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser.,
 1: 342.

Localidade típica: Serra de Baturité,
 Ceará.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 4 ♂ (jul. 30 e ago. 2 e 4); 6 ♀ (jul. 30 e 31); 3 insexs. (ago. 2, 5 e 9).

Icarai: 1 ♀ (ago. 28).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 15 e 21); 2 ♀ (jun. 13 e 18).

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 22, 25 e 31).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ (fev. 8).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 2).

Na serie de Açudinho (Serra de Baturité) observam-se as mesmas variações no colorido do dorso apontadas por Pinto (144: 73) em exemplares de Alagoas, individuos de dorso cinzento-claro quase puro aparecendo ao lado de outros em que existe patente mistura de verde-claro; em caso algum se pode, porem, confundi-los com os de sudeste e centro do Brasil, nos quais as costas são sempre fortemente lavadas de verde-oliva, carater precipuo de *T. c. coloreum*.

Todirostrum fumifrons fumifrons Hartlaub

Todirostrum fumifrons Hartlaub, 1853,
 Journ. Orn., 1: 35.

Localidade típica: Brasil (Bahia, sugerida por Hellmayr, 1927).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 31).

ALAGOAS (1958)

Quebrangulo: 1 ♀ (mar. 31).

Esta subespecie deve ocorrer endemicamente em todo o nordeste brasileiro, visto entrarem em sua já conhecida area de dispersão, afora a Bahia, sua terra típica, e Pernambuco, onde foi colecionado por Pinto (136: 261), o interior do Estado de Maranhão, conforme foi demonstrado por Hellmayr (67: 321). A este autor (65: 303) impressionara a sua semelhança com as formas do grupo encabeçado por *T. latirostre*; hoje, à vista das peculiaridades apresentadas pelo ♂ de Mamanguape, temos que essa semelhança trai parentesco suficientemente estreito para que todas possam ser consideradas variedades geograficas de uma e mesma especie. De fato, no exemplar em questão a faixa apical das grandes coberteiras superiores das asas se mostram indistintamente tingidas de ocre, o mesmo acontecendo, em escala muito menor todavia com a orla externa das remiges secundarias; não obstante, as partes inferiores são tipicamente de *T. fumifrons*, dado o intenso banho amarelo-mostarda, a contrastar vivamente com o cinza claro, quase branco, das de *T. latirostre*.

Idioptilon mirandae (Snethlage)

Todirostrum mirandae Snethlage, 1925, Journ.
 Orn., 73:266.

Localidade típica: Serra de Ibiapaba,
 Ceará.

CEARÁ (1958).

Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 19 e 20).

Extremamente benvindos nos são estes dois exemplares, infelizmente do mesmo sexo, deste interessante tiranida; não só porque, plenamente adultos e em excelentes condições de prepara-

ção, permitem conhecer, em todas as minúcias, as características do passaro descrito primeiramente por Snethlage e pouco depois por Hellmayr (66: 305), como confirmam sem margem de dúvida o acerto da determinação conferida por Pinto (144: 74) a um ♂ de Alagoas (Quebrangulo), menos perfeito quanto à plumagem. Ao registrar este exemplar desconhecia ainda Pinto o trabalho em que Zimmer (222: 8) descreve sob o nome de *I. m. kaempferi* uma coespecie do passaro nordestino no Estado sulino de Santa Catarina (Salto de Pirai, perto de Joinville). Possuindo dois exemplares do *I. m. mirandae* oriundos de Pernambuco, facil foi a Zimmer fazer a sua comparação com os de Santa Catarina e, ao mesmo tempo, indagar das relações de parentesco entre *I. mirandae* e as especies mais afins, como *I. orbitatus*, do Brasil este-meridional, e *I. rufigularis*, do Peru, esta ultima alheia ao nosso conhecimento. Em seu comentario contesta ainda Zimmer certa passagem em que Pinto (136: 262), não tendo ainda conhecimento direto das características de *I. mirandae*, aventou a hipotese de ser ela subespecificamente relacionada com *Todirostrum fumifrons*. Todavia, é bem que se diga que tal suposição fora imediatamente afastada pelo ultimo autor, assim que teve em mãos o primeiro exemplar autentico de *I. mirandae*, coligido em Alagoas.

Quanto à orla externa das terciarias, de onde tirou Zimmer uma característica diferencial entre *I. m. mirandae* e *I. m. kaempferi*, descrevendo-a como amarela clara, ou quase branca, em *kaempferi*, e acamurçada, ou fulveciente ("buff") em *mirandae*, é ela nos exemplares de Baturité de colorido variavel, ora se mostrando fulvo-branca-centa, ora amarela clara, quase branca.

Idioptilon striaticolle striaticolle (Lafresnaye)

Todirostrum striaticolle Lafresnaye, 1853,
Rev. Mag. Zool., 5 (2):58.

Localidade tipica. Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 23) e 1 de sexo?
(jul. 20).

Tal como nos individuos do noroeste do Maranhão (Miritiba, Boa Vista) e da zona costeira da Bahia, bem representada nas coleções do Dep. de Zoologia, por exemplares do Reconcavo (Curupeba, Madre-de-Deus). nos da Paraíba o pileo é apenas levemente sombreado de pardo-cinza. Como veremos a seguir, no extremo oeste do ultimo Estado as aves têm o pileo muito mais escuro, combinando com as de Mato Grosso e Goiás.

Idioptilon striaticolle obscuriceps (Zimmer)

Euscarthmornis striaticollis obscuriceps Zimmer, 1940, Amer. Mus. Novitates, 1.066: 12.

Localidade tipica: Abrilongo (Mato Grosso) .

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 10) e 1 ♀
(abr. 3).

No ♂ de Santa-Rita o pileo é fortemente sombreado de pardo-escuro, ultrapassando sob este particular muitos exemplares do sul de Goiás, (Inhumas) e do oeste de Mato Grosso (Cuiabá, rio Aricá), onde se localiza a patria tipica (Abrilongo) da subespecie separada por Zimmer. Hellmayr (66: 313) refere a *I. s. striaticolle* individuos de São Marcelo (rio Preto), mas por essa epoca as populações centro-brasileiras não haviam sido ainda separadas como forma particular. Releva todavia notar que a cor do pileo, unico carater a levar-se verdadeiramente em conta no discripe das duas subespecies, é sujeito a variações individuais de extraordinária amplitude, e porventura capazes de deixar o ornitologista em duvida. Temos a impressão de que uma revisão minuciosa do assunto, com apoio em material abundante de todas as populações da especie, trará como consequencia importantes alterações no esquema atualmente adotado pela sistemática.

Idioptilon zosterops naumburgae (Zimmer)

Euscarthmornis zosterops nauburgae Zimmer, 1945, Proc. Biol. Soc. Wash., LVIII: 45.

Localidade tipica: Palmares, Pernambuco.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 9 ♂ (jul. 4, 7, 8, 9, 10, 13 e 18); 2 ♀ (jul. 5 e 9); 1 insex. (jul. 11).

Com a presente serie podemos apreciar devidamente as diferenças que separam *I. zosterops naumburgae* de *I. zosterops griseipectus*, sua similar amazonica. As aves nordestinas têm o cinzento do peito e dos flancos, bem como as coberteiras inferiores da cauda, bastante tingidos de verde-amarelado, ao passo que as amazonicas têm as referidas partes cor cinza pura, com exceção apenas dos flancos e das infracaudais onde há uma levíssima mistura de verde.

Como verificou Pinto (144: 74), examinando dois exemplares de Alagoas, o dorso em *I. z. naumburgae* é de um verde mais claro, mais brilhante do que na sua afim.

Idioptilon margaritaceiventer wuchereri
(Sclater & Salvin).

Euscarthmus wuchereri Sclater & Salvin, 1873, Nomenclator Avium Neotropicalium, p. 158.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 3 ♂ (ago. 2, 4 e 6).

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 7 e 20); 2 insex. (jun. 7 e 20).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 18).

Capsiempis flaveola flaveola (Lichtenstein)

Muscicapa flaveola Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berliner Mus., p. 56.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 13 e 31).

Nova para a avifauna de todo o nordeste brasileiro.

Euscarthmus meloryphus meloryphus Wied

Euscarthmus meloryphus Wied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., 3 (2): 947.

Localidade típica: Limites de Minas Gerais com a Bahia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ imat. (ago. 3).

Stigmatura budytoides bahiae Chapman

Stigmatura budytoides bahiae Chapman, 1926. Amer. Mus. Novit., 231: 4.

Localidade típica: Rio S. Francisco, Joazeiro (Bahia).

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ (abr. 28); 2 ♀ (abr. 28 e 30).

Buritirama: 1 ♂ (mar. 24).

Xenopsaris albinucha albinucha (Burmeister)

Pachyrhamphus albinucha Burmeister, "1868", Proc. Zool. Soc. London, p. 635.

Localidade típica: margens do Rio da Prata, proximo de Buenos Aires.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 exempl. de sexo indet. (ago. 29).

É antes caprichosa a area de dispersão deste curioso tiranida, visto como depois de ter sido descoberto em meados do seculo passado na região do rio da Prata (norte da Argentina), foi mais tarde (Reiser, 1903) encontrado no nordeste do Brasil, sem que se tenha nota de sua presença no planalto central brasileiro, situado de permeio. A primeira nota de sua ocorrência no Brasil devemo-la a Reiser (155: 70-156), que em 1903 dele coligiu exemplares no norte da Bahia (proximidades de Joazeiro) e sul do Piauí (rio Parnaíba); depois daí foi ele colecionado novamente em Joazeiro (1907) por E. Garbe, que teve ainda a sorte de reencontrá-lo na Cidade da Barra (1913), localidades ambas situadas no curso do baixo rio São Francisco. Os ninhos e ovos trazidos então por Garbe foram registrados por H. v. Ihering (76: 443), provando-se que em nosso nordeste o passaro é residente e relativamente comum na zona das caatingas. Contemporaneamente (1913), prova-se a sua presença também no Ceará, através de exemplares colecionados em Juá (perto de Iguatu) por R. H. Becker (1913) e competentemente estudados por Hellmayr (67: 326). Nosso exemplar procede da mesma zona, nada acrescentando portanto ao que

já se sabia sobre o seu domínio geográfico.

Conhecido não só do norte da Argentina (Buenos Aires, Tucumán, Santa Fé, Córdoba) ao Paraguai (Chaco), era natural que se supusesse ocorrer também na faixa fronteira do Brasil, fato hoje comprovado por uma ♀ coligida em abril de 1944 em Corumbá (rio Paraguai, Estado de Mato Grosso) por pessoal do Dep. de Zoologia de São Paulo. Ao dar notícia deste exemplar silenciara Pinto (141: 349) sobre a tonalidade amarelo-creme das partes inferiores, particularidade que não vemos referida por nenhum autor e que estamos inclinados a atribuir à idade do exemplar, uma ♀, cujo pileo sepiaceo-pardacento é indicio de juvenildade. Convem todavia lembrar que Reiser (156: 156), reconhecendo a imaturidade do exemplar do mesmo sexo por ele trazido do Piauí, nenhuma referencia faz ao fato.

Elaenia flavogaster flavogaster (Thunberg)

Pipra flavogaster Thunberg, 1822, Mém. Ac. Sci. St. Pétersb., 8:286.

Localidade típica: Brasil (Rio de Janeiro, sugerido por Lönnberg, 1903).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 6).

PARAIBA (1957)

Elaenia albiceps chilensis Hellmayr

Elaenia albiceps chilensis Hellmayr, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zoology, XIII (5): 413.

Localidade típica: Curacautin, Chile.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 22).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 14); 3 ♀ (jun. 8, 12 e 15).

Na determinação atribuída aos exemplares acima orientamo-nos principalmente pelas conclusões a que chegara Zimmer (215: 6-11) ao estudar com abundancia relativa de material a difícil questão das variações geográficas de *E. albiceps*. Modificando as ideias

anteriormente esposadas por Hellmayr (66: 412-13), acha aquele ornitologista que a forma típica de *E. albiceps* tem a sua distribuição limitada a uma parte da Bolívia e do Peru, de onde normalmente não emigra; *E. a. chilensis* pelo contrario, seria uma forma eminentemente migratoria, com area de procriação na vertente ocidental da cordilheira andina (Chile e Argentina), de onde durante os meses de inverno se deslocaria para o norte (Amazonia) e para leste, espalhando-se por vasta area em que se inclui a Argentina, o Paraguai e quase todo Brasil (Mato-Grosso, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia, rio Tapajós etc.). Reconhece ainda Zimmer no Peru nada menos de três subespecies locais, complicando assim sobremodo o problema já de si bastante arduo. Nosso material, onde só raros exemplos procedem de regiões estranhas ao territorio brasileiro, não nos permite formar opinião sobre assunto tão complexo; mas isso não nos impede de olhar com certa desconfiança os extremos a que uma análise demasiado sutil pode levar o observador, diríamos melhor o sistematista, em casos como este.

Elaenia cristata Pelzeln

Elaenia cristata Pelzeln, 1868, Orn. Bras., 2: 107, 177.

Localidade típica: cidade de Goiás, Goiás.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 7 e 23); 2 ♀ (jul. 23 e 25).

Myiopagis viridicata viridicata (Vieillot)

Sylvia viridicata Vieillot, 1817, Nov. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., IX: 171.

Localidade típica: Paraguai.

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 6, 11 e 15); 5 ♀ (jun. 10 e 12).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 1).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 15).

Sta.-Rita-de-Cássia: 3 ♂ (mar. 29 e abr. 7 e 8).

Myiopagis caniceps caniceps (Swainson)

Tyrannula caniceps Swainson, 1837, Ornith.

Draw., pt. 5, pl. 49.

Localidade típica: Brasil.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 17).

Neste exemplar a plumagem corresponde à descrita em *E. taczanowskii* Berlepsch, as partes inferiores sendo completamente destituídas de amarelo e as superiores apresentando-se cor-de-cinza ardosiadas, com o pileo cinzento mais escuro e o dorso tingido de tons verdes apenas perceptíveis. Foi Hellmayr (58: 45-6), cremos, quem primeiro estudou a fundo as variações de colorido de que é susceptível *M. caniceps*, concluindo por serem as duas supostas espécies meramente "fases" de uma mesma forma, correspondendo *taczanowskii* à ave plenamente adulta e *caniceps* ao estado juvenil. Essa tese parece até certo ponto defendida pelas diferenças de colorido encontradas nas populações do Brasil central, inclusive o oeste de São Paulo, onde a regra é, nas partes superiores, o predomínio do cinzento sobre o verde, senão a falta quase completa deste último tom, com uma minoria de exemplares em que o verde predomina. Não obstante, no material que serve de base aos nossos estudos, ocupam lugar à parte os exemplares procedentes da faixa costeira florestada do Estado de São Paulo (Ubatuba, rio Juquiá) e do leste de Minas (rio Doce). Nos exemplares que temos dessa procedência, e que é muito duvidoso sejam todos jovens, as partes superiores são verdes citrinas, com o pileo levemente sombreado de cinza; a par disso, tanto a mancha do topete como o debrum das terciárias e coberteiras superiores das asas são francamente amarelos. Pelo que não afastamos a hipótese de no futuro provar-se a conveniência de separar estas populações este-meridionais como forma particular, mantida todavia a sinonímia de *caniceps* e *taczanowskii*.

Suiriri affinis affinis (Burmeister)

Elaeana affinis Burmeister, Syst. Übers. Th. Bras., 2:477.

Localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

BAHIA (1958)

Santa-Rita-de-Cassia: 2 ♀ (abr. 7 e 12).

Com Hellmayr (66: 444) e Zimmer (222: 21), estamos referindo à forma centro-brasileira estes dois exemplares do noroeste da Bahia. Em verdade, quanto à plumagem eles apresentam um mixto dos caracteres que separam *affinis* de *bahiae*, combinando com a primeira na tonalidade branco-amarelada das coberteiras supracaudais, e com a segunda no branco puro da garganta e alto do peito.

O estudo em que Zimmer concluiu pela coespecificidade de *S. suiriri* e *S. affinis* levou-nos a examinar detidamente os dois velhos exemplares de Pirapora (rio São Francisco), a saber um ♂ determinado como *suiriri*, *stricto sensu*, e uma ♀ arrolada como *affinis*. A determinação permanece correta se se toma rigorosamente por base as características de colorido; o ♂ não apresenta nenhum indicio de amarelo, quer nas partes inferiores, quer nas supracaudais, não podendo ser diferenciado dos do Rio Grande do Sul; a ♀, pelo contrário, só difere dos exemplares autênticos de *affinis* na tonalidade mais desbotada de toda a plumagem e, especialmente, no amarelo mais pálido do abdome. Em compensação, uma ♀ de Uruguaiana (Rio Grande do Sul) tem o branco do abdome levemente tocado de creme. Isso prova como são grandes as variações a que o colorido da plumagem está sujeito nas duas formas aparentadas.

Suiriri affinis bahiae (Berlepsch)

Empidagra bahiae Berlepsch, 1893, Orn. Monatsber., 1: 12.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 22) e 1 sexo? (jun. 20).

Provam estes exemplares quanto é fragil a presente subespecie; confrontados com uma ♀ de Joazeiro, consi-

derada topotípica, têm as partes superiores mais escuras, puxando para o oliváceo (em vez de cinzento-pardas claras), e as coberteiras superiores da cauda visivelmente esbranquiçadas (em vez de cinzentas como o dorso).

Sublegatus modestus modestus (Wied)

Muscipeta modesta Wied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., 3 (2):923.

Localidade típica: Camamu, Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 12, 19 e 20); 1 ♀ (jun. 20).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 15).

Phaeomyias murina murina (Spix)

Platyrhynchus murinus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2:14, pl. 16, fig. 2.

Localidade típica: Brasil (Joazeiro, na Bahia, sugerido por Pinto, 1944).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 3 ♀ (jul. 31).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 10 e 24); 1 ♀ (jun. 11).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 17); 1 ♀ (mar. 16).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 7 e 11).

Camptostoma obsoletum cinerascens (Wied)

Hylophilus cinerascens Wied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., 3 (2):723.

Localidade típica: Barra do Jacu, rio Espírito Santo, Estado do Espírito Santo.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♀ (ago. 6).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 de sexo? (jun. 6).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 de sexo? (mar. 17).

As medidas da asa oscilam nestes exemplares entre 53 e 49 mm; as da cauda entre 37 e 41 mm. Parece fato que nas aves nordestinas nunca alcançam elas as máximas encontradas nas de São Paulo e mais estados meridionais,

onde é regra exceder a asa a 55 mm. Sobre esta base é lícito aceitar a separabilidade das populações respectivas, reconhecendo embora a dificuldade que há em assinar-lhes áreas de distribuição satisfatoriamente precisas. Isso implica em modificar o esquema adotado há anos atrás por Pinto (138: 388) para as subespécies peculiares ao território brasileiro.

Phyllomyias fasciatus cearae Hellmayr

Phyllomyias fasciatus cearae Hellmayr, 1957, Field Mus. Nat. Hist., Zoology XIII (5): 466.

Localidade típica: Serra de Baturité, Ceará.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 5 ♂ (jul. 20, 21, 23 e 25); 6 ♀ (jul. 18, 20 e 23).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 8).

O ♂ único da Paraíba confunde-se com a série de Baturité, representada por um número quase igual de exemplares dos dois sexos. Nestes chama a atenção a extensa gama de variações a que está sujeito o colorido das partes superiores, e especialmente do dorso, colorido que sofre insensível gradação entre o azeitonado escuro e a cor-de-cinza quase puro. Paralelamente, varia também a cor do abdome, apresentando-se fortemente amarelado no primeiro caso e branco quase puro no segundo. Em nenhum, porém, se observam as cores vivas peculiares a *P. f. brevirostris*, forma de características muito aproximadas, mas circunscrita à faixa litorânea florestada do sudeste brasileiro; nesta as partes superiores têm coloração muito mais clara, francamente verde-amarelada, enquanto que as inferiores são amarelas, com mistura de verde e cinza. Temos que as aves da Bahia (provavelmente só as da porção interiorana do Estado), pátria típica da espécie, dificilmente se deixam separar das do Brasil Central (Mato Grosso, Goiás, oeste de São Paulo), o que traria como consequência considerar-se *P. f. virescens* (Allen) sinônimo de *P. f. fasciatus*. Nosso material baiano é todavia mais do que escasso, para que

possamos ter sobre o assunto ideia mais clara.

Tyranniscus acer Salvin & Godman

Tyranniscus acer Salvin & Godman, 1883, The Ibis, I (5):206.

Localidade típica: Bartica Grove e Camacusa (Goiana Inglesa).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 exemplar de sexo ignorado (jul. 20).

Mais um passaro guianense-amazonico cuja area de dispersão vemos alcançar o nosso nordeste extremo. Em nada difere ele dos exemplares que temos do baixo Amazonas (Obidos) e tampouco de uma ♀ do norte do Maranhão (Miritiba). Em todos a cor pardo-fuliginosa das regiões auriculares e a garganta esbranquiçada são caracteres constantes, o mesmo acontecendo com as demais características que, segundo Hellmayr (60: 23), servem para distinguir esta especie de *T. gracilipes*, de nós autopticamente desconhecida.

Pipromorpha oleaginea oleaginea (Lichtenstein)

Muscicapa oleaginea Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berliner Mus, p. 55.

Localidade típica: Bahia.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ e 1 ♀ (fev. 15 e 28).

Com estes exemplares trazidos do litoral do Estado de Alagoas, amplia-se sensivelmente a distribuição da presente subespecie, nunca registrada até aqui ao norte do Reconcavo da Bahia.

FAMILIA HIRUNDINIDAE

Progne chalybea domestica (Vieillot)

Hirundo domestica Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat. nouv. éd., 14:520.

Localidade típica: Paraguai.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 24, 25 e 26); 1 ♀ (jul. 28).

Phaeoprogne tapera tapera (Linné)

Hirundo tapera Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I: 345.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♀ (jun. 10).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 24).

Barra: 2 ♂ (abr. 29 e 30).

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis (Vieillot)

Hirundo ruficollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 14:523.

Localidade típica: Brasil (cidade do Rio de Janeiro ou circunjacencias).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 20).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 6, 10 e 19); 3 ♀ (jul. 4 e 10).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 31); 1 ♀ (mar. 27).

Iridoprocne albiventer (Boddaert)

Hirundo albiventer Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enl., p. 32.

Localidade típica: Caiena

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 19 e 20); 3 ♀ (ago. 19 e 20).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 13).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 12).

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ (mar. 31).

FAMILIA CORVIDAE

Cyanocorax chrysops cyanopogon (Wied)

Corvus cyanopogon Wied, 1821, Reise Bras., 2:137.

Localidade típica: Rio Cachoeira, perto de Ilheus (Bahia).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 6 ♂ (jul. 30 e 31); 3 ♀ (ago. 4, 5 e 6); 4 ♀ (ago. 1, 4 e 9).

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 18); 2 ♀ (ago. 18).

Icarai: 3 ♂ (ago. 30 e set. 5); 1 ♀ (ago. 29).

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 6, 8, 19 e 25); 5 ♀ (jun. 7, 8, 19 e 22).

BAHIA (1958)

Buritirama: 4 ♂ (mar. 11, 15 e 18); 2 ♀ (mar. 10 e 13).

Toda a serie concorda perfeitamente com os nossos exemplares de *C. c. cyanopogon* procedentes do Maranhão (Primeira Cruz, Boa-Vista), da Bahia (Joazeiro), Goiás (Catalão, rio das Almas, rio Araguaia), Minas Gerais (rio São Francisco) e Mato Grosso (rio das Mortes, Sant'Ana do Paranai-ba): abdome e extremidades das rectrizes branco puro; nuca branca, só excepcionalmente tingida de tons azulados; dorso pardo-fuliginoso, sem mistura visível de outro tom; asas e caudas entre pardo-anegradas e preto quase puro.

Cyanocorax chrysops interpositus Pinto

Cyanocorax chrysops interpositus Pinto, 1954, Pap. Avulsos Dep. Zool. S. Paulo, XII (1):75.

Localidade típica: Mangabeiras, Usina Sinimbu (Estado de Alagoas).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (mar. 16); 1 ♀ juv. (mar. 7); 1 juv. de sexo? (mar 7).

Comparado com a ♀ de Mangabeiras (Usina Sinimbu) tipo da subespecie, o ♂ de 16 de março destaca-se pela tonalidade mais clara do abdome e das extremidades das rectrizes, ainda assim puxando decididamente para o amarelo-creme descrito em *interpositus*. No exemplar insexuado e na ♀ imatura as ditas partes são ainda mais claras, embora não de um branco tão puro como nos exemplares de *cyanopogon* oriundos do Brasil central e do nordeste extremo. A despeito dessas variações individuais, temos que a subespecie alagoana merece ser mantida, pelo menos provisoriamente.

Tendo passado em revista o material deste grupo que possui o Departamento de Zoologia de São Paulo achamos oportuno registrar desde logo a existencia no sul do Pará, região da Serra

do Cachimbo (a leste do alto Tapajós), de uma forma evidentemente não descrita e de caracteres intermediarios entre *C. c. chrysops* e *C. c. diesingii*, subespecie descrita originariamente por exemplares colecionados por Natterer na margem direita do baixo Madeira, mas de que temos, perfeitamente caracterizado, um ♂ do rio Arapiuns (Casa Nova), que é um pequeno afluente ocidental do rio Tapajós, em seu trecho mais baixo.

Cyanocorax chrysops insperatus subesp. nova

TIPO (n.º 38.579 da Col. Ornitológica do Departamento de Zoologia): ♂ adulto, de Cachimbo (sul do Pará), a leste do alto Tapajós), colecionado por E. Dente em 7 de setembro de 1955.

DIAGNOSE. Muito semelhante a *C. c. cyanopogon*, do Brasil central e este-setentrional, mas diferindo principalmente no tamanho menor do bico, nuca branco-anilada (em vez de branca de neve), dorso violaceo-fuliginoso, asas e rectrizes decididamente violaceo-aniladas (em vez de preto-fuliginosas).

Essas características aproximam a nova raça de *C. c. diesingii*, como a principio nós (147: 65) fomos inclinados a referir os exemplares de Cachimbo; mas a cor perfeitamente branca do abdome e das extremidades das rectrizes impede que se incluam estes ultimos na forma do baixo Madeira, a que seguramente pertence o exemplar do rio Arapiuns.

FAMILIA TROGLODYTIDAE

Thryothorus longirostris bahiae (Hellmayr)

Thryophilus longirostris bahiae Hellmayr, 1903, Journ. Orn., 51:535.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (jul. 31).

Icarai: 1 ♂ (ago. 27).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 5); 1 ♀ (mar. 26).

Já lá vão perto de sessenta anos que Hellmayr (51: 776) reconheceu em *T. longirostris* duas formas bem caracterizadas, uma peculiar à faixa litoranea e

florestada do Brasil meridional, e outra privativa das áreas secas do nordeste brasileiro, incluso o interior da Bahia. Comparada com a forma sulina, distingue-se *T. l. bahiae* pelo colorido muito mais claro da plumagem, o do dorso variando entre o ruivo-acizentado claro e o cor-de-ferrugem (em vez de castanho-ferruginosas ou pardo-castanhas), e o das partes inferiores entre o branco-arruivado e o cor-de-canela claro (em vez de cor-de-ferrugem ou canela carregado). Acresce que em *T. l. bahiae* as listas superciliares são mais largas e perfeitamente brancas (em vez de estreitas, mescladas de escuro), em concordância com as regiões auriculares igualmente brancas imaculadas (em vez de pretas, estriadas de branco). Sem prejuizo desses traços diagnosticos gerais é possível reconhecer nas populações nordestinas um apreciavel grau de variação, visto como as aves da caatinga baiana (Joazeiro, Cidade da Barra, pela tonalidade extremamente clara de sua plumagem, fazem contraste visível com as do interior de Alagoas (Quebrangulo, Palmeira dos Índios), as quais, no ferrugineo intenso do dorso e na leve estriação escura das penas auriculares inequivocamente se aproximam das do Brasil este-meridional. Por sua vez as da serra de Baturité, incluso um ♂ doado há anos ao Dep. de Zoologia pelo Serviço Nacional da Febre Amarela, no que tange às aludidas diferenças antes se aproximam mais das de Alagoas do que das do interior da Bahia.

No mapa da distribuição conhecida de *T. longirostris* chama atenção um largo hiato geografico abrangendo o Estado do Espírito Santo, o leste de Minas e o sul da Bahia, regiões a cujo respeito nenhuma ocorrência consigna a bibliografia.

Thryothorus genibarbis genibarbis Swainson
Thryothorus genibarbis Swainson, 1837,
Anim. in Menag., p. 322.

Localidade típica: Brasil (Bahia, por designação de Hellmayr, 1905).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 21).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 31).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 18).

Troglodytes musculus musculus Naumann

Troglodytes musculus Naumann, 1823, Naturg. der Vögel Deutsch., 3:724.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♀ (jul. 19).

Açudinho: 2 ♂ (ago. 7); 1 ♀ (ago. 9).

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 18 e 21); 1 ♀ (ago. 19).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 11); 1 ♀ (jun. 10).

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 22 e 30).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fe. 21).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 18).

Tal como a Hellmayr (67: 256), também a nós parece não haver nenhuma razão para separar em raça à parte as aves do Ceará, donde *T. m. beckeri* Cory (34: 344) dever considerar-se sinonima de *T. m. musculus* Naumann. Há variações individuais muito sensíveis nas diferentes populações e nenhuma significação particular queremos atribuir ao fato de, no presente lote, serem os exemplares de Mamanguape, de modo geral, os mais intensamente corados, e os de Curema os mais palidos.

FAMILIA MIMIDAE

Mimus gilvus antelius Oberholser

Mimus antelius Oberholser, 1919, Proc. Biol. Soc. Wash., 32:128.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Icarai: 6 ♂ (ago. 27 e 30); 7 ♀ (ago. 27, 28, 29 e 30).

Sabiá muito comum no litoral atlântico dos Estados este-setentrionais, do Pará ao Rio de Janeiro.

Mimus saturninus arenaceus Chapman

Mimus arenaceus Chapman, 1890, *The Auk*, 7:135.

Localidade típica: Bahia.

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 9 e 12); 5 ♀ (jun. 12, 18 e 20).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 30).

Mimus saturninus frater Hellmayr

Mimus saturninus frater Hellmayr, 1903, *Verh. Kaiserl.-K. Zool.-Bot. Gesell., Wien*, 53:220.

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cássia: 3 ♂ (mar. 28 e abr. 10); 1 ♀ (mar. 27).

Sabe-se que o tamanho do bico é praticamente o único caráter constante a separar *M. s. frater* de *M. s. arenaceus*. Esta diferença é particularmente gritante no material agora recebido, pois nos exemplares de Santa-Rita-de-Cássia (Rio Preto), o comprimento do culmen não excede a 18 mm, ao passo que nos da Paraíba, à semelhança do que se observa nos do Reconcavo baiano outrora estudados por Pinto (132: 240), as mesmas medidas oscilam entre 21 e 23 mm.

Donacobius atricapillus atricapillus (Linné)

Turdus atricapillus Linné, 1766, *Syst. Nat.*, 12.^a ed., 1:295.

Localidade típica: Cabo da Boa Esperança, *errore!* (Brasil retificado por Berlepsch & Hartet, 1902).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 4 ♂ (jul. 17, 24 e 30); 4 ♀ (jul. 17, 24 e 30).

FAMILIA TURDIDAE

Turdus albicollis crotopezus Lichtenstein

Turdus crotopezus Lichtenstein, 1823, *Verz. der Doubl. des Zool. Mus. Berl. Univers.*, p. 38.

Localidade típica: Bahia.

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ (fev. 11).

Quebrangulo: 1 ♂ (mar. 31).

Não dispomos, infelizmente, para comparação, de nenhum exemplar baiano deste sabiá, cujo tipo terá sido, com toda probabilidade, coligido no Recon-

cavo ou em suas cercanias, como a generalidade dos exemplares remetidos para Berlin por A. Agostinho Gomes. Mas não temos a mínima dúvida de que os dois exemplares alagoanos, aqui presentes, deverão pertencer à forma nomeada por Lichtenstein, dada a absoluta coincidência de suas características com a descrição que desta última nos é dada pelos autores, a começar pelo Príncipe Maximiliano (211: 646). As partes superiores, abstração feita das retrizes e respectivas coberteiras superiores, cinzento-ardosiadas, são cinzento-oliváceas, com o pileo escurecido e forte mistura de ocráceo no resto; as inferiores (peito e abdome) pardo-esbranquiçadas, com a base da garganta e as coberteiras inferiores da cauda perfeitamente brancas. Os flancos são apenas tingidos de tons arruivados, ao invés de francamente ferruginosos ou canelinos, como em *T. a. albicollis*, do Brasil meridional. As aves do Estado do Espírito Santo, representadas nas coleções do Dep. de Zoologia por exemplares de Pau Gigante e do rio São José, ocupam, no que respeita às características de plumagem, posição nitidamente intermediária entre as duas formas em questão, aproximando-se todavia mais de *T. a. crotopezus* do que de *T. a. albicollis*. Exemplares da mesma procedência existentes no Museu Nacional acham-se nas mesmas condições, confirmando aliás a observação anterior de H. Friedmann (41: 316-17). O ♂ de Quebrangulo mede 119 mm de asa, 94 de cauda e 18 de culmen, não diferindo sob este particular dos da forma típica da espécie. Tudo leva a crer que um ♂ de Igarçu (Pernambucano) determinado por Berla como *T. phaeopygus coloratus* Todd pertence à mesma forma das aves de Alagoas, não sendo de estranhar que, quanto ao colorido, as aves de Pernambuco se apresentem ainda mais distanciadas das do Brasil meridional, e ipso facto mais aproximadas das do baixo Amazonas, pátria típica de *T. a. coloratus*.

Turdus amaurochalinus Cabanis

Turdus amaurochalinus Cabanis, 1851, *Mus. Hein.*, 1: 5.

Localidade típica: Brasil (Rio Grande do Sul, por sugestão de Pinto, 1944).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 19); 1 ♀ (jul. 23).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 5).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 8); 1 ♂ juv. (jun. 15).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♀ (fev. 23).

BAHIA (1958).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 4).

Turdus leucomelas albiventer Spix

Turdus albiventer Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1:70.

Localidade típica: Pará.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 4 ♂ (jul. 16, 18, 21 e 25); 2 ♀ (jul. 18 e 20).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ e 1 ♀ (jul. 11 e 12).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 21)

Sta.-Rita-de-Cassia: 4 ♂ (abr. 2, 3 e 8); 1 ♀ (abr. 10).

Turdus rufiventris juensis (Cory)

Planesticus rufiventris juensis Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Zoology, XII (1): 344.

Localidade típica: Juá, próximo de Iगतu (Ceará).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ e 1 ♀ (ago. 7).

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 18); 2 ♀ (ago. 19 e 21).

Icarai: 3 ♂ (ago. 29 e 30, set. 3).

PARAIBA (1957)

Curema: 7 ♂ (jun. 17, 20, 21, 22, 23 e 24); 3 ♀ (jun. 9, 17 e 19).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 21); 4 ♀ (jul. 19, 22, 24 e 25).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♀ (mar. 11).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 2 e 4).

Barra: 1 sexo? (maio 2).

Ainda estamos que, de modo geral, o tratamento que melhor convém às populações brasileiras de *Turdus rufiventris* é o que lhe fora dispensado anos atrás por Pinto (138: 375-377); a tonalidade cor-de-canela das partes inferiores, extremamente carregada nas aves dos Estados este-meridionais, desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro mantém-se quase inalterada nas do Espírito-Santo (rio Doce, Pau Gigante) e leste de Minas (rio Piracicaba, rio Doce). A partir da Bahia, porém, começa ela a empalidecer, já as aves da região do Reconcavo demonstrando maior aproximação com as do nordeste brasileiro, onde o desbotamento da plumagem atinge o seu máximo nas do Ceará, terra típica de *T. rufiventris juensis*. De qualquer modo, é no Estado da Bahia que se pode demarcar as áreas das duas formas aparentadas, visto como do Reconcavo para o sul as populações apresentam características de tal modo intermediárias que muitos exemplares de Ilheus não podem ser distinguidos dos de Minas Gerais e Espírito-Santo. Estão aliás no mesmo caso não só os exemplares que temos do noroeste extremo da região do rio Preto (Santa Rita), como um de Cuiabá, no chamado norte de Mato Grosso. No que respeita porém às aves da porção meridional deste último Estado, em que pese terem sido referidas a *T. r. rufiventris* no "Catalogo" de Pinto, destacam-se elas pelo colorido decididamente pálido da plumagem, a ponto de não ser praticamente possível separá-las das de Alagoas.

Platycichla flavipes flavipes (Vieillot)

Turdus flavipes Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 20:277.

Localidade típica: Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 11 e 12); 1 ♀ (jul. 11).

Reputamos das mais surpreendentes esta verificação da ocorrência do sabiá-una no nordeste extremo do Brasil. Tão pouco se suspeitava da extensão de sua

area geografica a latitudes tão setentrionais, que Pinto (138: 379), ao incluir a Bahia entre os Estados em que ele existe, fê-lo apenas sob a autoridade de Seebohm, ao tratar da especie (171: 253). Vai sem dizer que os exemplares que agora nos chegam da Paraíba em nada diferem dos de Rio e São Paulo, ficando a impressão de que lá apareçam como emigrantes de inverno. Os quatro exemplares têm as características de aves plenamente adultas e nada foi registrado quanto à condição em que se achavam as gonadas.

FAMILIA POLIOPTILIDAE

Polioptila plumbea atricapilla (Swainson)

Culicivora atricapilla Swainson, 1832, Zool.

Illustr., (n.s.), 2: pl. 57.

Localidade típica: não indicada (Bahia, patria típica adotada).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 2 e 5); 3 ♀ (ago. 4).

Icarai: 1 ♂ (ago. 28).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 7 e 18).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 18).

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 10).

Devemos a Hellmayr (68: 495) o haver reivindicado para este passarinho o esquecido nome *Culicivora atricapilla* Swainson, já que *Sylvia leucogastra* Wied era nome pre-ocupado e *Polioptila livida cearensis* Cory (1916) prova ser inseparavel.

Ramphocaenus melanurus melanurus Vieillot

Ramphocaenus melanurus Vieillot, 1819,

Nov. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 29:6.

Localidade típica: Brasil (Rio de Janeiro, col. Delalande).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 4).

FAMILIA MOTACILLIDAE

Anthus lutescens lutescens Pucheran

Anthus lutescens Pucheran, 1855, Arch. Mus.

Hist. Nat. Paris, 7:343.

Localidade típica: Brasil (= arredores do Rio de Janeiro, col. Delalande).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 4).

Icarai: 6 ♂ (ago. 28 e 29, set. 3 e 4); 1 ♀ (ago. 28).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 17, 26 e 27); 2 ♀ (jul. 24 e 29).

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ (abr. 28).

FAMILIA VIREONIDAE

Cyclarhis gujanensis cearensis Baird

Cyclarhis cearensis Baird, 1866, Rev. Amer. Bds., 1:391.

Localidade típica: Ceará.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 5 ♂ (jul. 17, 19, 22, 23 e 24); 5 ♀ (jul. 18, 19, 21 e 25).

Açudinho: 1 ♂ (ago. 3); 1 ♀ (ago. 8).

Icarai: 5 ♂ (set. 1, 2 e 3); 1 ♀ (ago. 29).

PARAIBA (1957)

Curema: 4 ♂ (jun. 13, 23 e 26).

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 23 e 30); 3 ♀ (jul. 23, 24 e 25).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♀ (mar. 10 e 14).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 29 e abr. 1).

Vireo virescens chivi (Vieillot)

Sylvia chivi Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 11:174.

Localidade típica: Paraguai.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 9); 1 ♀ (ago. 8).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 6 e 12).

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 8, 17 e 20); 2 ♀ (jul. 14, 20 e 22).

Hylophilus poicilotis amaurocephalus (Nordmann)

Sylvia amaurocephala Nordmann, 1835, in Erman's Reise, Naturhist. Atlas, p. 14.

Localidade típica: Brasil (= confins de Bahia e Minas Gerais, Wied col.).

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♀ (ago. 29).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 19 e 23); 1 ♀ (jul. 20).

Hylophilus pectoralis Sclater

Hylophilus pectoralis Sclater, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 321.

Localidade típica: "in Brazil merid. prov. Matto Grosso" (= Vila Bela de Mato Grosso, no rio Guaporé).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 13).

Novo para a avifauna nordestina.

FAMILIA COEREBIDAE

Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linné)

Certhia cyanea Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:188.

Localidade típica: Surinam (desig. de Hellmayr).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 4 e 26); 2 ♀ (jul. 4 e 8).

Dacnis cayana paraguayensis Chubb

Dacnis cayana paraguayensis Chubb, 1910, Ibis, (9)4:619.

Localidade típica: "Paraguay and southeastern Brazil".

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 6 ♂ (jul. 18, 22, 24, 25 e 26); 3 ♀ (jul. 20, 21 e 24).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 14 ♂ (jul. 8, 17, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 29 e 30); 5 ♀ (jul. 8, 16, 17, 22 e 30).

Coereba flaveola chloropyga (Cabanis)

Certhiola chloropyga Cabanis, 1851, Mus. Hein., 1:97.

Localidade típica: Bahia.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 sexo? (ago. 30).

Serra de Baturité: 1 ♂ e 1 ♀ (jul. 25).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 16 e 26); 1 ♀ (jul. 7).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (abr. 3 e 7).

Conirostrum speciosum speciosum (Temminck)

Sylvia speciosa Temminck, 1824, Nouv. Rec. Pl. Col., livr. 49: pl. 293, fig. 2.

Localidade típica: Rio de Janeiro.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (jul. 30); 2 ♀ (ago. 4).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 8 e 24); 1 ♂ juv. (jun. 27); 2 ♀ (jun. 7 e 10).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 3 ♂ (mar. 31 e abr. 1); 2 ♀ (abr. 8 e 11).

FAMILIA PARULIDAE

Basileuterus flaveolus (Baird)

Myiothlypis flaveolus Baird, 1865, Rev. Amer. Bds., 1:252.

Localidade típica: Paraguai (Rio Paraguai?).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 8).

PARAIBA (1957)

Mamanguape; 6 ♂ (jul. 5, 13, 19, 25 e 26).

BAHIA (1958)

Maracujá: 1 ♂ (abr. 15).

Basileuterus auricapillus auricapillus (Swainson)

Setophaga auricapilla Swainson, 1837, Anim. Menag., p. 293.

Localidade típica: "Mexico (errore) and Brazil" (Rio de Janeiro, por sugestão de Todd, 1929).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 18).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 23 e 24).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♂ (abr. 6).

FAMILIA ICTERIDAE

Cacicus cela cela (Linné)

Parus Cela Linné, 1758, Syst. Nat., 10.^a ed., 1:191.

Localidade típica: "in Indiis" (Surinam, por designação de Hellmayr).

- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 2 ♂ (jul. 23 e 29); 3 ♀ (jul. 19, 22 e 26)
- Archiplanus solitarius* (Vieillot)
Cassicus solitarius Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 5:364.
Localidade típica: Paraguai.
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 6 ♂ (ago. 2, 4, 7, 8 e 9); 3 ♀ (ago. 1, 3 e 8).
Icarai: 4 ♂ (ago. 28 e set. 1, 3 e 5); 2 ♀ (ago. 28).
Itapipoca: 1 ♂ (ago. 19).
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 1 ♂ (jul. 24); 5 ♀ (jul. 19, 20, 24 e 30).
- Molothrus bonariensis bonariensis* (Gmelin)
Tanagra bonariensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1 (2):898.
Localidade típica: Buenos Aires.
- PARAIBA (1957)
Curema: 3 ♂ (jun. 14, 15 e 19); 2 ♀ (jun. 18).
- BAHIA (1958)
Sta.-Rita-de-Cassia: 3 ♂ (abr. 4 e 10); 1 ♀ (abr. 4).
- Molothrus badius fringillarius* (Spix)
Icterus fringillarius Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1:68, pl. 65.
Localidade típica: "in campis Minas Geraes".
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 1 ♀ (ago. 6).
Icarai: 1 ♂ (set. 1); 3 ♀ (set. 2).
- PARAIBA (1957)
Curema: 10 ♂ (jun. 13, 19, 20 e 22); 9 ♀ (jun. 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22 e 24).
- BAHIA (1958)
Barra: 1 ♂ (abr. 27); 2 ♀ (abr. 27).
- Icterus cayanensis tibialis* Swainson
Icterus tibialis Swainson, 1837, Anim. Menag., p. 302.
Localidade típica: Brasil.
- CEARÁ (1958)
Serra de Baturité: 4 ♂ (jul. 18, 19, 20 e 24); 3 ♀ (jul. 21, 22 e 24).
Açudinho: 1 ♂ e 1 ♀ (jul. 30).
- Itapipoca: 1 ♂ (ago. 22); 1 ♀ (ago. 20)
Icarai: 1 ♀ (set. 1.º).
- PARAIBA (1957)
Curema: 1 ♂ (jun. 19); 4 ♀ (jun. 7, 13 e 22).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 1 ♂ (mar. 19).
Sta.-Rita-de-Cassia: 4 ♂ (mar. 28 e abr. 8 e 11); 1 ♀ (abr. 6).
- Icterus jamacaii* (Gmelin)
Oriolus jamacaii Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 391.
Localidade típica: nordeste do Brasil (Ceará, por sugestão de Hellmayr).
- CEARÁ (1958)
Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 22); 1 ♀ (jul. 24).
Açudinho: 6 ♂ (jul. 31 e ago. 2, 5, 7 e 8); 1 ♀ (ago. 7).
Itapipoca: 3 ♀ (ago. 18 e 19).
Icarai: 5 ♂ (ago. 27, 28 e 29 e set. 3); 5 ♀ (ago. 28 e 30 e set. 2 e 3).
- PARAIBA (1957)
Curema: 10 ♂ (jun. 13, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24 e 25); 14 ♀ (jun. 6, 13, 14, 18, 19, 20, 22 e 24).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 2 ♂ (mar. 11 e 19); 2 ♀ (mar. 14 e 18).
Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (abr. 10).
- Agelaius ruficapillus frontalis* Vieillot
Agelaius frontalis Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., 34:545.
Localidade típica: Caiena.
- CEARÁ (1958)
Itapipoca: 1 ♀ (ago. 21).
Icarai: 4 ♂ (jul. 31).
- PARAIBA (1957)
Curema: 1 ♂ (jun. 17).
- Gnorimopsar chopi sulcirostris* (Spix)
Icterus sulcirostris Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1:67, tab. LXIV, fig. 2.
Localidade típica: "in campis Minas Geraes".
- CEARÁ (1958)
Itapipoca: 3 ♂ (ago. 18 e 19); 3 ♀ (ago. 20, 21 e 22).
Icarai: 1 ♂ (set. 2); 1 ♀ (set. 3).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 25); 1 ♀ (jun. 17).

BAHIA (1958)

Buritirama: 3 ♂ (mar. 11 e 13); 1 ♀ (mar. 17).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 7).

Como Hellmayr (55: 614-15) foi o primeiro a suspeitar, antes de adotar sobre a materia posição definitiva (67: 276-7), parece fora de contestação que a grauna dos nossos sertanejos do norte, *Icterus sulcirostris* de Spix, nada mais é do que uma variedade geográfica, ou seja uma subespecie do passaro-preto dos filhos do sul, "Chopi" de Azara, *Gnorimopsar chopi chopi* (Vieillot) dos nossos atuais catalogos. As diferenças que separam o primeiro do segundo também se resumem às que apontou o proprio Hellmayr, a saber tamanho acentuadamente maior, bico mais comprido, mais grosso e mais fundamente sulcado na base, e plumagem mais lustrosa, semelhante ao aço polido. Na pratica, porem, é longe de ser facil a delimitação das areas geograficas pertinentes a cada qual, tão capri-

chosa é a maneira por que se processa a variação dos caracteres supramencionados em função da distribuição. Assim é que, no que respeita ao comprimento de asa, vemô-lo decrescer gradativamente a partir do Paraguai e do sul do Brasil em direção ao norte, para acusar os seus valores minimos no Estado de Alagoas, limite setentrional aceito para *G. c. chopi*. Não obstante, em latitudes intermediarias ocorrem exemplares de medidas praticamente equivalentes à media das encontradas nas aves nordestinas inequivocamente pertencentes a *G. c. sulcirostris*. Tal é o caso do exemplar do rio Gongogi (afluente do rio de Contas, no sudeste da Bahia), cujas medidas orçam por 134 mm de asa, 100 de cauda e 24 de culmen.

Sem embargo, todos os exemplares trazidos agora do nordeste extremo, inclusive os do extremo noroeste da Bahia (rio Preto), quer no tamanho, quer no colorido têm as características peculiares a *G. c. sulcirostris*. A tabela junta o comprova na parte relativa às medidas:

TABELA DE MEDIDAS DA ASA
(em milímetros)

N.º	Procedencia	♂	♀
38.685,	♂, Bom Jesus, Rio Grande do Sul .	126	—
38.686,	♀, Bom Jesus, Rio Grande do Sul .	—	117
30.874,	♂, Cuiabá, Mato Grosso	121	—
18.394,	♂, Salobra, Mato Grosso	120	—
18.393,	♂, Salobra, Mato Grosso	107	—
17.134,	♂, Coxim, Mato Grosso	124	—
30.871,	♀, Palmeiras, Mato Grosso	—	120
30.872,	♀, Rio Aricá, Mato Grosso	—	115
15.133,	♂, Rio das Almas, Goiás	121	—
15.132,	♂, Rio das Almas, Goiás	125	—
15.131,	♂, Rio das Almas, Goiás	123½	—
15.134,	♀, Rio das Almas, Goiás	—	117
34.082,	♀, Goiana, Goiás	—	117
26.581,	♂, Lins, São Paulo	126	—
27.545,	♂, Porto Cabral, São Paulo	126	—
11.275,	♂, Porto Epitacio, São Paulo	125	—
29.344,	♂, Rio Paranapanema, São Paulo .	125	—
29.343,	♂, Rio Paranapanema, São Paulo .	128	—
29.123,	♂, São Miguel, São Paulo	118	—
14.425,	♂, Itatiba, São Paulo	128	—
31.260,	♀, Rio Paranapanema, São Paulo.	—	121
29.709,	♀, Batatais, São Paulo	—	125

N.º	Procedencia	♂	♀
25.141,	♂, Rio Doce, Minas Gerais	103	—
25.140,	♀, Rio Doce, Minas Gerais	—	101
16.015,	♂, Maria da Fé, Minas Gerais	116	—
34.602,	♂, Rio Itaunas, Espírito Santo ...	124	—
14.279,	♂, Rio Gongogi, Bahia	134*	—
39.282,	♂, Usina Sinimbu, Alagoas	109	—
39.284,	♂, Usina Sinimbu, Alagoas	102	—
39.285,	♂, Usina Sinimbu, Alagoas	106	—
39.288,	♂, Quebrangulo, Alagoas	110	—
39.290,	♂, Quebrangulo, Alagoas	110	—
39.714,	♀, Quebrangulo, Alagoas	—	96
39.289,	♀, Quebrangulo, Alagoas	—	104
39.286,	♀, Usina Sinimbu, Alagoas	—	102
39.281,	♀, Usina Sinimbu, Alagoas	—	98

Gnorimopsar chopi sulcirostris

40.536,	♂, Curema, Paraíba	139	—
40.537,	♂, Curema, Paraíba	138	—
40.538,	♀, Curema, Paraíba	—	134
42.085,	♂, Itapipoca, Ceará	146	—
42.086,	♂, Itapipoca, Ceará	143	—
42.087,	♂, Itapipoca, Ceará	144	—
42.088,	♀, Itapipoca, Ceará	—	136
42.089,	♀, Itapipoca, Ceará	—	131
42.090,	♀, Itapipoca, Ceará	—	140
42.091,	♂, Icarai, Ceará	146	—
42.093,	♂, Icarai, Ceará	141	—
42.092,	♀, Icarai, Ceará	—	134
41.176,	♂, Buritirama, Bahia	145	—
41.177,	♂, Buritirama, Bahia	144	—
41.178,	♂, Buritirama, Bahia	144	—
41.179,	♀, Buritirama, Bahia	—	130
41.180,	♂, Sta.-Rita-de-Cassia, Bahia	134	—
38.236,	♀, Aldeia do Ponto, Maranhão ...	—	144
38.237,	♂ juv., Aldeia do Ponto, Maranhão	131	—

Leistes militaris superciliaris (Bonaparte)

Trupialis superciliaris Bonaparte (ex Natterer manuscr.), 1850, Consp. Gen. Av., I: 430.

Localidade típica: "Mexico", *errore* (Mato Grosso, sugerido por Berlepsch).

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 23).

BAHIA (1958)

Barra: 1 ♂ e 1 ♀ (abr. 27).

FAMILIA THRAUPIDAE

Tanagra chlorotica chlorotica Linné

Tanagra chlorotica Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I: 317.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 6).

Icarai: 1 ♀ (set. 1).

Serra de Baturité: 1 ♂ (jul. 20).

Tanagra violacea aurantiicollis (Bertoni)

Euphonia aurantiicollis Bertoni, 1901, Anal. Cient. Parag., I: 94.

Localidade típica: Puerto Bertoni, Paraguai.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 8 ♂ (jul. 5, 10, 11, 20, 23 e 29); 3 ♀ (jul. 13 e 18).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 2 ♂ (fev. 4 e 6); 1 ♀ (fev. 6).

Quebrangulo: 2 ♂ (mar. 27 e 31).

As medidas das asas dos exemplares da Paraíba estão de acordo com as encontradas por Pinto (144: 82-83) nos de Alagoas e Bahia.

Tangara fastuosa (Lesson)

Tanagra fastuosa Lesson, 1831, Cent. Zool., p. 184, pl. 58.

Localidade típica: "Brésil" (Pernambuco, patria típica provavel).

ALAGOAS (1957)

Quebrangulo: 1 ♀ juv. (abr. 11).

É o primeiro exemplar desta especie famosa que entra para as coleções do Dep. de Zoologia, com procedencia exata.

Tangara cyanocephala cearensis Cory

Tangara cyanocephala cearensis Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I: 345.

Localidade típica: Serra de Baturité (Ceará).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 20 ♂ (jul. 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25 e 26); 22 ♀ (jul. 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25 e 26).

Tangara cayana flava (Gmelin)

Tanagra flava Gmelin 1789, Syst. Nat., I: 896.

Localidade típica: nordeste do Brasil (Ceará, patria típica por designação de Hellmayr).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 5 ♂ (jul. 19, 20, 21, 23 e 25); 2 ♀ (jul. 16 e 19).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 10 ♂ (jul. 4, 13, 14, 19, 23 e 25); 2 ♀ (jul. 11 e 13).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 3).
Maracujá: 1 ♂ (abr. 14).

Em face do material bastante copioso que hoje possuímos das populações extra-amazônicas de *Tangara cayana*, tentamos em vão encontrar as diferenças que justificariam separação das aves de São Paulo e mais Estados sulinos das do nordeste brasileiro; pelo

que, à falta de melhor base, não nos repugna fazer de *Tanagra chloroptera* Vieillot um simples sinonimo de *T. c. flava* Gmelin, tal como dir-se-ia estar inclinado a fazer o proprio Hellmayr nas ocasiões ultimas em que teve de se manifestar sobre a materia (69: 162).

Thraupis prelatus prelatus (Lesson)

Tanagra prelatus Lesson, 1831, Traité d'Ornithologie, p. 462.

Localidade típica: proximidades do Rio de Janeiro, Delalande col.).

PARAIBA (1957)

Curema: 2 ♂ (jun. 11 e 19).

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 16 e 26); 3 ♀ (jul. 22, 26 e 30).

Ao principe de Wied (210: 484), que descreve o sanhaço comum, azul-cinza, parece caber a responsabilidade primeira pela opinião, corrente ainda hoje, segundo a qual é esse o passarinho descrito por Marcgrave sob o nome de *Sayacu*, base exclusiva da especie batizada por Linné *Tanagra sayaca*. Em seu comentario a este item na edição brasileira (1942) da *Historia Naturalis Brasiliae* (pg. XLV, coment. 497), ousou Pinto dissentir deste modo de ver, concluindo que "Sayacu" outra coisa não é senão o sanhaço verde-cinza, especie posteriormente descrita pelo proprio Wied com o nome tornado classico, mas agora convertido em sinonimo de *T. sayaca* Linné, de *Tanagra palmarum*. É bem de ver, todavia, que Marcgrave (104: 192) não passou sob silencio o sanhaço comum, pois é a ele que se ajusta a descrição da especie anonima interposta às do "Tiepiranga" e do "Jacapu" à pag. 192. É essa aliás a opinião emitida há mais de um seculo por Lichtenstein (96: 159) em seu estudo critico (p. 159 da *Alia hujus species marcgraviana*. Rebuscando na literatura um nome cabivel para esta ultima, julgamos encontrá-lo em *Tanagra prelatus* Lesson, como sendo aparentemente o mais antigo dos conferidos ao sançado azul-cinza, *Tanagra sayaca* Auctorum (não de Linné).

Thraupis sayaca sayaca (Linné)

Tanagra sayaca Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:316.

Localidade típica: Brasil.

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 3 ♂ (jul. 19 e 20); 6 ♀ (jul. 16, 18, 20, 21, 23 e 26).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 11); 2 ♀ (jul. 22 e 23).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 22).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 30 e abr. 2); 3 ♀ (abr. 7).

As razões porque, em vez da clássica denominação de *Thraupis palmarum*, devida ao príncipe Maximiliano, adotamos agora para o sanhaço-de-coqueiro, de plumagem verde-cinza, o nome cunhado por Linné, foram expostas com o necessário pormenor ao tratarmos, pouco antes, do sanhaço azul-cinza.

Ramphocelus bresilius bresilius (Linné)

Tanagra bresilia Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:314.

Localidade típica: "in India Occidentali et Orientali", *errore* (Pernambuco, patria aceita).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 3 ♂ (jul. 19 e 20); 2 ♀ (jul. 7 e 21).

Tachyphonus rufus (Boddaert)

Tangara rufa Boddaert, 1783, Table Pl. Enl., p. 44.

Localidade típica: Caiena.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 12 ♂ (jul. 5, 10, 11, 13, 19, 20, 22, 23, 24 e 25); 6 ♀ (jul. 8, 11, 16, 18 e 23).

As medidas dos bicos (18-19 mm) da presente série, estão perfeitamente de acordo com as dos exemplares de Alagoas, estudados por Pinto (144: 86-87), que não encontrou nenhum com mais de 19 mm de culmen.

Tachyphonus cristatus brunneus (Spix)

Tanagra brunnea Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2:37, pl. 43, fig. 2.

Localidade típica: "in provincia Rio de Janeiro".

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 23 ♂ (jul. 5, 6, 12, 14, 16, 18, 22, 25, 26 e 29); 18 ♀ (jul. 5, 6, 8, 12, 13, 18, 19, 22 e 23).

Cyphsnagra hirundinacea pallidigula Hellmayr

Cyphsnagra ruficollis pallidigula Hellmayr, 1907, Nov. Zool., 14:350.

Localidade típica: Humaitá, rio Madeira.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♂? (set. 4).

A cor clara, branca levemente tingida de ocráceo, do peito e da garganta estabelece forte contraste entre o exemplar de Icarai e os do Brasil meridional (São Paulo, sul de Goiás e Mato Grosso), em que a garganta é, via de regra, decididamente cor-de-ferrugem. Mais palidas ainda são aquelas partes nas aves do interior de Maranhão (aldeia do Ponto). Posição intermediária quanto ao caráter em questão ocupam exemplares que temos do norte de Goiás (Cõnceição de Araguaia), norte de Mato Grosso (Chapada) e norte da Bolívia (rio Beni).

Nemosia pileata caerulea (Wied)

Hylophilus caeruleus Wied, 1831, Beitr. Naturg., 3, Abth. 2:731.

Localidade típica: Bahia

CEARÁ (1958)

Açudinho: 3 ♂ (jul. 31 e ago. 4 e 5); 2 ♀ (jul. 31 e ago. 1.^o).

Icarai: 1 ♂ juv. (ago. 28); 1 ♀ (set. 4).

PARAIBA (1957)

Curema: 6 ♂ (jun. 11, 12, 15 e 21); 2 ♀ (jun. 14).

Mamanguape: 6 ♂ (jul. 8, 22, 24, 29 e 30); 2 ♀ (jul. 17 e 30).

BAHIA (1958)

Buritirama: 3 ♀ (mar. 11, 20 e 21).

Sta.-Rita-de-Cassia: 5 ♂ (mar. 27, 28 e 31, abr. 1.^o); 2 ♀ (abr. 5 e 7).

Na série acima mede a asa nos ♂ adultos entre 71 e 74 mm o que na tabela publicada anos atrás por Pinto (144: 88-9) coloca naturalmente estes

ultimos ao lado dos do sudeste brasileiro (São Paulo, Minas etc.) e do planalto central (Chapada, Caceres etc.).

Hemithraupis guira guira (Linné)

Motacilla guira Linné, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., 1:335.

Localidade típica: nordeste do Brasil (Pernambuco, patria típica escolhida por Berlepsch).

CEARÁ (1958)

Serra de Baturité: 9 ♂ (jul. 16, 17, 18, 19, 20 e 23); 2 ♀ (jul. 16 e 21).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 6 ♂ (jul. 18, 20, 22, 26 e 29); 1 ♀ (jul. 30).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 20).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 1.^o); 1 ♀ (abr. 9).

No cerrado estudo critico dedicado por Zimmer (219: 4) aludiu este ornitologista à falta de registros da ocorrência de *H. guira guira* em Pernambuco, patria típica adotada para esta subespecie. A serie da Paraiba vem sob certo ponto de vista suprir aquela deficiencia, visto formarem os dois Estados, fisicamente, uma mesma unidade geografica.

Compsothraupis loricata (Lichtenstein)

Tanagra loricata Lichtenstein, 1816-17, Abh. Akad. Wissens. Berlin, Phys. Kl., p. 159.

Localidade típica: nordeste do Brasil (Ceará, escolhido como patria típica).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 13); 6 ♀ (mar. 15, 16, 2 e 22).

Schistochlamys melanopsis melanopsis (Latham)

Tanagra melanopsis Latham, 1790, Index. Orn. I, p. 422.

Localidade típica: Caiena.

CEARÁ (1958)

Icarai: 1 ♀ (set. 4).

A especie é nova para o Estado do Ceará. A ♀ de Icarai apresenta as características de individuo em plena maturidade e, em confronto com os das outras populações brasileiras, tanto no

que respeita às medidas (asa 80 mm, cauda 74 mm) como no tocante ao colorido, mostra maior semelhança com os da baixa Amazonia, representada nas coleções ao nosso alcance por bom numero de exemplares, inclusive uma serie da Serra de Cachimbo (sul do Pará).

FAMILIA FRINGILLIDAE

Saltator maximus maximus (P. L. S. Müller)

Tanagra maxima P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Suppl., p. 159.

Localidade típica: Caiena.

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 15 ♂ (jul. 4, 7, 8, 9, 11, 16, 19, 20, 22 e 23); 15 ♀ (jul. 4, 5, 8, 9, 11, 13, 14, 20 e 22).

Saltator coerulescens superciliaris (Spix)

Tanagra superciliaris Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2:44.

Localidade típica: "in campis fl. St. Francisci prope pagum Joazeiro".

BAHIA (1958)

Barra: 2 ♂ (maio 2).

Raça privativa do nordeste brasileiro, e da qual as coleções do Dep. de Zoologia possuíam apenas um exemplar femea, procedencia tambem da supramencionada localidade baiana.

Paroaria dominicana (Linné)

Loxia dominicana Linné, 1758, Syst. Nat., 1: 172.

Localidade típica: Brasil (Reconcavo da Bahia, como patria típica).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 10 ♂ (jul. 30 e ago. 2, 3, 4, 5 e 6); 3 ♀ (jul. 30 e ago. 1).

Icarai: 3 ♀ (ago. 27 e set. 2).

PARAIBA (1957)

Curema: 8 ♂ (jun. 6, 12, 13, 14, 17 e 19); 8 ♀ (jun. 6, 7, 9, 12, 20 e 25).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 11).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 10); 1 ♀ (mar. 14).

Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♀ (abr. 5).

Cyanocompsa cyanea cyanea (Linné)

Loxia cyanea Linné, 1758, Syst. Nat., 1: 174.

Localidade típica: "coast of Angola, in Africa" *errore* (Bahia, sugerida por Todd).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 2 ♂ (ago. 2 e 6); 1 ♀ (ago. 1.º).

Icarai: 2 ♂ (ago. 29 e set. 1.º); 1 ♀ (set. 4).

Tiaris fuliginosa fuliginosa (Wied)

Fringilla fuliginosa (Wied), 1831, Beiträge Naturges. Bras., III: 628.

Localidade típica: Camamu (leste da Bahia).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 1 ♂ (fev. 11).

Nova embora para a avifauna de Alagoas, a presença da espécie ali nada tem de extraordinário, visto como, consoante o testemunho do clássico Catálogo das Aves do Museu Britânico (vol. XII, p. 152), há muito fora ela colecionada em Pernambuco (Quipapá) por W. A. Forbes e Craven.

Sporophila albogularis (Spix)

Loxia albogularis Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., 2:46, pl. 60, fig. 1 (♂) e 2 (♀).

Localidade típica: nenhuma localidade é indicada (Bahia, patria típica sugerida por Hellmayr).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 4 ♂ (ago. 3, 6 e 7).

Itapipoca: 3 ♂ (ago. 19, 20 e 21).

PARAIBA (1957)

Curema: 3 ♂ (jun. 13, 19 e 21); 2 ♂ juvs. (jun. 19); 1 ♀ (jun. 19).

BAHIA (1958)

Buritirama: 2 ♂ (mar. 15 e 19).

Sta.-Rita-de-Cassia: 2 ♂ (mar. 27 e abr. 8); 1 ♀ (mar. 29).

Sporophila leucoptera cinereola (Temminck)

Pyrrhula cinereola Temminck, 1820, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 11, fig. 1.

Localidade típica: "Brésil" (Bahia, por designação de Hellmayr).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 20 e 30).

ALAGOAS (1957)

Usina Sinimbu: 3 ♂ (fev. 6, 12 e 14 e mar. 7); 2 ♀ (fev. 7 e 14).

Assim como na forma típica da espécie, as ♀ de *Sporophila leucoptera cinereola* se mostram sujeitas a largas variações no tocante à cor, o caso comum sendo aquele em que as partes inferiores são de uma tonalidade pardo-ferruginosa relativamente clara; mas abundam os exemplos cujo colorido é muito mais carregado, principalmente nas partes inferiores, cuja cor, semelhante à das ♀ de *Oryzoborus angolensis*, é comparável à de uma nodoa deixada sobre o papel por um infuso fraco de café. É esse um ponto para o qual procuramos, sem resultado, qualquer referência nos autores ao nosso alcance.

Sporophila nigricollis nigricollis (Vieillot)

Pyrrhula nigricollis Vieillot, 1823, Tabl. Enc. Méth., Orn., p. 1.027.

Localidade típica: "Bresil".

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 7).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 21).

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 7).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 15); 1 ♀ (mar. 13).

Sporophila lineola (Linné)

Loxia lineola Linné, 1758, Syst. Nat., 1:74.

Localidade típica: "Asia", *errore* (patria típica Surinam, por designação de Berlepsch & Hartert).

PARAIBA (1957)

Curema: 1 ♂ (jun. 19).

BAHIA (1958)

Buritirama: 1 ♂ (mar. 15); 1 ♀ (mar. 13).

A área de dispersão desta espécie alcança o baixo Amazonas; mas, apesar de ter sido registrada em Pernambuco, parece não haver outra nota de sua ocorrência nos Estados nordestinos situados mais ao norte.

Sporophila bouvreuil bouvreuil (P. L. S. Müller)

Loxia bouvreuil P. L. S. Müller, 1776, *Natursyst., Suppl.*, p. 154.

Localidade típica: "l'île de Bourbon", *errore* (Bahia, patria típica, por designação de Hellmayr).

CEARÁ (1958)

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 18); 1 ♀ (ago. 20).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ juv. (jul. 13).

Oryzoborus angolensis angolensis (Linné)

Loxia angolensis Linné, 1766, *Syst. Nat.*, 12.^a ed., 1:303.

Localidade típica: Angola, *errore* (leste do Brasil, por designação de Hellmayr).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 24 e 29); 1 ♂ (jul. 25).

Volatinia jacarina jacarina (Linné)

Tanagra jacarina Linné, 1766, *Syst. Nat.*, 12.^a ed., 1:314.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 7); 1 ♀ (jul. 31).

PARAIBA (1957).

Curema: 1 ♂ e 1 ♀ (jun. 10).

Mamanguape: 2 ♂ (jul. 6 e 16).

BAHIA (1958).

Buritirama: 1 ♂ (mar. 20).

Spinus yarrellii (Audubon)

Carduelis yarrellii Audubon, 1839, *Syn. Birds North Amer.*, p. 117, parte (♂).

Localidade típica: "Upper California", *errore* (patria típica Bahia, substituída por Todd).

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ juv. (ago. 9); 1 ♀ (ago. 10).

PARAIBA (1957)

Mamanguape: 1 ♂ (jul. 13).

ALAGOAS (1957)

Engenho Riachão: 2 ♂ (mar. 27 e abr. 12); 1 ♀ (mar. 28).

Excetuando-se o Estado da Bahia, tida como patria típica da espécie, ao

tempo em que Hellmayr redigia o seu clássico trabalho (67: 298) sobre a ornitologia do nordeste brasileiro, já era este pintassilgo conhecido de Pernambuco, da Paraíba e do Ceará, onde o haviam colecionado, indiscriminadamente, Becker (1913) e Pinto (1938); mas, ultimamente, sua presença fora também verificada em Alagoas (1951), graças às visitas feitas a esse Estado por Pinto (144: 95) e E. Dente. Os dois exemplares do Ceará chamam a atenção pela tonalidade muito desmaída e palida do amarelo das partes inferiores, o que pensamos correr por conta do sexo e da idade.

Sicalis columbiana leopoldinae Hellmayr

Sicalis columbiana leopoldinae Hellmayr, 1906, *Bull. Brit. Orn. Cl.*, XVI: 85.

Localidade típica: Leopoldina (rio Araguaia, Estado de Goiás).

BAHIA (1958)

Sta.-Rita-de-Cassia: 3 ♂ (mar. 27 e abr. 3); 1 ♀ (abr. 3).

Barra: 1 ♀ (abr. 28).

Os presentes exemplares confirmam à maravilha os traços diagnosticos apontados por Hellmayr (70: 318-319) entre *S. columbiana leopoldinae* e *S. c. goeldi*, removendo as duvidas do mesmo autor (67: 299-300) com respeito a um exemplar de Joazeiro (rio São Francisco). Possui ainda atualmente o Departamento de Zoologia uma esplendida serie de exemplares topotipicos da presente subespecie, colecionados há cerca de três anos (fins de setembro e começos de outubro de 1957) em Conceição do Araguaia por J. Hidasí, à época funcionario da Fundação Brasil Central (como auxiliar de H. Sick) e atualmente do Museu Paraense (informação verbal de E. Dente, do Dep. de Zoologia).

Sicalis flaveola brasiliensis (Gmelin)

Emberiza brasiliensis Gmelin, 1789, *Syst. Nat.*, 1:872.

Localidade típica: nordeste do Brasil.

CEARÁ (1958)

Açudinho: 1 ♂ (ago. 1).

Itapipoca: 1 ♂ (ago. 18); 1 ♀ (ago. 19).

- PARAIBA (1957)
Curema: 5 ♂ (jun. 9, 12, 21 e 24); 7 ♀ (jun. 9, 15, 20, 24 e 25).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 2 ♂ (mar. 14 e 22); 1 ♀ (mar. 20).
Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (mar. 29); 1 ♀ (abr. 7).
- Coryphospingus pileatus pileatus* (Wied)
Fringilla pileata Wied, 1821, Reise Bras., II, p. 160.
Localidade típica: Barra da Vareda (rio Pardo, sul da Bahia).
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 6 ♂ (jul. 31 e ago. 1.º, 2 e 2); 3 ♀ (jul. 30 e ago. 4).
Itapipoca: 1 ♂ (ago. 18); 1 ♀ (ago. 19).
- PARAIBA (1957)
Curema: 3 ♂ (jun. 11 e 26); 1 ♀ (jun. 24).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 3 ♂ (mar. 15, 16 e 17); 1 ♀ (ago. 14).
Barra: 1 ♂ (mar. 14).
- Arremon taciturnus taciturnus* (Hermann)
Tanagra taciturna Hermann, 1783, Tabl Affin. Anim., p. 214.
Localidade típica: Caiena.
- CEARÁ (1958)
Serra de Baturité: 2 ♂ (jul. 20 e 21); 4 ♀ (jul. 21, 23 e 24).
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 6 ♂ (jul. 5, 6, 11, 13, 20 e 29); 1 ♀ (jul. 5).
- Myositta humeralis humeralis* (Bosc)
Tanagra humeralis Bosc, 1792, Journ. d'Hist. Natur., II: 179, pl. 34, fig. 4.
Localidade típica: Caiena.
- CEARÁ (1958)
Açudinho: 1 ♂ (ago. 2).
Itapipoca: 1 ♂ (ago. 20); 2 ♀ (ago. 18 e 21).
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 2 ♀ (jul. 17 e 18).
- BAHIA (1958)
Barra: 1 ♂ (abr. 28).
- Zonotrichia capensis matutina* (Lichtenstein)
Fringilla matutina Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Perl. Mus., p. 25.
Localidade típica: Bahia.
- PARAIBA (1957)
Curema: 2 ♂ (jun. 8); 1 ♀ (jun. 7).
- BAHIA (1958)
Buritirama: 1 ♂ (mar. 18).
Sta.-Rita-de-Cassia: 1 ♂ (abr. 9); 1 ♀ (abr. 1).
Maracujá: 1 ♂ (abr. 15).
- Emberizoides herbicola herbicola* (Vieillot)
Sylvia herbicola Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., nouv. éd., II:192.
- PARAIBA (1957)
Mamanguape: 3 ♂ (jul. 11, 12 e 13).
- ALAGOAS (1957).
Usina Sinimbu: 5 ♀ (mar. 6, 11, 12, 14 e 15).
Quebrangulo: 1 ♀ (mar. 25).
- Já registrado em Pernambuco (Forbes, 1880) e Alagoas (Pinto, 1951), mas aparentemente novo para a Paraíba.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ARRIBÁLZAGA, F. L.: La Ley, 2 de Julho, 1877.
- 2 — AUDUBON, J. J.: *Synopsis of the Birds of North America*, 1: I-XII, 1-359, 1839.
- 3 — BAIRD, S. F.: Review American Birds — *Museum of the Smithsonian Miscellaneous Collection*, pt. 1, 177-450, 1865-1866.
- 4 — BANGS, O. & PENARD, T. E.: Notes on a collection of Surinam Birds — *Bulletin of the Museum Comparative Zoölogie*, 62 (2): 23-93, 1918.
- 5 — IDEM: Notes on some birds, chiefly neotropical — *Bulletin of the Museum Comparative Zoölogie*, 64 (4): 363-97, 1921.
- 6 — BERLA, H.: Boletim do Museu Nacional, Zool., n.º 64: 1-2; IDEM, n.º 65: 1-35, 1946.
- 7 — BERLEPSCH, H.: The Ibis, (5) 1: 137-42, 1883.
- 8 — IDEM: Dignosen neuer südamerikanischer Vogelarten — *Ornithologische Monatsberichte*, 1: 11-12, 1893.
- 9 — IDEM: On some species of South American Owls — *Bull. Brit. Ornithologists' Club. London*, XII: 4-10, 1901.
- 10 — BERLEPSCH, H. & HARTERT, E.: On the birds of the Orinoco region — *Nov. Zool. IX (1)*: 1-134, 1902.
- 11 — IDEM & LEVERKÜHN, P.: *Ornis*, 6: 1-36, 1890.
- 12 — BERTONI, A. W.: *Anales Cient. Paraguay*, 1 (1): 1901.
- 13 — BODDAERT, P.: Table Planches Énumérées d'Histoire Naturelle, 1, I-XV: 1-58, 1783.
- 14 — BONAPARTE, C. L. J. L.: Observations on the nomenclature of Wilson's Ornithology — *Jr. Ac. Nat. Sc. Philadelphia*, 5 (1): 65-106, 1825.
- 15 — IDEM: *Conspectus Generum Avium*, 1 (2): 1-543, 1850.
- 16 — BOSCH, L. A. G.: *Journal d'Histoire Naturelle (Choix de Mémoires)*, 2 (17), 1792.
- 17 — BOURCIE, J. & MULSANT, M. E.: Description de quelques nouvelles espèces d'Oiseaux-Mouches — *Rev. Zool.*: 269-75, 1848.
- 18 — BURMEISTER, H.: Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, 2: 1-526, 1856.
- 19 — IDEM: Contributions to the Ornithology of Argentina, pt. 1 — *Proc. Zool. Soc. London*: 633-36, 1868.
- 20 — CABANIS, J. L.: *Museum Heineanum*, Th. 1: 1-233, 1851.
- 21 — IDEM: In Ersch and Gruber's *Allgemeine Encyclopädie der Wissenschaften und Künste*, Sect. 1, Th. 52, 1851.
- 22 — IDEM: *Jr. für Ornithologie*, 16: 194-96, 1868.
- 23 — IDEM: *Ibidem*, 21: 72-3, 1873.
- 24 — IDEM & HEINE, F.: *Museum Heineanum*, Th. 2, 1-175, 1859-60.
- 25 — IDEM: *Ibidem*, Th. 4, Heft 1: 1-229, 1862-3.
- 26 — CHAPMAN, F. M.: *The Auk*, 7: 135-36, 1890.
- 27 — IDEM: Descriptions of five apparently new birds from Venezuela — *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, XII: 153-56, 1899.
- 28 — IDEM: Descriptions of new birds from Bolivia, Equador and Brazil — *Am. Mus. Nov.*, n.º 231: 1-7, 1926.
- 29 — CHERRIE, G. K. & REICHENBERGER, M. B.: Descriptions of proposed new birds from Brazil and Paraguay — *Am. Mus. Nov.*, LVIII: 1-8, 1923.
- 30 — CHUBB, C.: On the Birds of Paraguay — *The Ibis*, 9 (4): 571-647, 1910.
- 31 — IDEM: On a new genus, *Stictomyrmornis*, and five new genera *Synallaxis*, *Automolus*, *Philydor*, *Dendrocincla* — *Bull. Brit. Ornithologists' Club, London*, 39: 59-61, 1919.
- 32 — CORY, C. B.: Descriptions of new Birds from South America and adjacent Islands — *Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser.* 1, (8): 293-302, 1915.
- 33 — IDEM: Notes on South American Birds, with descriptions of new subspecies — *Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser.*, 1, (9): 303-35, 1915.
- 34 — IDEM: Description of apparently new South American Birds, with notes on some little known species — *Field Mus. Nat. Hist., Orn. Series*, 1 (10): 337-46, 1916.
- 35 — IDEM: Notes on little known species of South American Birds, with descriptions of new subspecies — *Field Mus. Nat. Hist., Zoöl. Ser.*, XII (1): 1-7, 1917.
- 36 — IDEM: Catalogue of Birds of the Americas. *Field Mus. Nat. Hist., Zoöl. Ser.*, XIII (2): 1-607, 1919.
- 37 — IDEM: *The Auk XXXVI*: 88-9, 1919.
- 38 — ELLIOT, D. G.: Notes on the *Trochilidae* — *The Ibis*, 4 ser., 5: 35-53, 1878.

- 39 — FERRARI-PEREZ, F.: *Proc. U. St. Nat. Mus.*, 9: 125-99, 1886.
- 40 — FORBES, W. A.: Eleven Weeks in north-eastern Brazil — *The Ibis*: 312-62, 1881.
- 41 — FRIEDMANN, H.: *The Auk*, 59: 316-7, 1942.
- 42 — GMELIN, J.: *Systema Naturae*, 1 (1): 1-500, 1788.
- 43 — IDEM: *Systema Naturae*, 1 (2): 501-1.032, 1789.
- 44 — GOULD, J.: *Proc. Zool. Soc. London*, 5: 1-165, 1837.
- 45 — IDEM: Description of a new species of the Family *Caprimulgidae* — *Proc. Zool. Soc. London*: 182, 1861.
- 46 — GRAY, J. E.: In Griffith ed. of Cuvier's *Animal Kingdom* 6: 1-548, 1829.
- 47 — GRISCOM, L. & GREENWAY, J. C.: Critical notes on new neotropical birds. *Bull. Mus. Comp. Zoology*, LXXXI, 417-37, 1937.
- 48 — GILDENSTOLPE, N.: The Bird Fauna of Rio Juruá in western Brazil — *Kungl. Svenska Vet. Handlingar, Tredje Serien*, 22 (3): 1-338, 1945.
- 49 — HARTERT, E. & GOODSON, A.: Notes and description of South American Birds — *Nov. Zool.*, 24: 410-19, 1917.
- 50 — HARTLAUB, C. J. G.: Beitrage zur exotischen Ornithologie — *Jr. Ornithologie*: 30-44, 1853.
- 51 — HELLMAYR, C. E.: *Verh. Kaiserlich-K. Zool. — Bot. Gesells., Wien*, LI: 776, 1901.
- 52 — IDEM: Bemerkungen über neotropische Vögel — *Jr. Ornithologie*, 51: 527-39, 1903.
- 53 — IDEM: *Verh. Kaiserlich-K. Zool. — Bot. Gesells., Wien*, 53: 199-226, 1903.
- 54 — IDEM: *Bull. Brit. Ornithologists' Club, London*, 16: 53-110, 1906.
- 55 — IDEM: *Abhandl. Kaiserliche Bayer. Ak. Wissens.*, II Klasse, XXII: 561-726, 1906.
- 56 — IDEM: *Nov. Zool.*, 14: 343-412, 1907.
- 57 — IDEM: *Bull. Brit. Ornithologists' Club, London*, 21: 27-8, 1907.
- 58 — IDEM: An account of the birds collected by Mons. G. A. Bayer in the State of Goiás, Brazil. *Nov. Zool.*, XV: 13-164, 1908.
- 59 — IDEM: *Bull. Brit. Ornithologists' Club, London*, 23: 65-7, 1909.
- 60 — IDEM: *Abhandl. Kaiserliche Bayer. Ak. Wissens. mathem.-physik, Klasse, XXVI* (2): 1-142, 1912.
- 61 — IDEM: *Verh. Ornithologischen Gesells. Bayern*, 12: 119-26, 1915.
- 62 — IDEM: *Ibidem*, 13: 188-200, 1917.
- 63 — IDEM: Review of the birds collected by Alcide d'Orbigny in South America. *Nov. Zool.*, XXVIII, (1): 171-213, 1921.
- 64 — IDEM: Catalogue of Birds of the Americas. *Field Mus. Nat. Hist.*, XIII, (III) 1-369, 1924.
- 65 — IDEM: Catalogue of Birds of the Americas. *Field Mus. Nat. Hist.*, XIII (4): 1-390, 1925.
- 66 — IDEM: *Ibidem*, XIII (5): 1-517, 1927.
- 67 — IDEM: A contribution to the ornithology of northeastern Brazil. *Field Mus. Nat., Zool.*, XII (18): 235-526, 1929.
- 68 — IDEM: Catalogue of Birds of the Americas. *Ibidem*, XIII (VII): 1-531, 1934.
- 69 — IDEM: *Ibidem*, XIII (IX): 1-458, 1936.
- 70 — IDEM: *Ibidem*, XIII, (XI): 1-662, 1938.
- 71 — HELLMAYR, C. E. & CONOVER, B.: Catalogue of Birds of the Americas. *Field Mus. Nat. Hist., Zool., Ser.*, XIII (1): 1-636, 1942.
- 72 — IDEM: *Ibidem*, XIII — 1 (2): 1-434, 1948.
- 73 — IDEM: *Ibidem*, XIII — 1 (3): 1-383, 1948.
- 74 — IDEM: *Ibidem*: XIII — 1 (4): 1-358, 1949.
- 75 — HERMANN, J.: *Tabula Affinitatum Animalium*, 1: 1-390, 1783.
- 76 — IHERING, H.: Novas contribuições para a ornitologia do Brasil. *Rev. Mus. Paulista*, IX: 411-48, 1914.
- 77 — IDEM & IHERING, R.: *As Aves do Brasil*, 1: 1-485, 1907.
- 78 — KAUP, J. J.: Contributions to Ornithology, 3: 1850.
- 79 — KELSO, L.: *The Auk*, LI: 522-23, 1934.
- 80 — KUHL, H.: *Conspectus Psittacorum*, 1: 1-104, pll. I-III, 1820.
- 81 — LAFRESNAYE, F.: Quelques nouvelles espèces d'Oiseaux. *Rev. Mag. Zool.* (2), 5: 56-64, 1853.
- 82 — LAFRESNAYE, F. & d'ORBIGNY, A.: Synopsis Avium, 1. *Mag. Zool.* 7, cl. 2: 1-88, 1837.
- 83 — LAMM, D. W.: Notes of the Birds of the States of Pernambuco and Paraíba. *The Auk*, LXV: 261-83, 1948.
- 84 — LATHAM, J.: *Index Ornithologicus*, 1, I-XVIII, 1-466, 1790.
- 85 — IDEM: *Ibidem* 2: 467-920, 1790.
- 86 — LAUBMANN, A.: *Wissenschaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco-Expedition, Vögel*, 1-334, 1930.
- 87 — IDEM: *Verh. Ornithologischen Gesells. Bayern*, XX: 261-592, 1934.
- 88 — IDEM: *Die Vögel von Paraguay*, I: 1-246, 1939.
- 89 — LAWRENCE, G. N.: *Ann. Lyceum of Nat. Hist. New York*, 10: 1-140, 1871.
- 90 — LESSON, R. P.: *Traité d'Ornithologie, livr. 4*, 1: 1-659, 1830.
- 91 — IDEM: *Traité d'Ornithologie, livr. 6*, 1: I+XXXII, 1-659, 1831.
- 92 — IDEM: *Centurie Zoologique*, 1831.
- 93 — IDEM: *Observations Zoologiques — Revue Zoologique*, 3: 225-7, 1840.
- 94 — LESSON, M. A.: Notes sur les Oiseaux nouveaux ou peu connus rapportés de la mer du Sud — *Revue Zoologique*, 5: 209-10, 1842.
- 95 — LESSON, R. P. & DE LATRE, M.: *Revue Zoologique*, 1-380, 1839.
- 96 — LICHTENSTEIN, M. H. C.: *Abhandl. Kaiserl. Wissensch. Berlin, Physikalische Klasse*, 1816-7.
- 97 — IDEM: *Verzeichniss von Säugethieren und Vögeln Berliner Museum*, 1818.

- 98 — IDEM: *Abhandl. Kaiserl. Ak. Wissensch. Berlin*, 1818-9, Physikalische Klasse, 1820.
- 99 — IDEM: *Verzeichniss der Doublétten des Zoologischen Museum der Berliner Universität*, 1823.
- 100 — LINNÉ, C.: *Systema Naturae*, 10.^a ed., 1: 1-824, 1758.
- 101 — IDEM: *Museum Adolphi Frederici*, 2, Prodr., (2) 3-100. (1), 1764.
- 102 — IDEM: *Systema Naturae*, 12.^a ed., 1: 1-532, 1766.
- 103 — MALHERBE, A.: *Mémoires, Société Royale des Sciences de Liège*, 2, 1845.
- 104 — MARCGRAVE, J.: *Historia Naturalis Brasiliae*, 1-293, 1648.
- 105 — MATHEWS, G. M.: *The Birds of Australis*, 2 (3): 1-527, 1912.
- 106 — MILLER, J. F.: *Various Subjects of Natural History*, pt. 3, pl. 17, 1777.
- 107 — MIRANDA-RIBEIRO, A.: Revisão dos Psittacideos Brasileiros. *Rev. Mus. Paulista*, XII (2.^a pt.): 3-82, 1920.
- 108 — IDEM: Notas ornithológicas, XIII, *Tinamidae*. *Rev. Mus. Paulista*, XXIII (20): 667-778, 1937.
- 109 — MOLLINA, G. I.: *Saggio Sulla Storia Naturale del Chile*, 1-367, 1782.
- 110 — MÜLLER, P. L. S.: *Natursystem*, Supplements, 1776.
- 111 — NATERER, J.: *Proc. Zool. Soc. London*, 5: 1-165, 1837.
- 112 — NAUMANN, J. A.: *Naturgeschichte der Vögel Deutschlands*, 3: 509-996, 1823.
- 113 — NAUMBURG, E. M. B.: The Birds of Mato Grosso, Brazil. *Bull. A. M. Nat. Hist.* LX (1): 1-432, 1930.
- 114 — IDEM: Three new Birds from northwestern Brazil. *Am. Mus. Nov.*, 554: 1-9, 1932.
- 115 — IDEM: Studies of Birds from eastern Brasil and Paraguay. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, LXXIV (3): 139-225, 1938.
- 116 — IDEM: *Ibidem*, LXXVI (4): 231-76, 1939.
- 117 — NEUMANN, O.: Three new races of *Penelope superciliaris*. *Bull. Brit. Ornith. Club, London*, 53: 93-5, 1933.
- 118 — NORDMANN, A.: *In Erman's Reise Naturhistorischer, Atlas*, 1835.
- 119 — OBERHOLSER, H. C.: *Pr. Biol. Soc. Washington*, 32: 1-288, 1919.
- 120 — ORD, G.: *Am. Ornithology*, 9: V + LVII, 1-133, 1814.
- 121 — OTTO: *Buffon's Naturgeschichte der Vögel*, 23, 1796.
- 122 — PALLAS, P. S.: *Neue Nordisch Beyträge*, 3, 1782.
- 123 — PELZELN, A.: *Sitzungsb. Kaiserl. Ak. Wissensch. Wien*, mathematisch-naturwissenschaftliche Klasse, 34, 1859.
- 124 — IDEM: *Ornithologie Brasiliens*, *Aoth.* 2: 69-188, 1868.
- 125 — IDEM: *Ibidem*, *Abth.* 3: 189-462, 1868.
- 126 — PETERS, J. L.: Notes on some summer birds of northern Patagonia — *Bull. Mus. Comp. Zool.*, LXV: 275-337, 1923.
- 127 — IDEM: A new hawk of the genus *Geranoospiza* — *Proc. Biol. Soc. Washington*, XLVIII: 71-2, 1935.
- 128 — IDEM: *Check-List of Birds of the World*, III: 1-311, 1937.
- 129 — IDEM: *Ibidem*, V: 1-306, 1945.
- 130 — IDEM: *Ibidem*, VII: 1-318, 1951.
- 131 — PINTO, O. M. O.: Resultados ornithológicos de uma excursão pelo oeste de São Paulo e sul de Mato Grosso. *Rev. Mus. Paulista*, XVII (2): 691-826, 1932.
- 132 — IDEM: Aves da Bahia. *Ibidem*, XXII: (pt. 1.^a): 1-565, 1938.
- 133 — IDEM: Contribuição à ornithologia de Goiás. *Ibidem*, XX: 1-171, 1936.
- 134 — IDEM: Catalogo das Aves do Brasil. *Ibidem*, XXII: (pt. 1.^a): 1-565, 1938.
- 135 — IDEM: *Bol. Biol.*, N. S., São Paulo, 4, 1939.
- 136 — IDEM: Aves de Pernambuco — *Arq. Zool. Est. São Paulo*, 1: 219-82, 1940.
- 137 — IDEM: Nova contribuição à ornithologia do Recôncavo (Bahia). *Pap. Avulsos Dep. Zool.*, São Paulo, III: 265-84, 1943.
- 138 — IDEM: *Catalogo das Aves do Brasil*, (pt. 2.^a), Sec. Agric. Est. São Paulo, I: 1-700, 1944.
- 139 — IDEM: *Rev. Argentina de Zoogeografia*, V: 1945.
- 139-A — IDEM: Cinquenta anos de Investigaçao Ornithologica — *Arq. Zool. Est. São Paulo*, 4: 261-340.
- 140 — IDEM: Contribuição à ornithologia do baixo Amazonas — *Arq. Zool. Est. São Paulo*, V (6): 311-480, 1947.
- 141 — IDEM: Notas e impressões naturalísticas de uma viagem fluvial a Cuiabá. *Bol. Mus. Paraense E. Goeldi*, Pará X: 331-54, 1948.
- 142 — IDEM: — Conceito atual e nomenclatura revista das aves alistadas no "Catalogo de E. Sneathlage". *Ibidem*, X: 1-80, 1948.
- 143 — IDEM: Da Classificação e Nomenclatura dos Surucuás Brasileiros. (*Trogonidae*) — *Pap. Avulsos Dep. Zool.*, São Paulo, IX (9): 89-136, 1950.
- 144 — IDEM: Resultados ornithológicos de duas viagens científicas ao Estado de Alagoas. *Ibidem*, XII (1): 1-98, 1954.
- 145 — PINTO, O. M. O. & CAMARGO, E. A.: Sobre uma coleção de aves da região do Rio das Mortes (Estado de Mato Grosso) — *Ibidem*, VIII (26): 287-336, 1948.
- 146 — IDEM: Nova contribuição à ornithologia do Rio das Mortes — *Ibidem*, X (11): 213-34, 1952.
- 146-A — IDEM: Resultados ornithológicos de uma expedição ao Território do Acre — *Ibidem*, XI (23): 371-418.
- 147 — IDEM: Sobre uma coleção de aves da região de Cachimbo (sul do Pará) — *Ibidem*, XII (4): 51-69, 1957.
- 148 — PUCHERAN, J.: Mémoire sur les types peu connus de Passereaux Dentirostres — *Arch. Mus. d'Hist. Nat.*, Paris, 7: 321-84, 1855.

- 148-A — RAND, A. L. Races of the Short-Tailed Hawk, *Buteo branchyrus*, *The Auk*, 77 (4): 448-59, 1960.
- 149 — REICHENBACH, C.: *Mag. des Tierr.*, Erlangen, 1, 1795.
- 150 — REICHENBACH, H. G. L.: *Synopsis Avium, Columbariae*, (3), 1847.
- 151 — IDEM: *Handbuch der speciellen Ornithologie, cont. X Scansoriae: A. Sittinae*, 145-218, 43 pls. col., 1853.
- 152 — IDEM: *Ibidem*, cont. XII Scansoriae: C. Picinae, 337-434, 66 pls. col., 1854.
- 153 — REICHENBERGER, E. M. B.: *Anzeiger der Ornithologischen Gesellschaft in Bayrner Munchen*, 1 (6): 43-4, 1922.
- 154 — REISER, O.: *Ornithologische Monatsberichte*, 13: 210, 1905.
- 155 — IDEM: *Denksch. Ak. Wissensch. Wien, math.-naturwiss. Klasse*, 76: 55-100, 1910.
- 156 — IDEM: *Ibidem*, 76: 102-252, 1925.
- 157 — RIDGWAY, R.: *Proc. U. S. Nat. Mus.* 10: 572-97, 1888.
- 158 — IDEM: The Birds of north and middle America — *Bull. U. S. Nat. Mus.*, 50 (5): 1-859, 1911.
- 159 — SALOMONSEN, F.: *Pr. Xth. Intern. Ornith. Congr., Upsala*, 149-154, 1951.
- 160 — SALVADORI, T.: *The Ibis*: 367-70, 1890.
- 161 — IDEM: *Boll. Mus. Zool. Torino*, 10 (n.º 208): 1-24, 1895.
- 162 — IDEM: *The Ibis*, 1896.
- 163 — IDEM: *The Ibis*, (7) 6: 667-74, 1900.
- 164 — SALVIN, O. & GODMAN, F.: *Ibidem*, (5) (1): 203-12, 1883.
- 165 — SCLATER, P. L.: *Proc. Zool. Soc. London*, 27: 191-7, 1859.
- 166 — IDEM: *Catalogue of a Collection of American Birds*, I + XLV, 1-338, 1862.
- 167 — IDEM: *Pr. Zool. Soc. London*: 320-4, 1866.
- 168 — IDEM: *Catalogue of the Birds in the British Museum*, XII, 1-494, 1888.
- 169 — SCLATER, P. L. & SALVIN, O.: *Pr. Zool. Soc. London*: 129-34, 1869.
- 170 — IDEM: *Nomenclator Avium Neotropicalium*, I + VIII, 1-163, 1873.
- 171 — SEEBOHM, H.: *Catalogue of the Birds in the British Museum*, V: 1-426, 1881.
- 172 — SHARPE, R. B.: *Idem*, 17: 1-522, 1892.
- 172-A — SICK, H.: Ein neuer Sittich aus Brasilien: *Aratinga cactorum paraënsis*. *Jr. Ornithologie*, 100 (4): 413-6, 1959.
- 173 — SMITH, E. T.: *Fieldiana-Zoology*, 39 (34): 379-85, 1960.
- 174 — SNETHLAGE, E.: *Jr. Ornithologie*, 72: 446-50, 1924.
- 175 — IDEM: *Ibidem*, 73: 264-74, 1925.
- 176 — IDEM: *Bol. Mus. Nacional, Rio de Janeiro*, IV (2), 1928.
- 177 — SPIX, J. B.: *Avium Species Novae Brasiliam*, 1: 1-90 + 47, 1824.
- 178 — IDEM: *Ibidem*, 2: 1-85, 1825.
- 179 — STRESEMANN, V.: *The Auk*, LXXVI: 360-61, 1959.
- 180 — SWAINSON, W.: *Memoirs Wernerian Natural History Society*, 3, 1821.
- 181 — IDEM: *Quart. Jr. Sci. Litt. & Arts. Roy. Inst.*, XX, 1826.
- 182 — IDEM: *Zool. Illustrations*, (n. s.), 2, pl. 57, 1832.
- 183 — IDEM: *On the Natural History and Classification of Birds*, 2, V-VI: 1-398, 1837.
- 184 — IDEM: *Animals in Menageries*, 1, V-VI: 1-373 + 1, figs. 1-71, 1837.
- 185 — IDEM: *Ornithological Drawings of Birds from Brazil*, pt. 5, pl. 49, 1837.
- 186 — SWANN, H. K.: *A Synopsis of the Accipitres*, 1-233, 1922.
- 187 — IDEM: *A Monograph of the Birds of Prey*, II: 1-538, 1945.
- 188 — TEMMINCK, C. J.: "in *Themminck and Knip*", *Les Pigeons*, 1, *Les Colombes*, 1-128, 1810.
- 189 — IDEM: *Ibidem*, 1, *Les Colombi-Gallines*, 1-30, 1811.
- 190 — IDEM: *Nouveau Recueil de Planches Coloriées d'Oiseaux*, livr. 2, pl. 11, Fig. 1, Sept. 1820.
- 191 — IDEM: *Ibidem*, livr. 12, pl. 72, fig. 2, July; livr. 16, pl. 91, Nov., 1821.
- 192 — IDEM: *Ibidem*, livr. 21, pl. 121 (immature), April; livr. 24, pl. 144, fig. 3, July; livr. 25, pl. 146, Aug., 1822.
- 193 — IDEM: *Ibidem*, livr. 35, pl. 205, June, 1823.
- 194 — IDEM: *Ibidem*, livr. 46, pl. 275, fig. 1, May; livr. 49, pl. 293, Aug., 1824.
- 195 — IDEM: *Ibidem*, livr. 74, pl. 437, Sept., 1827.
- 196 — THUNBERG, C. B.: *Mémoires Académie Imperiale des Sciences St. Petersburg*, 8, 1822.
- 197 — TODD, J. C.: Critical remarks on the Toucans. *Pr. Biol. Soc. Washington*, 56: 153-62, 1943.
- 198 — IDEM: Critical remarks on the Wood-Hewers. *Ann. Carnegie Mus.*, 31 (2): 1-18, 1948.
- 199 — VIEILLOT, L. J. P. *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, nouv. éd.*, 3: 1-560; *Ibidem*, 4: 1-602; *Ibidem*, 5: 1-614, 1816.
- 200 — IDEM: *Ibidem*, 7: 1-586; *Ibidem*, 8: 1-602; *Ibidem*, 10: 1-591; *Ibidem*, 11: 1-602; *Ibidem*, 14: 1-627, 1817.
- 201 — IDEM: *Ibidem*, 25: 1-610, 1817 (1818).
- 202 — IDEM: *Ibidem*, 20: 1-586; *Ibidem*, 22: 1-618; *Ibidem*, 27: 1-586, 1818.
- 203 — IDEM: *Ibidem*, 28: 1-570; *Ibidem*, 29: 1-576; *Ibidem*, 34: 1-578; *Ibidem*, 35: 1-572, 1819.
- 204 — VIGORS, N. A.: *The Zoological Journal*, 2 (5): 1825.
- 205 — WAGLER, J. G.: *Systema Avium*, 1, fol. 19, Genus *Crypturus*, sp. 13, 1827.
- 206 — IDEM: *Ibidem*, 1, fol. 5, Genus *Charadrius*, sp. 48, partim, 1827.
- 207 — WETMORE, A.: *United States National Museum, Bull.* 133: 1-448, 1926.
- 208 — WIED-NEUWIDE, M.: *Reise nach Brasilien*, 1: 1-380, 1820.
- 209 — IDEM: *Ibidem*: 2: 1-345, 1821.
- 210 — IDEM: *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*, 3, *Abth.* 1: 1-636, 1830.
- 211 — IDEM: *Ibidem*, 3, *Abth.* 2: 637-1.277, 1831.

- 212 — IDEM: *Ibidem*, 4, *Abth. 1-2*: 1-944, 1832.
- 213 — WILSON, A.: *American Ornithology*, 7, *III-XII*: 1-132, pl. 55-63, 1813..
- 214 — ZIMMER, J. T.: Studies of Peruvian Birds. *Am. Mus. Novitate*, N.º 1.066: 1-23, 1940.
- 215 — IDEM: *Ibidem*, n.º 1.108: 1-23, 1941.
- 216 — IDEM: *Ibidem*, n.º 1.159: 1-12, 1942.
- 217 — IDEM: *Pr. Biol. Soc. Washington*, *LVIII*: 45-6, 1945.
- 218 — IDEM: New Birds from Pernambuco, Brazil. *Pr. Biol. Soc. Washington*, *LX*: 99-106, 1947.
- 219 — IDEM: Studies of Peruvian Birds. *Am. Mus. Novitates*, n.º 1.345: 1-23, 1947.
- 220 — IDEM: Studies of Peruvian Birds. The Family *Trogonidae*. *Ibidem*, n.º 1.380: 1-56, 1948.
- 221 — IDEM: Studies of Peruvian Birds. *Ibidem*, n.º 1.463: 1-28, 1950.
- 222 — IDEM: *Ibidem*, n.º 1.605: 1-16, 1953.
- 223 — IDEM: Further Notes on Tyrant Flycatchers. *Ibidem*, n.º 1.749, 1-24, 1955.
- 224 — ZIMMER, J. T. & PHELPS, W. H.: Four new subspecies of Birds from Venezuela. *Ibidem*, n.º 1.395, 1-9, 1949.

RÉSUMÉ

Les auteurs exposent dans cet travail les résultats ornithologiques de quatre expéditions que le Departamento de Zoologia a faites aux années de 1957 et 1958 dans les États est-brésiliens de Bahia (seulement le coin ouest-septentrional), Alagoas, Paraíba et Ceará.

Le examen critique du riche matériel en question a permis d'y reconnaître la présence de plusieurs nouvelles formes de valeur sous-spécifique, dont les principaux caractères diagnostiques sont ci-dessous décrits. L'occasion est profitée pour décrire, en addition, deux formes étrangères aux régions parcourues.

Reinarda squamata orientalis, type de Icarai (Ceará). Semblable à *R. s. squamata*, mais avec le plumage beaucoup plus claire, notamment celui des parties supérieures, qui sont brunes (au lieu de noires), lustrées d'olivâtre.

Momotus momota marcgraviana, type de Mamanguape (Paraíba). Semblable à *M. m. parensis*, mais en s'écartant, avant tout, par la grande réduction, sinon l'absence complète, de la tache châtaigne nucale.

Selenidera gouldii baturitensis, type de Serra de Baturité (Ceará). En s'écartant de *S. g. goul-*

dii, d'une part, par sa taille proportionnellement bien plus petite, le bec y compris; d'autre part, par l'étendue plus grande de la tache noire de la moitié supérieure du bec.

Picumnus limae saturatus, type de Curema (Paraíba). S'écartant de *P. l. limae*, avant tout, par la couleur ochreuse, presque ferrugineuse, des parties inférieures du corps et des faces latérales du cou.

Picumhus pygmaeus distinctus, type de île de Madre-de-Deus (baie de Todos os Santos, à Bahia). Avec le plumage plus obscur, et absence de taches lenticulaires à l'abdomen et aux couvertures sous-caudales.

Cyanocorax chrysops insperatus, type de Cachimbo (sud-ouest du Para). Différant de *C. c. chrysops* par son bec plus réduit, la couleur bleuâtre (au lieu de blanche pure) de la nuque, la teinte fuligineuse du dos, etc.

Au regard de la nomenclature, on propose la substitution de *Thraupis sayaca* Auctorum par *T. prelati* (Lesson), vu que sous le nom de "Sayacu brasiliensibus" Marcgrave a bien décrit le saguaçou" verdâtre, couramment nommé, d'après Wied, *T. palmarum*.